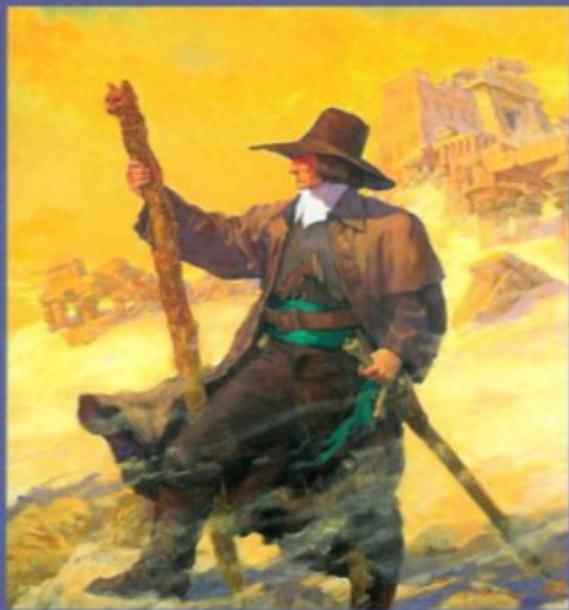

ROBERT E. HOWARD

CONTOS SELVAGENS DE

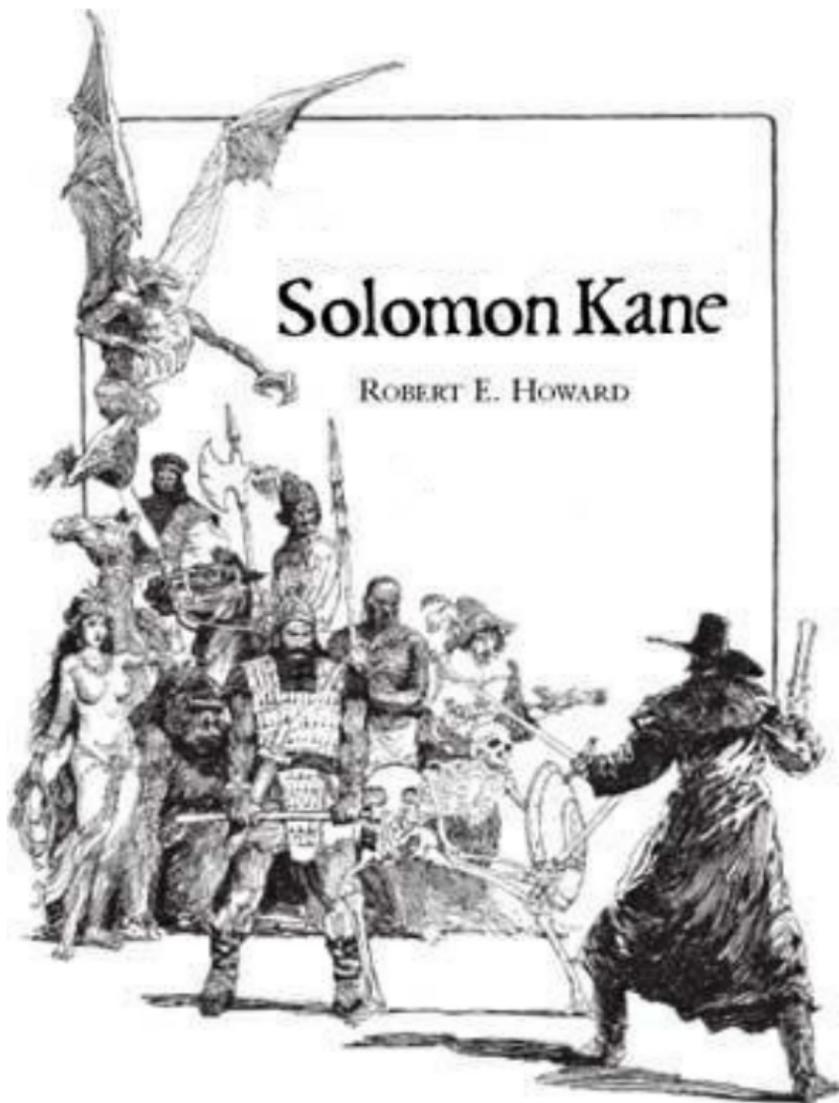
SOLOMON
KANE





Solomon Kane

ROBERT E. HOWARD



IN MEMORIAM

A súbita e inesperada morte a 11 de Junho (1936) de Robert Ervin Howard, autor de fantásticos contos de uma vivacidade incomparável, representa a maior perda da ficção desde o falecimento de Henry S. Whitehead há quatro anos atrás. O Sr. Howard nasceu em Peaster, Texas, a 22 de Janeiro de 1906, com idade suficiente para ter assistido à última fase dos pioneiros do sudoeste - o colonizar das grandes planícies e do vele do Rio Grande, e a espectacular ascensão da indústria do petróleo e o "boom" das cidades. O pai dele, que viveu para ver a morte do filho, era um dos pioneiros, um médico da região. A sua família viveu no Sul, Este, e Oeste do Texas, e no Oeste de Oklahoma; nos últimos anos em Cross Plains, perto de Brownwood, Texas. Criado no ambiente da fronteira, o Sr. Howard cedo se tornou um adepto das suas tradições homéricas viris. O seu conhecimento da sua história e das tradições do povo eram profundas, e as descrições e reminiscências contidas nas suas cartas particulares ilustram a eloquência e o poder com que continuaria a sua escrita se tivesse tido uma vida mais longa.

O Sr. Howard vinha de uma família de plantadores do Sul - de origem Escocesa-Irlandesa, a maioria dos seus antecessores viviam na Geórgia e Carolina do Norte no século XVIII. Começando a escrever aos quinze anos, o Sr. Howard publicou a sua primeira história três anos mais tarde quando era estudante no Howard Payne College em Brownwood. Esta história "Lança e Presa", foi publicada no Weird Tales em Julho de 1925. Obteve uma maior notoriedade com a novela "Wolfshhead" na mesma revista em Abril de 1926. Em Agosto de 1928, começou os contos de "Salomão Kane", um Puritano inglês de impiedosos duelos cujas aventuras o levaram aos lugares mais invulgares do mundo - incluindo as desconhecidas e assombrosas ruínas de cidades dos primórdios em selvas africanas.

Com estes contos o Sr. Howard atingiu o que provou ser um dos seus feitos mais eficazes - a descrição de cidades megalíticas do mundo antigo, sob cujos labirintos e torres negras se escondia uma áurea de medo pré-humano e necromancia que nenhum outro escritor poderia imitar. Estes contos também marcaram o desenvolvimento dessa habilidade do Sr. Howard e o gosto pelo conflito sanguíneo que se tornou tão típico do seu trabalho. Salomão Kane, como outros heróis do escritor, fora concebido enquanto jovem, muito antes da sua incorporação em qualquer história. Sempre um estudante entusiasta da antiguidade celta e de outras fazas da história remota, o Sr. Howard começou em 1929 - com "The Shadow Kingdom", em Agosto no Weird Tales - a sucessão de histórias do pré-histórico mundo pelo qual rapidamente se tornou famoso. Os primeiros contos descreviam uma era muito antiga na história da humanidade -

quando Atlântida, Lemúria, e Mú estavam acima do nível do mar, e quando as sombras dos pré-humanos homens-répteis, apareciam em cena. Entre estes, a figura central era o Rei Kull da Valúsia. No *Weird Tales* de Dezembro de 1932, saiu o "The Phoenix on the Sword" - o primeiro dos contos do Rei Conan, o cimério, que apresentou um mundo pré-histórico mas em data posterior; há cerca de 15.000 anos, precisamente antes dos primeiros leves vestígios de história registados.

O extenso conteúdo e a consistência com que o Sr. Howard desenvolveu este mundo de Conan nas suas histórias posteriores é bem conhecido de todos os fãs da fantasia. Para sua própria orientação, ele preparou um esboço "quasi-histórico" de infinita inteligência e imaginação fértil - agora uma série publicada no *The Phantagraph* conhecida pelo nome de "Era Hiboriana". Entretanto o Sr. Howard tinha escrito muitos contos pictos e celtas, incluindo uma notável série de contos há cerca do chefe Bran Mak Morn. Poucos leitores alguma vez esquecerão o hediondo e contagiante poder da macabra obra "Worms of the Earth", publicado no *Weird Tales* de Novembro de 1932. Outros poderosos contos de ficção não estão incluídos em nenhuma série - entre eles o memorável "Skull Face", e uns poucos contos distintos passados no tempo moderno, tais como o recente "Black Canaan", com o seu cenário regional genuíno e a sua contagiante imagem de horror que acompanha todos os recantos sombrios, penumbras amaldiçoadas, e os pântanos repletos de serpentes do longínquo sul da América. Fora do campo da fantasia o Sr. Howard era surpreendentemente prolífero e versátil.

O seu intenso interesse pelo desporto - algo que está provavelmente ligado ao seu amor pelo conflito primitivo e pela força - levou-o a criar o premiado herói "Sailor Steve Costigan", cujas aventuras em distantes e curiosos lugares, maravilharam os leitores de muitas revistas. As suas novelas de cariz oriental revelaram ao extremo a sua mestria nas românticas aventuras de capa-e-espada, enquanto os seus frequentes contos da vida no Oeste - tais como as séries "Breckenridge Elkins" - revelavam a sua crescente habilidade e inclinação para reflectir os cenários com que estava directamente familiarizado. A poesia do Sr. Howard - misteriosa, guerreira, e aventureira - não era menos notável do que a sua prosa. Tinha o verdadeiro espírito da balada e do épico, e era marcada por um pulsante ritmo e potente imaginário de uma qualidade extremamente distinta. Muita da poesia, em forma de supostas citações de escritas antigas, servia para encabeçar os capítulos das suas novelas. É pena que nenhuma colecção tenha sido publicada, e apenas podemos esperar que tal coisa possa ser postumamente editada e contextualizada. O carácter e os feitos do Sr. Howard foram únicos. Ele era, acima de tudo, um amante da simplicidade do mundo antigo, da barbárie e dos pioneiros, quando a coragem e a força tomavam o lugar da subtilidade e dos

estratagemas, e quando uma dura e destemida raça batalhou e sangrou sem pedir nada à hostil natureza. Todas as suas histórias reflectem esta filosofia, e dela extraem uma vitalidade que se pode encontrar em poucos escritores da sua época.

Ninguém escrevia mais convincentemente sobre violência e sangue derramado, e as suas descrições de batalhas revelavam uma aptidão instintiva para táticas militares que lhe trariam distinções em tempos de guerra. Os seus verdadeiros dons eram ainda superiores ao que os seus leitores poderiam supor, e se tivesse vivido teria sido mais fácil de deixar a sua marca na literatura séria com algum épico do seu amado Sudoeste. É difícil descrever exactamente o que fez com que os contos do Sr. Howard se destacassem de forma tão pronunciada; mas o verdadeiro segredo é que ele próprio se encontrava em todos eles, quer fossem ostensivamente comerciais ou não.

Ele era mais do que qualquer política lucrativa que pudesse adoptar - pois mesmo quando aparentemente fazia cedências a críticos e editores de estilo Mammon, ele tinha uma força interior e sinceridade que quebrava a superfície e impunha o seu cunho pessoal em tudo o que escrevia. Raramente, se é que alguma vez o fez, criou uma personagem vazia ou mesmo uma situação, e depois os deixou dessa forma. Depois de concluir, tinham sempre mais um tom de vitalidade e realidade do que uma política editorial popular - bebia sempre em algo da sua experiência pessoal e conhecimento da vida em vez de superficialidades estereis. Não só sobressaía em imagens de luta e carnificina, como também estava praticamente sozinho na sua habilidade de criar emoções reais de medos espectrais e suspense. Nenhum autor - mesmo nos mais humildes campos da literatura - pode verdadeiramente sobressair a menos que leve o seu trabalho muito a sério; e o Sr. Howard levava, mesmo nos casos em que conscientemente achava que não o fazia.

Tal artista genuíno, falecer enquanto centenas de copiadores desonestos continuam a forjar falsos fantasmas e vampiros e naves espaciais e detectives do oculto, é uma triste ironia cósmica. O Sr. Howard, familiarizado com muitas facetas da cultura do Sudoeste, vivia com os seus pais numa vila semi-rural de Cross Plains, Texas. A escrita era a sua única profissão. Os seus gostos na escrita eram abrangentes, e incluíam pesquisa histórica de notável profundidade em campos tão distintos como o Sudoeste Americano, a Grã-bretanha e a Irlanda pré-históricas, e o mundo pré-histórico Oriental e Africano. Em literatura preferia o viril ao subtil, e repudiava o modernismo completamente. Jack London era um dos seus ídolos. Era um liberal na política, e um adversário amargo de qualquer tipo de injustiça social. Os seus passatempos favoritos eram o desporto e as viagens - a última dava sempre azo a maravilhosas cartas descritivas repletas de

reflexões históricas.

O humor não era a sua especialidade, embora tivesse por um lado um apurado sentido de ironia, e por outro um bom coração, cordialidade, e sociabilidade. Apesar de ter numerosos amigos, o Sr. Howard não pertencia a nenhum grupo literário e considerava aberrantes todos os cultos de afectação "artística". A sua admiração era dedicada à força de carácter e força física mais do que à proeza escolástica. Com os seus companheiros escritores no campo da fantasia ele correspondia-se intensamente e interessadamente, mas nunca conheceu mais do que um pessoalmente: o talentoso E. Hoffmann Price, cujos variados feitos o impressionaram profundamente.

O Sr. Howard tinha quase um metro e oitenta de altura, com uma estrutura massiva de um lutador nato. Ele era, salvo os seus olhos azuis celtas, de aparência morena; e nos anos mais tardios pesava cerca de noventa quilos. Sempre um discípulo da impetuosidade e vida enérgica, alvitava mais do que a sua personagem mais famosa - o intrépido guerreiro, aventureiro, conquistador de tronos, Conan, o cimério. A sua perda com a idade de trinta anos é uma tragédia de primeira magnitude, e um forte golpe do qual a ficção fantástica não vai recuperar tão cedo. A biblioteca do Sr. Howard foi doada ao colégio Howard Payne, onde formará o núcleo da Colecção Memorial de livros, manuscritos e cartas de Robert E. Howard.

Por H. P. Lovecraft

As Caveiras nas Estrelas

E dos assassinos que erram DeCaim sob o tormento, Com rubra turbação no olhar E ígneos de pensamento: Do sangue que lhes deixou n'alma Eterno laivo cruento.

—HooD

CAPÍTULO PRIMEIRO

SÃO DUAS, AS ESTRADAS ^{que} levam a Torkertown. O caminho mais curto e directo percorre uma charneca alta, e o outro, bastante mais comprido, serpenteia tortuosamente por entre os cabeços e atoleiros dos pântanos, na orla dos montes baixos para oriente. Trata-se de um carreiro perigoso e enfadonho; de modo que Salomão Kane se deteve, estupefato, quando um rapaz esbaforido, vindo da aldeia que acabara de deixar para trás, o alcançou e lhe rogou por amor de Deus que tomasse o caminho do pântano.



— O caminho do pântano! — Kane olhou espantado para o rapaz. Era um homem alto e magro, este Salomão Kane, de uma palidez

ensombrada e olhos fundos melancólicos que o pesado traje de puritano tornava ainda mais sombrios.

— Sim, senhor, é muito mais seguro — respondeu o rapazito.

— Satanás em pessoa deve assombrar a estrada da charneca, então, que os teus compadres me avisaram para não viajar pela outra.

— É por causa dos atoleiros que podeis não ver no escuro. É melhor que volteis à aldeia e prossigais viagem de manhã, senhor.

— Pelo caminho do pântano?

— Sim, senhor.

Kane encolheu os ombros e abanou a cabeça.

— A lua irá nascer mal o sol se ponha. Se for pela charneca ao luar, estarei em Torkertown numa questão de horas.

— O senhor é melhor não ir. Ninguém vai por aí. Não há casa nenhuma na charneca, enquanto no pântano sempre há a casa do velho Ezra, que vive lá sozinho desde que o maluco do primo, o Gideon, fugiu e morreu no pântano e nunca foi encontrado; e o Ezra, apesar de avarento, não vos recusaria albergue se quisésseis descansar até de madrugada. Se tendes mesmo que ir, ide pelo caminho do pântano.

Kane lançou um olhar penetrante ao rapaz, que se mostrou atrapalhado e arrastou os pés pelo chão.

— Se a charneca é tão inclemente para com os viajantes — respondeu o puritano, — para quê tanto segredo em vez de me contardes toda a história?

— As pessoas não gostam de falar disso. Tínhamos esperança que fosseis pelo caminho do pântano, como os homens aconselharam, mas quando fomos espreitar e vimos que o senhor não tinha virado na bifurcação, mandaram-me correr atrás de vós para vos pedir que mudásseis de ideias.

— Com mil diabos! — exclamou Kane bruscamente. A imprecação pouco habitual revelava a sua irritação. — É o pântano, é a charneca: que há ali de tão ameaçador que me obrigue a fazer um desvio de quilómetros, para me arriscar pelo lodo e pela lama?

— Vede bem, senhor — disse o rapaz, baixando a voz e aproximando-se, — somos gente simples que não gosta de falar destas coisas, não advenha daí má sorte, mas a estrada da charneca é um caminho maldito, que há mais de um ano não é percorrido por pessoas do campo. Andar pelos montes à noite é a morte certa, e já boas dúzias de desgraçados a encontraram. A estrada está assombrada por uma aberração qualquer que devora todos os homens.

— E que aberração é essa?

— Ninguém sabe. Ninguém que a tivesse visto sobreviveu para contar, mas quem sai à noite ouve gargalhadas terríveis vindas da lezíria e há quem tenha ouvido os gritos das suas vítimas. Senhor, rogo-vos por Deus, volta para a aldeia e passai lá a noite, para que tomeis amanhã o carreiro através do pântano.



Uma luz cintilante surgiu no fundo dos olhos melancólicos de Kane,

como uma vela de feiticeira nas profundezas de um glaciário cinéreo. O sangue avivou-se. Aventura! O fascínio do risco e da batalha! O frémito de loucas e perigosas emoções! Não que Kane reconhecesse estas sensações como tal. Acreditava sinceramente dar voz a sentimentos genuínos quando afirmou:

— Estes são actos de uma potência maligna. Os senhores das trevas amaldiçoaram o campo. É preciso um homem de firmeza para defrontar Satanás e as suas forças. Por isso, irei lá eu, que tantas vezes o desafiei.

— Senhor — começou o rapaz, mas fechou a boca ao aperceber-se de que era inútil discutir. Limitou-se a acrescentar: — Os cadáveres das vítimas são pisados e desfeitos.



Deixou-se ali ficar, na encruzilhada, a suspirar de arrependimento, enquanto observou a magra figura subir o caminho na direcção da charneca.

Era pôr-do-sol quando Kane alcançou o cume do monte baixo que desembocava na lezíria. Enorme e vermelho de sangue, o sol afundou-se no horizonte lúgubre da charneca, parecendo atear fogo à erva viçosa; por um instante, o observador teve a impressão de contemplar um oceano de sangue. As sombras pardas deslizaram então do leste, e o fogo no poente esmoreceu, e Salomão Kane caminhou resolutivo pela noite dentro.

O carreiro encontrava-se diminuído pela falta de uso, mas ainda assim bem definido. Kane avançou depressa mas com cautela, mantendo a

espada e as pistolas à mão. As estrelas apagaram-se e vendavais noturnos sussurraram por entre a erva como espectros num pranto. A lua, seca e macilenta, subiu nos céus como uma caveira entre as estrelas.

Kane deteve-se subitamente. Algures à sua frente soou um eco estranho e sinistro, ou algo que se assemelhava a um eco. E de novo, agora mais alto. Kane recomeçou a caminhar. Traíam-no, os sentidos? Não!

Ao longe, repicou o sussurro de uma risada medonha. E outra vez, agora mais perto. Nenhum ser humano jamais se rira assim: sem alegria, apenas ódio e aversão e um medo de arrasar a alma. Kane deteve-se. Não sentia medo, mas por um segundo quase perdera o alento. A trespassar aquelas gargalhadas assustadoras, surgiu então o som de um grito indubitavelmente humano. Kane precipitou-se para a frente, acelerando o passo. Amaldiçoou as luzes ilusórias e as sombras vacilantes que encobriam a charneca ao nascer da lua e lhe atraíam a vista. As gargalhadas persistiram, cada vez mais ruidosas, tal como os gritos. Ouviu-se então, vagamente, o rufar frenético de pés humanos. Kane lançou-se numa corrida.



Um ser humano fugia da morte naquela lezíria, perseguido só Deus sabia por que espécie de aberração. O som de passos em corrida cessou abruptamente e a gritaria tornou-se insuportável, entrecortada por sons outros, abomináveis e hediondos. O homem fora evidentemente ultrapassado, e Kane, percorrido por um arrepio, imaginou um monstruoso demônio das trevas agachado sobre a vítima, dilacerando-a.

O silêncio insondável da lezíria deu então lugar ao som de um curto e terrível rebuliço, e as passadas voltaram a ouvir-se, porém vacilantes e desiguais. A gritaria continuava, mas com um gorgolejar ofegante. O suor gelou na testa e no corpo de Kane. O medo adensava-se de uma forma intolerável.

Meu Deus, dai-me um instante de claridade! O drama aterrado encenava-se a muito curta distância, a julgar pela facilidade com que os sons chegavam aos ouvidos de Kane. Mas o infernal lusco-fusco cobria tudo

de sombras inconstantes, de modo que a charneca se mostrava numa névoa de ilusões esbatidas, por entre a qual as árvores e arbustos raquíticos se assemelhavam a gigantes.

Kane deu um berro, esforçando-se por acelerar o passo. Os gritos do desconhecido transformaram-se num hediondo guincho estridente; e, de novo, o som de contenda, e das sombras da erva alta cambaleou algo, algo que antes fora um homem, espavorido e coberto de sangue, que caiu aos pés de Kane, e se contorceu e rojou no pó, e levantou a cara desfigurada para a lua, balbuciando lamúrias, e de novo tombou, morto numa poça do seu próprio sangue.

A lua estava agora alta no céu e a luz era melhor. Kane inclinou-se sobre o cadáver, que jazia rígido e abominavelmente mutilado, e estremeceu de medo: um acontecimento raro para quem testemunhara os feitos da Inquisição Espanhola e dos caçadores de bruxas.

Um viajante qualquer, supôs. E, como se uma mão gelada lhe tivesse percorrido a espinha, apercebeu-se nessa altura de que não estava só. Levantou o olhar frio e penetrou com ele as sombras de onde o morto tinha cambaleado. Não viu nada, mas sabia — sentia — que outros olhos lhe retribuíam o fito, olhos terríveis que não deste mundo. Levantou-se e puxou da pistola, expectante. O luar espalhou-se como um lago de sangue pálido sobre a charneca, e as árvores e a erva retomaram as suas devidas proporções.

As sombras dissiparam-se, e Kane pôde então ver! A princípio, julgou tratar-se apenas de uma sombra de nevoeiro, um farrapo de neblina que pairava na erva alta à sua frente. Olhou-a atentamente. Mais uma ilusão, pensou. Vaga e indistinta, a sombra começou então a ganhar forma. Dois olhos hediondos inflamaram-se: olhos que continham em si o mais puro e absoluto dos horrores, herança humana da terrível alvorada dos tempos; olhos medonhos e doentes, com uma insanidade que transcendia qualquer loucura terrena. O seu aspecto era vago e enevoado, uma imitação grotesca e enlouquecedora da figura humana; semelhante, mas ao mesmo tempo abominavelmente desigual. A erva e arbustos para lá do espectro mostravam-se nítidos através deste.



Kane sentiu o sangue latejar-lhe nas têmporas, porém permaneceu fric como o gelo. Não conseguia perceber como é que um ser tão instável como o que vacilava à sua frente podia agredir fisicamente um homem, porém o horror vermelho a seus pés era testemunho silencioso de que o demónio podia agir com terríveis efeitos materiais.



De uma coisa Kane estava certo: não seria perseguido pela charneca desolada, nem gritaria e fugiria apenas para ser apanhado uma e outra vez. Se tivesse que morrer, morreria de pé, com as feridas no peito.

Escancarou-se então uma boca medonha e indistinta, e as gargalhadas demoníacas voltaram a chirriar, tão próximas que lhe estremeceram a alma. E no meio daquela ameaça de morte, Kane apontou cuidadosamente o seu pistolão e disparou. Em resposta ao estoiro, veio um grito frenético de raiva e de escárnio, e a criatura atirou-se a Kane como uma parede de fumo, com a sombra dos longos braços preparada para o agarrar.

Kane, deslocando-se à velocidade de um lobo esfaimado, disparou a segunda pistola com o mesmo mau resultado, desembainhou o comprido florete e lançou uma estocada ao coração do seu atacante nebuloso. A lâmina zumbiu ao atravessá-lo sem encontrar qualquer resistência, e Kane sentiu dedos gélidos prenderem-lhe os membros, e garras brutais rasgarem-

lhe a roupa e a pele por debaixo.

Largou a espada, inútil, e procurou debater-se com o adversário. Era como se lutasse contra um nevoeiro flutuante, uma sombra voadora, armada de garras que mais pareciam punhais. Kane esmurrou o ar como um selvagem, e os seus braços magros e possantes, em cujo aperto já vários homens tinham morrido, apenas alcançaram e agarraram o vazio. Nada era sólido ou real, à excepção daqueles dedos simiescos, que o esfolavam com as suas garras retorcidas, e do olhar enlouquecido que lhe consumia as profundezas trémulas da alma.

Kane tomou consciência de que se encontrava, de facto, numa situação desesperada. As suas roupas pendiam em farrapos e sangrava de uma dúzia de cortes profundos. Ainda assim, não vacilou, nem a ideia de se pôr em fuga lhe passou pela cabeça.

Nunca antes fugira de um adversário, e teria corado de vergonha se tal pensamento lhe ocorresse.

Kane já não via remédio para a situação, mas não o assustava pensar que o seu corpo acabaria ali caído, ao lado dos pedaços da outra vítima. Desejava apenas dar boa conta de si mesmo antes do fim e, se possível, infligir algum dano ao seu adversário impossível.

Ali, sobre o cadáver retalhado do homem morto, defrontou demônio à pálida luz da lua, com todas as vantagens para o demônio, salvo uma. E essa era suficiente para compensar todas as outras. Pois se o ódio abstracto podia conferir substância material a um ser fantasmagórico, porque não podia a coragem, igualmente abstracta, formar uma arma concreta para combater esse fantasma?

Kane lutou com armas, pés e mãos, consciente por fim de que o fantasma começava a retroceder, que o riso temível se tinha transformado em gritos de fúria estupefata. Pois a única arma do homem é a coragem que não hesita, nem mesmo diante das portas do Inferno, e contra a qual nem sequer as legiões do demônio se podem interpor.

Kane ignorava tudo isto; sabia apenas que as garras que lhe laceravam a carne pareciam enfraquecer e vacilar, que uma luz desenfreada se acendia naqueles olhos horríveis. Tonto e ofegante, lançou-se sobre o demônio, agarrou-o finalmente, e atirou-o ao ar; e enquanto reboavam pela chameca, e o espectro se contorcía e lhe envolvia os membros como uma serpente de fumo, os cabelos de Kane eriçaram-se e uma sensação de formigueiro percorreu-lhe a pele, pois começava a perceber a algarviada do monstro.

Não a ouvia nem compreendia como alguém que ouve e compreende a fala de um homem, mas os segredos assustadores que lhe eram comunicados, em lamentos e sussurros e silêncios gritantes, cravaram-lhe dedos de gelo e fogo na alma, e desta forma ficou a saber.



Capítulo Segundo

A CABANA DO VELHO EZRA avarento erguia-se no meio do pântano, junto ao carreiro, parcialmente encoberta pelas árvores melancólicas que cresciam em redor. As paredes estavam podres, o tecto ameaçava desabar, e grandes monstros fungosos, pálidos e verdes, cresciam por toda a parte e enrolavam-se em volta das portas e das janelas, como que à espreita. As árvores, com os seus ramos cinzentos entrelaçados, inclinavam-se sobre a habitação, fazendo-a parecer um anão monstruoso agachado na sombra de uma multidão de ogres perversos.



O carreiro que serpenteava pelo pântano, por entre tocos podres, cabeços repugnantes e charcos espumosos infestados de cobras, vagueava para lá da cabana. Muitos passavam por ali hoje em dia, mas poucos viam o velho Ezra, salvo um vislumbre de uma cara amarelada, qual cogumelo disforme, a espreitar das janelas cobertas de fungos.

O velho Ezra avarento possuía muitas das características do pântano, uma vez que o próprio era rugoso, arqueado e taciturno; os seus dedos pareciam trepadeiras parasitas e as madeixas caíam como musgo sobre os olhos habituados ao escuro dos pântanos. Estes olhos eram como os de um morto, embora sugerissem profundezas abissais e repugnantes, comparáveis apenas às dos lagos inertes dos pântanos.

Olhos que brilhavam agora para o homem parado defronte da cabana. O homem era alto, magro e moreno, de faces macilentas e arranhadas, e com

faixas nos braços e nas pernas. Um pouco mais atrás, encontrava-se um grupo de aldeões.

— Sois Ezra do caminho do pântano?

— Sou, que quer vossemecê?

— Onde está vosso primo Gideon, o jovem louco que reside convosco?

— Gideon?

— Sim.

— Fugiu para o pântano e nunca mais voltou. De certeza que se perdeu e foi atacado por lobos, ou morreu num atoleiro, ou foi picado por uma víbora.

— Há quanto tempo?

— Há mais de um ano.

— Sim. Escutai, ó Ezra avaro. Pouco após o desaparecimento do voss primo, um homem do campo, retornando a casa pela charneca, foi assaltado por um demônio desconhecido que o fez em pedaços. Desde então, percorrer aquela charneca passou a significar morte certa. Primeiro foram os homens do campo, e depois os estranhos que erravam pela lezíria, a cair nas garras do monstro. Muitos têm morrido desde então.

— Ontem à noite, atravessava eu a charneca, quando ouvi mais uma vítima em fuga, um estranho ignorante do mal que assombra aquele lugar. Ó Ezra avaro, foi uma coisa medonha, pois o pobre diabo, ferido de morte, escapou duas vezes ao monstro e, de cada vez, o demônio apanhou-o e atirou-o novamente ao chão. Até que, por fim, caiu morto a meus pés, abatido com uma crueldade capaz de gelar a estátua dum santo.

Os aldeões agitaram-se e trocaram murmúrios receosos, enquanto o velho Ezra lançou olhares furtivos em redor. No entanto, a expressão sombria de Salomão Kane não se alterou, e o seu olhar de condor pareceu trespassar o avaro.

— Sim, sim! — resmungou apressadamente o velho Ezra. — Uma coisa terrível, uma coisa terrível! Mas porque ma contais?

— Sim, é triste. Mas continuei a ouvir, Ezra. O demônio lançou-se da sombras e eu defrontei-o, por cima do cadáver da vítima. É verdade que não faço ideia de como o venci, já que a batalha foi árdua e demorada, mas as forças do bem e da luz estavam do meu lado, e estas são mais poderosas do que as forças do Inferno.



— Finalmente derrotado, o demónio afastou-se de mim e fugiu, ao que o segui, em vão. Porém, antes de escapar, sussurrou-me a terrível das verdades.

O velho Ezra sobressaltou-se, com um olhar assustado, e pareceu encolher.

— Mas porque me contais isto? — resmungou.

— Regressei à aldeia e contei a minha história — disse Kane, — pois sabia ter agora o poder de livrar a lezíria da sua maldição para todo o sempre. Ezra, vinde connosco!

— Onde? — perguntou o avaro, em sobressalto.

— Ao carvalho apodrecido na charneca.

Ezra cambaleou como se tivesse levado uma pancada; deu um berro incoerente e virou-se para fugir.



Nesse mesmo instante, Kane gritou uma ordem, e dois aldeões corpulentos precipitaram-se da multidão para agarrar o avaro. Arrancaram-lhe o punhal da mão atrofiada e manietaram-lhe os braços, arrepiando-se quando os seus dedos se encontraram com a pele pegajosa do velho.

Kane deu indicação para que o seguissem e, dando meia volta, subiu o carreiro, seguido pelos aldeões, que se viram em apuros para arrastar o prisioneiro consigo. E assim atravessaram o pântano, tomando um caminho pouco utilizado, que conduzia por cima dos pequenos montes até à lezíria.

O sol deslizava pelo horizonte abaixo e o velho Ezra observou-o intensamente, de olhos esbugalhados, como se não pudesse ver o suficiente. Ao longe, na lezíria, erguia-se o enorme carvalho, como uma força, agora não mais do que uma casca apodrecida. Salomão Kane deteve-se aí.

O velho Ezra contorceu-se nas mãos dos seus captores e fez ruídos indistintos.

— Há um ano, — disse Salomão Kane, — vós, temendo que o vossó primo louco Gideon contasse aos homens das vossas crueldades para com ele, levaste-o do pântano pelo mesmo caminho que hoje percorremos, e

assassinaste-o aqui durante a noite.

Ezra encolheu-se e rosnou.

— Não podeis provar tal mentira!

Kane trocou algumas palavras com um aldeão mais ágil. O jovem trepou o tronco apodrecido da árvore e, de uma fenda lá no alto, puxou algo que caiu com grande estrépito aos pés do avaro. Ezra deixou-se cair com um guincho terrível.

O objecto era o esqueleto de um homem com a caveira rachada.

— Vós... como podíeis vós saber? Sois Satanás! — gaguejou o velho Ezra.



Kane cruzou os braços.

— O ser que combati ontem à noite contou-me tudo enquanto nos digladiávamos, e eu segui-o até esta árvore. Isto porque o demônio é o fantasma de Gideon.

Ezra voltou a guinchar e debateu-se desenfreadamente.

— Vós sabíeis, — continuou Kane, melancólico, — sabíeis quem cometi estes actos. Receáveis o fantasma do louco furioso, e por isso decidistes deixar o seu cadáver na charneca em vez de o esconder no pântano. Pois sabíeis que o fantasma assombraria o lugar da sua morte. Um louco em vida, foi, em morte, incapaz de encontrar o seu assassino; caso contrário teria visitado a vossa cabana. Gideon não odeia mais ninguém excepto vós, porém o seu espírito confuso não distingue um homem de outro, e por isso mata-os todos, não vá o seu assassino escapar. Todavia, irá reconhecer-vos, e poderá descansar em paz para todo o sempre. O ódio fez do seu fantasma um objecto sólido, capaz de lacerar e matar, e ainda que vos tenha temido em vida, agora não sente qualquer medo.

Kane parou. Lançou um olhar rápido na direcção do sol.

— Sei de tudo isto pelo fantasma de Gideon, através dos seus lamentos e sussurros e silêncios gritantes. Nada, a não ser a vossa morte, trará paz a este fantasma.

Num silêncio ofegante, Ezra ouviu Kane proferir as palavras da sua perdição.

— É deveras complicado — continuou Kane, melancólico, — condenar um homem à morte, a sangue frio e da maneira que tenho pensada, mas teréis que morrer para que outros vivam, e Deus sabe que mereceis a morte.

— Não será pela força, nem pela bala, nem pela espada, mas pelas garras daquele que matastes, pois nada mais o saciará.

Com estas palavras, a mente de Ezra perdeu o equilíbrio, os joelhos cederam e o velho caiu de rastos, a gritar pela morte, a implorar para que o condenassem à fogueira, para que o esfolassem vivo. O rosto de Kane permaneceu rígido como a morte, e os aldeões, cujo medo lhes alimentava a crueldade, amarraram o desgraçado aos gritos ao carvalho. Um deles propôs-lhe que se reconciliasse com Deus. Mas Ezra não respondeu, continuando a guinchar com uma monotonia insuportável. O aldeão teria espancado o avaro, não fosse Kane tê-lo detido.

— Deixai-o reconciliar-se com o Diabo, que é quem ele irá encontrar — respondeu o puritano num tom severo. — O pôr-do-sol está aí. Folguem as cordas para que ele se possa soltar durante a noite, antes que morra em liberdade do que amarrado como num sacrifício.

Mal lhe viraram as costas, o velho Ezra resmungou numa algaraviada de sons desumanos e depois ficou mudo, observando o sol com uma

intensidade terrível.

A multidão afastou-se pela charneca, e Kane lançou um derradeiro olhar à figura grotesca amarrada à árvore, mais se parecendo, à luz incerta, com um fungo enorme a crescer do tronco. E, de súbito, o avaro soltou um grito hediondo:

— A Morte! A Morte! Há caveiras nas estrelas!

— Apesar de retorcido, grosseiro e maldoso, teve uma boa vida — suspirou Kane. — Quiçá Deus reserve um lugar para almas destas, onde o fogo e o sacrifício as limpem das escórias, da mesma maneira que o fogo limpa a floresta dos fungos. Todavia, pesa-me o coração.

— Mas, senhor — falou um dos aldeões. — Não mais fizestes que a vontade de Deus, e só o bem advirá do ato desta noite.

Não — respondeu Kane, pesaroso. — Não sei, não sei.

O sol tinha-se posto e a noite espalhará-se com uma velocidade assombrosa, como se grandes sombras se tivessem lançado de vazios desconhecidos para envolver o mundo na confusão das trevas. Da noite densa veio um estranho eco, e os homens pararam para olhar para trás, para o sítio de onde vieram.

Não se podia ver nada. A lezíria era um oceano de sombras e a erva alta em redor curvava-se em grandes ondas na aragem, quebrando o silêncio de morte com murmúrios ofegantes.

A lua elevou-se então, ao longe, sobre a charneca e, por um instante, recortou-se no seu disco vermelho uma silhueta sinistra. Uma figura cruzou a face da lua: arqueada e grotesca, com pés que mal pareciam tocar o chão; e, logo atrás, uma sombra esvoaçante: uma abominação sem forma nem nome.

As duas formas aceleradas sobressaíram contra a lua por um instante; e logo se fundiram numa massa sem forma nem nome, para de imediato desaparecerem nas sombras.

E ao longe, na lezíria, ecoou o grito de uma única e terrível gargalhada.



A Mão Direita do Destino



— E ELE MORRE DE MADRUGADA! Ho! Ho!

O homem que falou deu uma sonora palmada na coxa e riu com uma voz aguda e irritante. Lançou uma olhadela gaba-rola aos seus ouvintes e bebeu um gole do vinho que tinha junto ao cotovelo. O fogo saltou e tremeluziu na lareira da taberna e ninguém lhe respondeu.

— Roger Simeon, o necromante! — escarneceu a voz irritante. — Um negociante nas artes diabólicas e um fazedor de magia negra! Pois bem, todo o seu sujo poder foi incapaz de salvá-lo quando os soldados do rei lhe cercaram a caverna e o levaram prisioneiro. Fugiu quando o povo começou a atirar calhaus às suas janelas e tentou esconder-se e escapar-se para França. Ho! Ho! A sua fuga estará na ponta de uma corda. Um bom dia d trabalho, digo eu!

Atirou para cima da mesa um pequeno saco que retiniu musicalmente.

— O preço da vida de um mágico! — vangloriou-se.

— Que dizeis, meu amargo amigo?

Esta pergunta foi dirigida a um homem alto e silencioso, sentado perto

do fogo. Este, descarnado, poderoso e trajado de escuro, virou a sua face lívida e sombria para o homem que falava e fixou-o com um par de olhos profundos e gelados.

— Digo — disse, numa voz grave e poderosa — que hoje haveis feito um acto miserável. O vosso necromante talvez fosse digno de morte, mas confiava em vós, considerando-vos o seu único amigo, e traíste-lo por um punhado de moedas sujas. Tenho para mim que o encontrareis no Inferno, um dia.

O primeiro a falar, um homem baixo, entroncado e com maldade no rosto, abriu a boca como se fosse lançar uma resposta zangada, mas hesitou. Os olhos de gelo do outro fixaram-se nos seus por um instante, e depois o homem alto ergueu-se com um movimento fluido de gato e saiu da sala com um andar largo e flexível.

— Quem é aquele? — perguntou o gabarola com ressentimento. — Quem é ele para defender mágicos contra homens honestos? Por Deus, ele tem sorte em trocar palavras com John Redly e continuar com o coração vivo no peito!

O taberneiro inclinou-se para a frente a fim de obter uma brasa para o seu cachimbo de haste longa e respondeu, secamente:

— E tu tens também sorte, John, porque ficaste com essa boca fechada. Aquele é Salomão Kane, o Puritano, um home' mais perigoso que um lobo.

Redly soltou um resmungo, murmurou uma praga e devolveu, carrancudo, o saco de dinheiro ao cinto.

— Ficas cá, 'sta noite?



— Fico — respondeu Redly, sombriamente. — Queria ficar para ver Simeon ser enforcado amanhã em Torkertown, mas tenho de sair para Londres de madrugada.

O taberneiro encheu as taças.

— Esta é pia alma de Simeon, Deus tenha piedade do patife, e que ele falhe na vingança que jurou contra ti.

John Redly sobressaltou-se, largou um palavrão e depois riu com temerária fanfarronice. O riso ergueu-se, vazio, e quebrou-se numa nota falsa.



Salomão Kane acordou de repente e sentou-se na cama. Tinha o sono leve, como qualquer homem que tenha o hábito de carregar a vida nas mãos. Algures na casa soara um ruído que o despertara. Escutou. Lá fora, pelo que distinguia através dos postigos, o mundo clareava com as primeiras cores da aurora.

Subitamente, o som reapareceu, baixo. Era como se um gato usasse as garras para subir a parede, lá fora. Kane escutou, e então chegou-lhe um som que sugeria que alguém estava a esgravatar nas portadas. O Puritanc ergueu-se e, de espada na mão, atravessou rapidamente o quarto e abriu-as com violência. O mundo que viu dormia. Uma lua tardia pairava sobre o horizonte ocidental. Nenhum saqueador se escondia junto da sua janela. Inclinou-se para fora, perscrutando a janela do aposento ao lado do seu. As portadas estavam abertas.

Kane fechou as suas portadas e atravessou o quarto em direção da porta,

saindo depois para o corredor. Agia por impulso, como era seu hábito. Viviam-se tempos selvagens. Esta taberna ficava a algumas milhas da vila mais próxima—Torkertown. Os bandidos eram comuns. Algo ou alguém entrara no quarto ao lado do seu, e quem lá dormia podia estar em perigo. Kane não parou para pesar os prós e os contras: foi directamente até à porta do outro quarto e abriu-a.

A janela estava escancarada e a luz que dela jorrava iluminava o aposento, mas no entanto fazia com que ele parecesse mergulhado numa névoa fantasmagórica. Um homem baixo com traços maldosos ressonava na cama, e nele Kane reconheceu John Redly, o homem que traíra o necromante aos soldados.

Então, o seu olhar foi atraído para a janela. No parapeito agachava-se o que parecia ser uma gigantesca aranha que, sob os olhos de Kane, se deixou cair para o chão e começou a arrastar-se em direcção à cama. A coisa era larga, peluda e escura, e Kane notou que ela deixara uma mancha no parapeito da janela. Movia-se sobre cinco pernas espessas e curiosamente articuladas e tinha em geral uma aparência tão estranha que Kane ficou enfeitiçado a olhá-la. A coisa atingira a cama de Redly e trepava pela cabeceira de uma forma estranha e desajeitada.

Agora, agarra-se à cabeceira da cama directamente por cima do homem adormecido, e Kane saltou em frente com um grito de aviso. Nesse instante, Redly acordou e olhou para cima. Os seus olhos flamejaram, muito abertos, um terrível grito rompeu entre os seus lábios e, ao mesmo tempo, a coisa deixou-se cair em cheio sobre o seu pescoço. No preciso momento em que Kane atingiu a cama viu as pernas de John Redly esticarem-se e ouviu os ossos do pescoço do homem a estilhaçarem-se. Depois, ficou hirto e imóvel, a cabeça grotescamente dobrada, de pescoço partido. E a coisa caiu de cima dele e aterrou, flácida, na cama.

Kane debruçou-se sobre o sinistro espetáculo, com dificuldade em acreditar nos seus olhos. Pois a coisa que abrira as portadas, rastejara pelo chão e assassinara John Redly na sua cama era uma mão humana!

Agora jazia flácida e sem vida. Kane atravessou-a cuidadosamente com a ponta do florete e levantou-a à altura dos olhos. Aparentemente, a mão pertencia a um homem gigantesco, pois era larga e espessa com dedos pesados e quase coberta por um tapete emaranhado de pelos semelhantes aos de um macaco. Fora cortada pelo pulso, e a ferida estava fechada por sangue coagulado. Via-se um estreito anel de prata no segundo dedo, um

ornamento curioso, com a forma de uma serpente enrolada.

Kane ficou a olhar para a hedionda relíquia até que o taberneiro entrou, enrolado na sua camisa de dormir, de vela numa mão e bacamarte na outra.

— Que é isto? — rugiu quando os seus olhos deram com o cadáver na cama.

E então viu o que Kane trazia espetado na ponta da espada e a sua face fez-se branca. Como se arrastado por um impulso irresistível, aproximou-se — e os seus olhos saíram das órbitas. Depois recuou, cambaleando, e afundou-se numa cadeira, tão pálido que Kane pensou que ele ia desfalecer.

— Nome de Deus, senhor — arquejou. — Que essa coisa não viva! Há um fogo aceso na taberna, senhor!



Kane chegou a Torkertown antes do declinar da manhã. Nos arredores da aldeia, encontrou um jovem falador que o saudou.

— Senhor, como todos os homens honestos, tereis prazer em saber que Roger Simeon, o mago negro, foi enforcado esta madrugada, justamente ao nascer do sol.

— E foi a sua morte viril? — perguntou Kane sombriamente.

— Foi sim, senhor. Ele não vacilou, mas que estranho acto aquele foi. Vede bem, senhor: Roger Simeon subiu ao patíbulo com dois braços mas uma só mão.

— E como veio isso a acontecer?

— Ontem à noite, senhor, estava ele sentado na cela como uma grande aranha negra, chamou um dos guardas e, pedindo um último favor, disse ao soldado para lhe cortar a mão direita! O homem, a princípio, não queria fazê-lo, mas temeu a maldição de Roger e, por fim, ergueu a espada e decepou a mão pelo pulso. Então, Simeon, com a mão esquerda, atirou a outra para longe através das barras da janela da sua cela, pronunciando muitas palavras mágicas, estranhas e impuras. Os guardas sofriam intenso temor, mas Roger prometeu não lhes fazer mal, dizendo que odiava apenas John Redly, que o traíra.

"Ligou o toco do braço para parar o sangramento e todo o resto da noite manteve-se sentado como um homem em transe, e por vezes murmurava para si como um homem que, sem se dar conta, fala sozinho. Sussurrava "Para a direita" e "Aguenta, para a esquerda!" e "Em frente, em frente!"

"Oh, senhor, dizem que era terrível ouvi-lo e vê-lo inclinado sobre o sangrento toco do braço! Quando a madrugada se pôs cinzenta, eles vieram buscá-lo e levaram-no para o cadafalso, e no momento em que lhe passaram o laço pelo pescoço, subitamente contorceu-se e endireitou-se, como se devido a um esforço, e os músculos no seu braço direito, aquele a que faltava a mão, intumesceram-se e rangeram como se estivesse a quebrar o pescoço de algum mortal!"

"Então, quando os guardas já saltavam para agarrá-lo, ele parou e começou a rir. E o seu riso rugiu, terrível e hediondo, até que a corda o quebrou e ele pendeu, negro e silencioso contra o olho vermelho do sol nascente."

Salomão Kane ficou em silêncio, pensando no terror que deformara as feições de John Redly nesse último e fugaz momento de despertar e de vida,

antes de ser atingido pelo destino. E uma imagem indistinta surgiu-lhe na mente — a de uma mão cortada e peluda, rastejando sobre os dedos como uma grande aranha, cegamente, através das escuras florestas nocturnas, para escalar uma parede e abrir desajeitadamente um par de persianas de um quarto de dormir. Aqui, a sua visão parou, recuando perante a continuação daquele drama negro e sangrento. Que terríveis chamas de ódio tinham inflamado a alma do necromante condenado e que hediondos poderes tinham sido os seus para enviar assim aquela mão sangrenta às apalpadelas, na sua missão, guiada pela magia e vontade daquele cérebro ardente!

No entanto, para certificar-se, Salomão perguntou:

— E a mão, foi encontrada?

— Não, senhor. Os homens encontraram o local onde caiu depois de ser atirada da cela, mas a mão não estava lá, e um rasto de sangue levava à floresta. Sem dúvida, foi devorada por um lobo.

— Sem dúvida — respondeu Salomão Kane. — E eram as mãos de Simeon grandes e peludas, com um anel no segundo dedo da mão direita?

Sim, senhor. Um anel de prata, enrolado como uma serpente.



O Chocalhar de Ossos



— ÓDA CASA— O grito quebrou o silêncio e reverberou através da negra floresta produzindo ecos sinistros.

— Tenho para mim que este lugar tem um aspecto ameaçador.

Dois homens estavam em frente da estalagem da floresta. O edifício era baixo, longo e irregular, feito de troncos pesados. As suas janelas pequenas tinham barras grossas e a porta estava fechada. Por cima da porta, entrevia-se o agoirento símbolo da estalagem: um crânio fendido.



A porta abriu-se lentamente e uma face barbada espreitou para fora. O dono daquele rosto deu um passo para trás e gesticulou para que os hóspedes entrassem; um gesto de má vontade, pareceu-lhes. Uma vela brilhava sobre uma mesa; uma chama fumegava na lareira.

— Os vossos nomes?

— Salomão Kane — disse o homem mais alto com brevidade.

— Gaston l'Armon — disse o outro, concisamente. — Mas qual o vosso interesse nisso?

— Há poucos estranhos na Floresta Negra — grunhiu o estalajadeiro — e muitos bandidos. Sentai-vos naquela mesa, que vos trarei comida.

Os dois homens sentaram-se, com o porte de quem viajou longe. Um era um homem alto e sem carnes, com um chapéu sem penas na cabeça e tristes vestes negras que realçavam a palidez sombria do seu rosto. O outro pertencia a um tipo inteiramente diverso, adornado com laços e plumas,

embora esses ornamentos estivessem algo manchados da viagem. Era bem parecido de um modo vigoroso, e os olhos inquietos saltitavam por todos os lados sem pararem por um instante.

O estalajadeiro trouxe vinho e alimentos para a mesa toscamente talhada e depois recuou para a escuridão, ficando de pé como um retrato sombrio. Os seus traços, ora retrocedendo para a imprecisão das sombras, ora gravados lugubrememente a fogo quando as chamas na lareira saltavam e estremeciam, eram mascarados por uma barba que parecia quase animal na sua espessura. Sobre esta barba, curvava-se um grande nariz, e dois pequenos olhos vermelhos fixavam-se sem piscar nos seus hóspedes.

— Quem sois vós? — perguntou de súbito o homem mais novo.

— Sou o dono da Estalagem do Crânio Fendido — respondeu o outro soturnamente. O tom que usou parecia desafiar o seu questionador a prosseguir as perguntas.

— Tendes muitos hóspedes? — continuou l'Armon.

— Poucos vêm duas vezes — grunhiu o estalajadeiro. Kane sobressaltou-se e olhou directamente para os pequenos olhos vermelhos do homem, como se procurasse neles algum significado que as palavras não revelassem. Os olhos chamejantes pareceram dilatar-se, e depois baixaram, soturnos, perante o olhar frio do inglês.

— Vou para a cama — disse Kane abruptamente, pondo fim na refeição — Devo retomar a viagem antes do nascer do sol.

— Eu também — acrescentou o francês. — Estalajadeiro, mostrai-nos os nossos quartos.

Sombras negras oscilaram nas paredes enquanto os dois homens seguiam o seu silencioso anfitrião ao longo de um átrio comprido e escuro. O corpo entroncado e amplo do guia parecia crescer e expandir-se à luz da pequena vela que transportava, lançando atrás de si uma sombra longa e ameaçadora.

Parou em frente de uma certa porta, indicando que eles iriam dormir ali. Entraram; o estalajadeiro acendeu uma vela com a que trouxera, e depois afastou-se, balançando, por onde viera.

No quarto, os dois homens olharam brevemente um para o outro. A única mobília do aposento era composta por um par de tarimbas, uma ou duas cadeiras e uma mesa pesada.



— Vejamos se existe algum modo de segurar a porta — disse Kane. — Não me agrada a aparência do estalajadeiro.

— Há encaixes na porta e na soleira para um ferrolho — disse Gaston. — Mas não há ferrolho.

— Podíamos quebrar a mesa e usar as peças como ferrolho — devaneou Kane.

— Mon Dieu — disse l'Armon — estais receoso, m'sieu.

Kane franziu o sobrolho.

— Não aprecio ser assassinado enquanto durmo — respondeu com brusquidão.

— Por minha fé! — riu o francês. — Encontrámo-nos por acaso; até eu vos ter alcançado na estrada da floresta nunca nos tínhamos visto.

— Julgo haver-vos visto antes em algum lugar — disse Kane — embora não seja agora capaz de recordar onde. Quanto ao outro, assumo que todos os homens são honestos até que me mostrem patifarias; além do mais, tenho o sono leve e durmo com uma pistola à mão.

O francês riu-se de novo.

— Perguntava a mim próprio como o m'sieu iria conseguir dormir no mesmo quarto de um estranho! Ha! Ha! Está bem, m'sieu inglês, adiante procuremos um ferrolho num dos outros quartos.

Levando a vela consigo, saíram para o corredor. Reinava o máximo silêncio, e a pequena vela cintilava, vermelha e maligna, na escuridão espessa.

— O nosso anfitrião não tem hóspedes nem servos — murmurou Salomão Kane. — Estranho albergue, este! Qual é mesmo o nome? Estas palavras estranhas não me lembram com facilidade; o Crânio Fendido? Um nome deveras sangrento!

Experimentaram os quartos ao lado do seu, mas a busca não foi recompensada com nenhum ferrolho. Por fim, chegaram ao último quarto no fim do corredor. Entraram. Estava mobilado como os outros, mas a porta estava provida de uma pequena abertura com barras e trancada pelo lado de fora com uma pesada lingueta, presa de um dos lados à soleira da porta. Ergueram a lingueta e olharam para dentro.

— Devia haver uma janela exterior, mas não há — murmurou Kane. — Vede!

O chão estava manchado de escuro. As paredes e a única tarimba tinham sinais de golpes e grandes lascas tinham-lhes sido arrancadas.

— Homens morreram aqui — disse Kane sombriamente. — Aquilo ali preso à parede não é um ferrolho?

— É, mas está bem seguro — disse o francês, puxando-o com força. — O...

Uma secção da parede rodou para trás e Gaston soltou uma breve exclamação. Uma pequena sala secreta foi revelada, e os dois homens inclinaram-se sobre o objecto macabro que jazia no chão.

— O esqueleto de um homem! — disse Gaston. — E observai como a sua perna ossuda está agrilhoadada ao soalho! Ele foi aqui feito prisioneiro e sucumbiu.

— Não — disse Kane — o crânio está fendido; parece que o estalajadeiro teve um motivo cruel para o nome da sua estalagem. Este homem, como nós, foi sem dúvida um viajante que caiu nas mãos daquele demónio.

— É possível — disse Gaston sem interesse; tentava afastar o grande anel de ferro dos ossos da perna do esqueleto. Como falhasse, tomou a espada e, numa notável exibição de força, cortou a corrente que unia o anel da perna

a outro anel profundamente cravado ao chão de madeira.

— Por que motivo agrilhoaria ele um esqueleto ao chão?

— perguntou o francês a si próprio. — Monbleu! É um desperdício de boas correntes. Bem, m'sieu — disse com ironia para a branca pilha de ossos — libertei-vos e podeis ir para onde vos aprouver!

— Parai! — a voz de Kane era profunda. — Não virá nenhum bem de troçar dos mortos.

— Os mortos deviam defender-se — riu d'Armon. — Eu arranjaré algum modo de acabar com o homem que me mate, mesmo que o meu cadáver tenha de subir quarenta braças de oceano para fazê-lo.

Kane virou-se para a porta exterior, fechando, atrás de si a porta do aposento secreto. Não gostava • desta conversa com laivos de bruxaria e feitiçaria; , e tinha pressa de confrontar o estalajadeiro com a acusação das suas culpas.

Quando se virou, voltando as costas ao francês, sentiu o toque de aço frio contra o pescoço e compreendeu que a boca de uma pistola estava encostada a um ponto situado pouco abaixo da base do seu cérebro.



— Estai quieto, m'sieu! — A voz era baixa e sedosa.

— Estai quieto, ou eu espalharei os vossos poucos miolos por todo o quarto.

O Puritano, intimamente enraivecido, permaneceu quieto, com as mãos no ar, enquanto l'Armon retirava as suas pistolas e espada das respectivas bainhas.

— Agora já podeis virar-vos — disse Gaston, dando um passo para trás.

Kane dirigiu um olhar ameaçador ao janota, que descobrira a cabeça e segurava numa mão o chapéu e com a outra lhe apontava a sua longa pistola.

— Gaston, o Carniceiro! — disse o inglês sombriamente.

— Que tolo fui por confiar num francês! Andais por longe, assassino. Lembro-me de vós, agora que tirastes esse maldito chapéu; vi-vos em Calais há alguns anos.

— Com efeito... e agora nunca mais me vereis. Que foi aquilo?

— Ratazanas explorando o vosso esqueleto—disse Kane, vigiando c

bandido como um falcão, à espera da primeira hesitação da boca negra daquela arma. — O som foi de ossos a chocalhar.

— Tanto me basta — retorquiu o outro. — Ora bem, m'sieu Kane, sei que transportais convosco uma quantidade considerável de dinheiro. Tinha pensado esperar até que adormecêsseis para vos matar de seguida, mas a oportunidade apresentou-se e eu resolvi aproveitá-la. Sois fáceis de enganar.

— Não pensei que devesse temer um homem com o qual tinha partilhado pão — disse Kane, um timbre profundo de lenta fúria soando-lhe na voz.

O bandido riu cinicamente. Os seus olhos estreitaram-se ao mesmo tempo que começou a recuar lentamente em direção à porta exterior. Os tendões de Kane puseram-se involuntariamente tensos, e ele acumulou forças como um lobo gigantesco prestes a lançar-se num salto de morte, mas a mão de Gaston era firme como uma rocha e a pistola nunca estremeceu.

— Não haverá mergulhos de morte depois do tiro — disse Gaston. — Paraí, m'sieu; já vi homens serem mortos por moribundos e desejo pôr suficiente distância entre nós para excluir essa possibilidade. Por minha fé... eu dispararei, vós rugireis e atacareis, mas morrereis antes de me atingirdes com as vossas mãos vazias. E o estalajadeiro terá outro esqueleto no seu nicho secreto. Isto é, se eu não resolver matá-lo também. O tolo não me conhece, nem eu a ele, e além disso...

O francês estava agora à soleira da porta, e olhava para Kane ao longo do cano da pistola. A vela, que fora enfiada num nicho na parede, fornecia uma estranha luz tremeluzente que não ia além da porta. E com a qualidade súbita da morte, da escuridão por trás das costas de Gaston ergueu-se uma forma vaga e larga e uma lâmina reluzente precipitou-se para baixo. O francês caiu sobre os joelhos como um touro acabado de matar, com os miolos a escorrer do seu crânio fendido. Por cima dele erguia-se a figura do estalajadeiro, um espectáculo selvagem e terrível, ainda segurando o gancho com que assassinara o bandido.

— Ho! ho! — rugiu. — Para trás!

Kane saltara em frente quando Gaston caíra, mas o estalajadeiro apontara-lhe à cara uma longa pistola que trazia na mão esquerda.



— Para trás! — repetiu num rugido de tigre, e Kane afastou-se da arma ameaçadora e da insanidade patente nos olhos vermelhos.

O inglês ficou em silêncio, com a carne coberta de formigueiros, ao sentir uma ameaça mais profunda e hedionda que

a que o francês constituiria. Havia algo de inumano neste homem, que agora oscilava de um lado para o outro como um grande animal da floresta, enquanto as suas gargalhadas vazias de alegria ressoavam de novo.

— Gaston, o Carniceiro! — gritou, pontapeando o cadáver caído a seus pés. — Ho! ho! O meu belo salteador não voltará a caçar! Tinha ouvido fala deste tolo, que deambulava pela Floresta Negra; ele desejava ouro e encontrou a morte! O vosso ouro será agora meu; e mais do que o ouro: a vingança!

— Não sou vosso inimigo — disse Kane calmamente.

— Todos os homens são meus inimigos! Vede: as marcas nos meus pulsos! Olhai para as marcas nos meus tornozelos! E no fundo das minhas costas o beijo do látigo! E no fundo do meu cérebro, as feridas causadas pelos anos

passados em celas frias e silenciosas, como punição por um crime que não cometi! — A voz quebrou-se num grotesco e hediondo soluço.

Kane não respondeu. Este homem não era o primeiro que vira com o cérebro despedaçado pelos horrores das terríveis prisões continentais.

— Mas eu fugi! — o grito ergueu-se, triunfante — E aqui faço guerra a todos os homens... Que foi aquilo?

Teria Kane visto um clarão de medo naqueles terríveis olhos?

— O feiticeiro chocalha os seus ossos! — sussurrou o estalajadeiro, e depois riu selvaticamente. — Ao morrer, jurou que os seus ossos iriam tecer uma teia de morte para mim. Agrilhoei o seu cadáver ao chão, e agora, nas profundezas da noite, ouço o seu esqueleto descarnado ressoar e chocalhar enquanto tenta libertar-se, e eu rio, rio! H o! ho! Como ele anseia erguer-se e avançar furtivamente por estes corredores escuros, como a velha Rainha Morte, para me roubar a vida enquanto durmo na minha cama!



Subitamente, os loucos olhos brilharam horrivelmente:

— Estivestes no compartimento secreto, vós e este estúpido morto! Ele falou convosco?

Kane estremeceu involuntariamente. Seria loucura, ou estaria realmente a ouvir um leve chocalhar de ossos, como se o esqueleto se tivesse movido um pouco? Kane encolheu os ombros; as ratazanas até ossos poeirentos tentariam roer.

O estalajadeiro ria de novo. Rodeou Kane, mantendo sempre o inglês na mira da pistola, e com a mão livre abriu a porta. Dentro, tudo era negrume, de tal modo que Kane nem era capaz de entrever os ossos no chão.

Todos os homens são meus inimigos! — murmurou o estalajadeiro, ao modo incoerente dos loucos. — Porque havia de poupar a vida a algum?

Quem ergueu uma mão em meu auxílio durante os anos que permaneci nas vis masmorras de Karlsruhe, e por um ato nunca provado? Algo aconteceu então ao meu cérebro. Tornei-me como um lobo, irmão desses da Floresta Negra, onde me escondi quando fugi..

“Regalaram-se, os meus irmãos, com a carne de todos os que pernhoitaram na minha estalagem, todos excepto este que agora chocalha os seus ossos, este mago da Rússia. Para que ele não regresses pelas sombras negras a fim de me dar caça quando a noite está sobre o mundo, e me mate, pois quem pode assassinar os mortos?... Limpei de carne os seus ossos e acorrentei-o. Os seus feitiços não foram suficientemente poderosos para salvá-lo de mim, mas todos os homens sabem que um mago morto é mais maligno do que um mago vivo. Não vos moveis, inglês! Deixarei os vossos ossos neste quarto secreto, ao lado destes, a fim de...”

O louco estava agora parcialmente dentro do aposento secreto, com a arma ainda a ameaçar Kane. De súbito, pareceu cair para trás e desapareceu na escuridão; e no mesmo instante uma caprichosa rajada de vento varreu o corredor exterior e fechou com estrondo a porta atrás dele. A vela na parede estremeceu e apagou-se. Às apalpadelas, as mãos de Kane percorreram o chão, encontraram uma pistola, e ele ergueu-se, de frente para a porta por onde o louco desaparecera. Estava na mais profunda escuridão, com o sangue congelado nas veias, enquanto terríveis gritos abafados vinham do quarto secreto, entrecortados

pelo chocalhar seco e macabro de ossos sem carne. Então, caiu o silêncio.

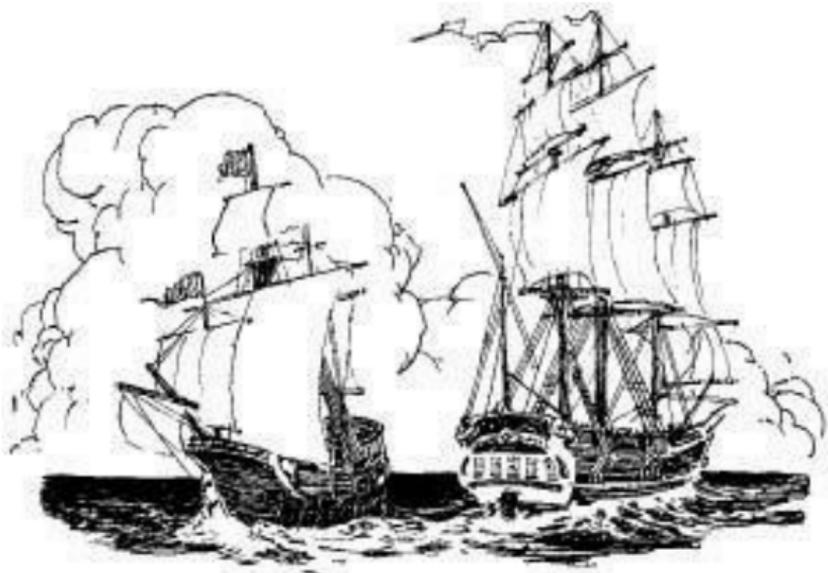
Kane encontrou pederneira e fuzil e acendeu a vela. Depois, segurando-a numa mão e a pistola na outra, abriu a porta secreta.

— Deus do céu! — murmurou enquanto no seu corpo se formava um suor frio. — Esta coisa está para além de toda a razão, e no entanto é com os meus próprios olhos que a vejo! Dois votos foram aqui cumpridos, pois Gaston, o Carniceiro, jurou que mesmo na morte vingaria o seu assassinio, e foi sua a mão que libertou este monstro sem carne. E ele...

O dono do Crânio Fendido jazia sem vida no chão do quarto secreto, o seu animalesco rosto coberto com as marcas de um terrível pavor; e profundamente cravados no seu pescoço partido estavam os dedos sem carne do esqueleto do feiticeiro.



Hawk de Basti (Fragmento)



- Solomon Kane!

Os galhos entrelaçados das grandes árvores se erguiam em enormes arcos, várias dezenas de metros acima da terra coberta de musgo, dando uma meia-luz gótica por entre os troncos gigantes. Seria isto magia negra? Quem, nesta terra pagã e esquecida, de mistérios sombrios, quebrou o silêncio meditativo para gritar o nome de um estranho andarilho?

Os olhos frios de Kane perambularam entre as árvores; uma esguia mão de ferro se fechou sobre o bastão entalhado, de ponta afiada, que ele carregava; a outra pairou próximo às longas pistolas de pedreira que usava.

Então, uma figura bizarra saiu das sombras. Os olhos de Kane se arregalaram levemente. Era um homem branco e estranhamente vestido. Uma tanga de seda era sua única roupa, e ele usava sandálias estranhas nos pés. Braceletes de ouro, e uma pesada corrente dourada ao redor de seu pescoço, aumentavam a barbaridade de sua aparência, bem como as argolas em forma de arco nas suas orelhas. Mas, embora os outros ornamentos fossem de feitio curioso e não-familiar, as argolas eram como as que Kane

havia visto centenas de vezes nas orelhas de marinheiros europeus.

O homem estava arranhado e machucado, como se houvesse corrido temerariamente através de florestas espessas; havia cortes superficiais nos seus membros e corpo, os quais nenhum espinho ou sarça poderia ter feito. Em sua mão direita, ele segurava uma curta espada curva, tingida com um vermelho sinistro.

- Solomon Kane, pelos uivantes cães-de-caça do inferno! – exclamou este homem, arregalando os olhos em espanto, enquanto se aproximava do inglês que o encarava – Passe-me por baixo da quilha da embarcação de Satã, mas você me assustou! Pensei que eu fosse o único homem branco por mil milhas!

- Eu havia pensado o mesmo de mim. – respondeu Kane – Mas não lhe conheço.

O outro riu asperamente.

- Não me espanto por esse motivo. – ele disse – Talvez eu mal me reconhecesse se, subitamente, encontrasse a mim mesmo. Bem, Solomon, meu sóbrio cortador de gargantas, já faz muitos anos desde que olhei para esse seu rosto sombrio, mas eu o reconheceria até em Hades. Vamos, você já esqueceu os bravos e velhos dias, quando pilhamos os nobres espanhóis, dos Açores até Darien, e depois novamente, em sentido contrário? Sabre de abordagem e carnificina! Pelos ossos dos santos, que profissão sangrenta a nossa! Você não esqueceu Jeremy Hawk!

O reconhecimento brilhou nos olhos frios de Kane, como uma sombra que passa pela superfície de um lago congelado.

- Eu me lembro, embora não houvéssemos navegado no mesmo navio. Eu estava com Sir Richard Grenville. Você navegava com John Bellefonte.

- Sim! – gritou Hawk com uma praga – Eu daria a coroa que perdi, para viver aqueles dias novamente! Mas Sir Richard está no fundo do mar, e Bellefonte no inferno; e muitos dos nossos destemidos camaradas estão acorrentados, ou alimentando os peixes com boa carne inglesa. Diga-me, meu assassino melancólico, a boa Rainha Bess ainda governa a velha Inglaterra?

- Já faz muitas luas desde que deixei nossas praias nativas. – respondeu Kane – Ela se sentava firmemente em seu trono, quando naveguei.

Ele falava de forma ríspida, e Hawk o encarava curiosamente:

- Você nunca amou os Tudors, hein, Solomon?



- A irmã dela perseguiu minha gente como se fossem animais de caça. - Kane respondeu asperamente - Ela própria também; enganou e traiu o povo de minha confiança... mas isso não importa agora. O que faz aqui?

Kane percebeu que Hawk, de vez em quando, virava a cabeça e olhava para trás, na direção da qual havia chegado, numa atitude de escuta atenta, como se na expectativa de uma perseguição.

- É uma longa história. - ele respondeu - Contarei brevemente... você sabe que não há boas palavras entre Bellefonte e outros dos capitães ingleses...

- Ouvi dizer que ele não se tornou mais que um pirata comum. - disse Kane rudemente.

Hawk abriu um perverso sorriso largo.

- Ora, é o que dizem. De qualquer modo, navegamos para o alto-mar e, pelos olhos de Satã, vivemos como reis entre as ilhas, pilhando o ouro e prata dos navios e os tesouros dos galeões. Então, veio um navio espanhol de guerra e nos perseguiu violentamente. Uma terrível bala de canhão mandou Bellefonte para seu amo, o Diabo; e eu, o primeiro imediato, me tornei capitão. Foi um velhaco francês, chamado La Costa, que se opôs a mim.. bom, eu enforquei La Costa no mastro principal, e navegamos para o sul. Finalmente escapamos do navio de guerra e nos dirigimos para a Costa dos Escravos, até um carregamento de marfim negro. Mas nossa sorte foi embora

com Bellefonte. Encalhamos num banco de areia e, quando as névoas clarearam, 100 canoas de guerra, cheias de demônios nus e uivantes, estavam se aglomerando ao nosso redor.

“Lutamos durante a metade de um dia e, quando os expulsamos, estávamos com metade de nossos homens mortos, e o navio pronto para sair do banco de areia onde encalhou e afundar sob nossos pés. Só havia duas coisas a serem feitas: irmos ao mar em botes despedaçados, ou irmos para a praia. E só havia um bote, ao qual os bombardeios do navio de guerra não haviam destruído. Alguns da tripulação se aglomeraram dentro dele e, da última vez que os vimos, eles remavam para oeste. O resto de nós chegou à praia em jangadas.

“Pelos deuses de Hades! Era loucura... mas o que mais poderíamos fazer! As selvas estavam apinhadas de selvagens sedentos de sangue. Marchamos para norte, na esperança de acharmos algum barracão de escravos, mas eles nos expulsaram e fomos forçados a virarmos diretamente para leste. Lutávamos por cada passo de nosso caminho; nosso bando se desfez, como névoa diante do sol. Lanças, animais selvagens e serpentes venenosas cobraram seu pedágio medonho. Por fim, enfrentei sozinho a selva que havia engolido todos os meus homens. Escapei dos nativos. Por meses, viaje sozinho, porém armado, nesta terra hostil. Finalmente, alcancei as margens de um grande lago, e vi os muros e torres de um grande reino que se erguia diante de mim”.



Hawk riu ferozmente:

- Pelos ossos dos santos! Isto soa como um conto de Sir John Mandevill. Encontrei um povo estranho sobre as ilhas... e uma raça curiosa e perversa que as governava. Eles nunca antes tinham visto um homem branco... em minha juventude, eu perambulei ao redor de um bando de ladrões que disfarçavam sua verdadeira natureza através de prestidigitações e malabarismos. Pela eficácia da minha habilidade em prestidigitar ao meu

alcance, impressionei o povo. Eles me viram como um deus... todos, menos o velho Agara, sacerdote deles... e ele não conseguia explicar minha pele branca.



“Fizeram de mim um talismã, e o velho Agara se ofereceu para fazer de mim um alto sacerdote. Eu pareci me submeter e aprendi muitos de seus segredos. Temi o velho abutre, a princípio, pois ele era capaz de fazer uma magia que faria a minha prestidigitação parecer infantil... mas o povo estava totalmente encantado por mim.

“O lago se chama N yayna; as ilhas sobre ele são chamadas as Ilhas de Ra e a ilha principal é chamada de Basti. A classe dominante se chama khabasti, e os escravos são chamados de masutos.

“A vida destes últimos é deveras infeliz. Não têm vontade própria, exceto os desejos de seus amos cruéis. São mais brutalmente tratados que os índios de Darlen pelos espanhóis. Já vi mulheres chicoteadas até a morte, e homens crucificados pela mais leve das faltas. O culto dos khabastis é obscuro e sombrio, trazido com eles de alguma terra repugnante da qual vieram. No grande altar do templo da Lua, a cada semana, uma vítima uivante morre sob a adaga do velho Agara... sempre o sacrifício de um masuto, um jovem forte ou uma virgem. Isso nem é o pior... antes da adaga aliviar o sofrimento, a vítima é aleijada de formas horrendas de se

mencionar. A Santa Inquisição empalidece diante das torturas infligida pelos sacerdotes de Basti; mas a arte deles é tão infernal, que a criatura sem língua, decepada, cega e esfolada vive até a estocada final da adaga mandá-lo – ou mandá-la – para além do alcance dos demônios torturantes”.

O olhar dissimulado de Hawk mostrou a ele que intensos fogos vulcânicos começavam a arder friamente nos olhos estranhos de Kane. Sua expressão ficou mais sombriamente pensativa do que nunca, quando gesticulou para que o bucaneiro continuasse.

- Nenhum inglês é capaz de assistir às agonias diárias e impiedosas dos pobres infelizes. Tornei-me defensor deles assim que aprendi sua linguagem, e tomei partido dos masutos. Então, o velho Agara teria me matado, mas os escravos se rebelaram e mataram o demônio que ocupava o trono. Então, eles me suplicaram para ficar e governá-los. Eu o fiz. Sob meu governo, Bast prosperou... tanto os masutos quanto os khabastis. Mas o velho Agara, que havia escapulado para algum esconderijo, estava trabalhando nas sombras. Ele conspirou contra mim e, finalmente, chegou até a jogar muitos dos masutos contra seu libertador. Pobres tolos! Ontem, ele saiu em local aberto e, numa batalha pesada, as ruas da antiga Basti ficaram vermelhas. Mas o velho Agara triunfou com sua magia maligna, e muitos dos meus partidários foram mortos. Nós fugimos em canoas para uma das ilhas menores, e lá eles caíram sobre nós, e novamente perdemos a luta. Todos os meus adeptos foram mortos ou levados... e Deus ajude aos que foram levados vivos!... só eu escapei. Eles têm me caçado como lobos desde então. Agora mesmo, eles continuam me perseguindo. Não irão descansar até me matarem, se eles tiverem primeiro que me seguir através do continente.

- Então, não deveríamos perder tempo conversando. – disse Kane, mas Hawk sorriu friamente.

- Não... no momento em que lhe vislumbrei através das árvores, e percebi que por algum estranho capricho do Destino eu havia encontrado um homem de minha própria raça, vi que mais uma vez devo usar o diadema dourado e incrustado de jóias, que é a coroa de Basti. Deixe-os chegarem... iremos encontrá-los.

“Ouça, meu corajoso puritano: o que eu fiz antes, eu fiz desarmado, por simples artimanha improvisada. Se eu tivesse uma arma de fogo, eu seria governante de Basti neste momento. Eles nunca ouviram falar em pólvora. Você tem duas pistolas... é o suficiente para fazer de nós reis por mais doze vezes... mas, bem que você poderia ter um mosquete”.

Kane encolheu os ombros. Era desnecessário contar a Hawk sobre a batalha demoníaca na qual seu mosquete fora despedaçado; naquele momento, ele se perguntava se aquele episódio medonho não havia sido uma visão de delírio.

- Tenho armas – ele disse –, embora meu suprimento de pólvora e bala esteja limitado.

- Três tiros nos colocarão no trono de Basti. – disse Hawk – Então, meu bravo amigo, vai se arriscar com um velho camarada?

- Vou lhe ajudar em tudo que estiver ao meu alcance. – Kane respondeu sombriamente – Mas não desejo nenhum trono terreno de orgulho e futilidade. Se trouxermos paz a uma raça sofredora e punirmos homens perversos por sua crueldade, é o suficiente para mim.

Eles dois formavam um estranho contraste, de pé na penumbra da grande floresta tropical. Jeremy Hawk era tão alto quanto Solomon Kane; e como ele, era forte e de membros longos... de aço duro e flexível como ossos de baleia. Mas onde Solomon era moreno, Jeremy Hawk era loiro. Agora ele estava levemente bronzeado pelo sol, e seus emaranhados cachos amarelos lhe caíam sobre sua testa alta e estreita. Seu maxilar, coberto por uma barba amarela, curta e áspera, era magro e agressivo; o fino talho de sua boca era cruel. Seus olhos cinzas eram brilhantes e inquietos, cheios de cintilações ferozes e luzes mutáveis. Seu nariz era fino e aquilino, e todo o rosto parecia o de uma ave de rapina. Ele se erguia levemente curvado para a frente, em sua atitude habitual de impaciência feroz, quase nu e segurando firmemente a espada ensanguentada.



Encarando-o, estava Solomon Kane, igualmente alto e forte, com suas botas desgastadas, roupas esfarrapadas e desalinhado chapéu sem pluma, cingido com pistolas, uma espada estreita de dois gumes e uma adaga; e com sua bolsa de pólvora e balas pendurada ao cinto. Não havia qualquer insinuação de semelhança entre o selvagem e indiferente rosto de falcão do bucaneiro e as feições sombrias do puritano, cuja sombria palidez tornava seu rosto quase cadavérico. Mas percebia-se a mesma qualidade na flexibilidade de tigre do pirata e na aparência lupina de Kane. Estes dois homens nasceram nômades e matadores, amaldiçoados com um impulso paranoico de viagens, que os queimava como fogo inapagável e nunca lhes dava descanso.

- Dê-me uma de suas pistolas - exclamou Hawk -, e metade de sua pólvora e balas. Eles logo estarão sobre nós... por Judas, não iremos esperá-los! Vamos ao encontro deles! Deixe tudo comigo... um tiro, e eles cairão e nos

adorarão. Venha! E, enquanto andamos, me conte como chegou até aqui.

Perambulei por muitas luas. – disse Kane, meio relutante – Por que estou aqui, não sei... mas a selva me chamava através de muitas léguas de mar azul, e eu vim. Sem dúvida, a mesma Providência que tem me guiado os passos por todos os meus anos, me trouxe para cá pelo mesmo propósito, ao qual meus olhos fracos ainda não enxergaram.

- Você carrega um bastão estranho. – disse Hawk, enquanto eles caminhavam a passos largos e balouçantes sob os enormes arcos.

Os olhos de Kane vagaram até o bastão em sua mão direita. Era tão longo quanto uma espada, duro como ferro e afiado na extremidade menor. A outra extremidade era esculpida na forma de uma cabeça de gato, e todo o bastão tinha estranhas linhas onduladas e estranhos entalhes.

- Não duvido que seja apenas mais um objeto de magia negra e feitiçaria. – disse Kane sombriamente – Mas, no passado, triunfou poderosamente contra seres das trevas, e é uma arma agradável. Foi dada para mim por uma estranha criatura... N'Longa, um feiticeiro da Costa dos Escravos, quem eu vi realizar façanhas sem nome e não religiosas. Mas, por baixo de sua selvagem pele enrugada, bate o coração de um homem de verdade, não tenho dúvidas. Ouça!

Hawk parou, subitamente enrijecido. À frente deles, soava o caminhar de muitos pés calçados em sandálias – fraco como um vento nos topos das árvores, embora, com ouvidos tão aguçados quanto os de cães de caça, tanto ele quanto seu companheiro o ouvissem e interpretassem.

- Há uma clareira logo adiante. – disse Hawk, sorrindo selvagememente

- Vamos esperá-los lá...

E assim, Kane e o ex-rei de Basti ficaram plenamente visíveis em um dos lados da clareira, quando 100 homens surgiram abruptamente do outro lado, como um bando de lobos sobre rastros recentes. Eles pararam, assombrados e repentinamente sem fala, ao verem aquele que estava fugindo por sua vida, e que agora os encarava com um sorriso cruel e zombeteiro – e ao verem seu companheiro silencioso.



Quanto a Kane, ele os encarava, surpreso. Metade deles eram negros atarracados e robustos, com os peitos cilíndricos e pernas curtas de homens que passavam a maior parte de suas vidas em canoas. Estavam nus e armados com lanças pesadas. Foram os outros que prenderam a atenção do inglês. Eram homens altos e bem formados, cujas feições regulares e lisos cabelos negros mostravam pouco traço de sangue negroide. A cor deles era um marrom acobreado, variando de um bege avermelhado claro até um bronze intenso. Seus rostos eram francos e não eram desagradáveis. Suas vestes consistiam apenas em tângas de seda e sandálias. Em suas cabeças, muitos usavam um tipo de elmo feito de bronze, e cada um trazia no braço esquerdo um pequeno escudo redondo de madeira, reforçado com couro

endurecido e pregos de bronze. Suas armas eram espadas curvas, semelhantes à usada por Hawk, maças de madeira polida e leves machados de batalha. Alguns carregavam arcos pesados, de poder evidente, e aljavas com longas flechas farpadas.



E ocorreu violentamente a Solomon Kane a idéia de que já tinha visto homens muitos parecidos com estes, ou desenhos de homens como eles. Mas ele não sabia dizer. Eles pararam no meio da clareira, para olharem incertos para os dois brancos.

- Bom – disse Hawk, zombeteiramente –, vocês encontraram seu rei.. esqueceram seus deveres para com seu governante? Ajoelhem- se, cães!

Um jovem e bem constituído guerreiro, à frente dos homens, falou irascivelmente, enquanto Kane se sobressaltava ao perceber que entendia a linguagem. Era muito semelhante aos numerosos dialetos bantus, muitos dos quais Kane havia aprendido em suas viagens, embora algumas das palavras lhe fossem ininteligíveis e tivessem um travo de estranha antiguidade.

- Assassino de mãos ensanguentadas! – exclamou o jovem, com as bochechas escuras se ruborizando de ódio – Você ousa zombar de nós? Não sei quem é este homem, mas nossa contenda não é com ele. É a sua cabeça que nós levaremos conosco para Agara. Peguem- no...

Sua própria mão recuou, junto com a azagaia que trazia, e naquele instante, Hawk apontou cuidadosamente e atirou. A pistola de pesado calibre fez um estrondo ensurdecedor, e na fumaça, Kane viu o jovem

guerreiro cair como um cão. O efeito sobre os restantes era exatamente o que Kane havia visto em selvagens de muitas outras terras. Suas armas escorregaram de mãos imóveis, e eles ficaram congelados, de boca aberta como crianças assustadas. Alguns dos guerreiros gritaram e caíram de joelhos, ou estirados sobre os rostos.

Os olhos arregalados de todos foram puxados, como que por um ímã, para o silencioso cadáver. A curta distância, a bala pesada havia literalmente despedaçado o crânio do jovem e lhe explodido os miolos. E, enquanto os camaradas deles ficavam como ovelhas, Hawk golpeou enquanto o ferro ainda estava em brasa.



- Desçam, cães! – ele gritou, de forma estridente, batendo nos joelhos de um guerreiro com um tapa – Será que devo soltar os trovões da morte sobre todos vocês, ou irão me receber novamente como seu legítimo rei?

Aturdidos e com as mentes entorpecidas, os guerreiros caíram ajoelhados; alguns se retorceram, prostrados sobre as barrigas, e choramingaram. Hawk pôs o calcanhar sobre o pescoço do guerreiro mais próximo, e sorriu selvagem e triunfantemente para Kane.

- Levantem-se. – disse ele com um chute desdenhoso – Mas ninguém

esqueça que eu sou o rei! Retornareis para Basti e lutareis por mim, ou morrereis todos aqui?

- Lutaremos por você, mestre. – responderam em coro. Hawk sorriu novamente.

- Retomar o trono é mais fácil do que eu mesmo pensei. – disse ele – Levantem-se agora... e deixem esta carniça no lugar onde caiu. Sou o rei de vocês, e este é Solomon Kane, meu camarada. Ele é um terrível feiticeiro, e se tentarem me matar.. eu, que sou imortal.. ele apagará todos da existência.

Homens são como ovelhas, pensou Solomon, ao ver os guerreiros de ambas as facções se arrumando pacificamente, de acordo com as ordens de Hawk. Formavam filas curtas, com três lado a lado, e no centro caminhavam Kane e Hawk.

- Não tema uma lança nas costas. – disse o bucaneiro para Kane – Eles estão intimidados... vê o olhar atordoado deles? Mas fique de guarda.

Então, chamando um homem que tinha a aparência de um chefe, ordenou para que este andasse entre ele e Kane.

A Lua das Caveiras



1) Um Homem Vem Procurando

Uma grande sombra negra jazia pela terra, dividindo a chama vermelha do rubro pôr-do-sol. Para o homem que subia penosamente a trilha na selva, ela avultava como um símbolo de morte e horror, uma ameaça meditativa e terrível, como a sombra de um assassino furtivo sobre uma parede iluminada a vela.

Mas, era apenas a sombra do grande penhasco que se erguia diante dele; o primeiro posto avançado dos sombrios contrafortes, os quais eram sua meta. Ele parou por um momento ao pé do penhasco, olhando para o alto, onde ele se erguia sombriamente destacado contra o sol poente. Ele era capaz de jurar ter percebido a insinuação de um movimento no topo, enquanto olhava com a mão lhe protegendo os olhos. Mas o clarão moribundo o ofuscou, e ele não pôde ter certeza. Era um homem que corria para a cobertura? Um homem, ou...?

Ele encolheu os ombros e se pôs a examinar a trilha áspera, que guiava para o alto e sobre a beirada do penhasco. À primeira vista, parecia que apenas um cabrito montês seria capaz de subi-la, mas um exame mais de perto mostrava vários pontos de apoio para os dedos, perfurados na rocha sólida. Seria um trabalho testar suas forças até o extremo, mas ele não havia percorrido 1600 km para agora dar as costas.

Ele deixou cair a grande bolsa que usava sobre o ombro, e deitou o tosco mosquete, ficando apenas com sua longa espada estreita de dois gumes, a

adaga e uma de suas pistolas, as quais prendera atrás de si, e, sem olhar para trás em direção à trilha na qual viera, ele começou a longa subida. Era um homem alto, de braços longos e músculos de aço, embora várias vezes ele fosse forçado a parar em sua escalada e descansar por um momento, agarrando-se feito uma formiga à superfície íngreme do despenhadeiro. A noite caiu rapidamente, e o penhasco acima dele era uma mancha ensombrecida, na qual era forçado a cravar os dedos cegamente, em busca de orifícios que lhe servissem como uma precária escada de mão.



Abaixo dele, irrompiam os ruídos noturnos da selva tropical; mas lhe parecia que mesmo estes sons eram abrandados e calados, como se as grandes colinas negras, que avultavam no alto, lançassem um feitiço de silêncio e medo, até mesmo sobre as criaturas da Selva.

Ele continuou se esforçando para o alto, e agora, para dificultar ainda mais seu caminho, o despenhadeiro tinha uma saliência próxima ao cume, e o esforço de nervos e músculos se tornou angustiante. Mais de uma vez, ele escorregou de um orifício, e escapou por um fio. Mas cada fibra de seu esguio corpo firme tinha perfeita coordenação, e seus dedos eram como

garras de aço com o aperto de um torno. Seu avanço ficou mais lento, mas ele prosseguiu, até que finalmente viu a beirada rochosa dividindo as estrelas, a apenas 6 metros acima dele.

E, enquanto ele olhava, um vago vulto ficou visível, desabou na beirada e caiu em sua direção, com um grande movimento de ar ao redor. Com a pele se arrepiando, ele se comprimiu contra a superfície do penhasco e sentiu um baque pesado contra seu ombro – apenas um baque de raspão, mas mesmo assim, ele quase lhe tirou o equilíbrio e, enquanto lutava desesperadamente para se endireitar, ouviu um estrondo ecoar por entre as rochas lá embaixo. Com suor frio lhe escorrendo da testa, ele olhou para cima. Quem – ou o quê – havia empurrado aquele matacão por sobre a beirada do despenhadeiro? Ele era bravo, como os ossos em muitos campos de batalha poderiam declarar, mas o pensamento de morrer como um carneiro – indefeso e sem chance de resistir – lhe gelava o sangue.

Então, uma onda de fúria lhe suplantou o medo e ele renovou sua escalada com velocidade temerária. O esperado segundo matacão não veio, no entanto, e ele não viu nenhuma coisa viva enquanto subia pela beirada e se erguia de um pulo, com a espada recém- desembainhada brilhando.

Ele estava numa espécie de planalto, que desembocava numa região de colinas irregulares, uns 800 metros a oeste. O penhasco, o qual ele acabara de subir, se sobressaía do restante das elevações como um taciturno promontório, avultando acima do mar de folhagem ondulante lá embaixo, agora escuro e misterioso na noite tropical.

O silêncio reinava em absoluta supremacia. Nenhuma brisa agitava as profundezas sombrias lá embaixo, e nenhum passo sussurrava entre as moitas raquíticas que encobriam a chapada; mas aquele matacão, que quase lançara o escalador para a morte, não havia caído por acaso. Quais criaturas se moviam por entre estas colinas sombrias? A escuridão tropical caía sobre o aventureiro solitário como um pesado véu, através do qual as estradas amarelas piscavam malignamente. Os vapores da vegetação podre da selva se erguiam até ele, tão tangíveis quanto uma névoa espessa; e, fazendo uma careta de nojo, ele se afastou do despenhadeiro e caminhou corajosamente pelo planalto, com a espada numa mão e a pistola na outra.

Havia uma sensação desconfortável de estar sendo observado no próprio ar. O silêncio permanecia inquebrável, exceto pelo suave zunir que marcava o caminhar felino do forasteiro, através da alta grama no terreno elevado; mas o homem sentia que coisas vivas deslizavam à sua frente e atrás, e de

cada lado. Se algum homem ou animal o rasteava, ele não sabia, nem se importava muito, pois ele estava preparado para enfrentar qualquer homem ou demônio que lhe barrasse o caminho. Ocasionalmente, ele parava e olhava desafiadoramente ao redor, mas nada via, exceto os arbustos que se agachavam como baixos fantasmas escuros ao redor de seu caminho, se fundindo e ficando indistintos na espessa e quente escuridão, através da qual as próprias estrelas pareciam se esforçar, vermelhas.

Finalmente, ele chegou ao lugar onde o planalto irrompia em inclinações mais altas, e lá viu um amontoado de árvores, delineadas solidamente nas sombras menores. Aproximou-se cautelosamente, e logo parou ao ver, ficando um pouco acostumado à escuridão e distinguiu uma forma vaga por entre os troncos, a qual não era parte deles. Ele hesitou. A figura não avançava nem fugia. Uma forma indistinta de ameaça silenciosa, ela se ocultava como que em espera. Um horror pensativo pairava sobre aquele imóvel aglomerado de árvores.

O forasteiro avançou cautelosamente, com a lâmina estendida. Mais perto, forçando os olhos em busca de alguma insinuação de movimento ameaçador, ele julgou que a figura fosse humana, mas estava confuso com sua falta de movimento. Então o motivo ficou evidente – era o corpo de um homem negro que se encontrava entre as árvores, mantido em pé por lanças atravessadas em seu corpo e pregando-o aos troncos das árvores. Um dos braços estava estendido em frente a ele, preso ao longo de um grande galho por uma adaga enfiada em seu pulso, o dedo indicador estirado como se o corpo apontasse rigidamente – de volta ao caminho pelo qual o estrangeiro havia chegado. O significado era óbvio: aquele mudo e sombrio poste indicador não tinha outro... a morte está depois dali. O homem que estava olhando para aquele aviso raramente ria, mas agora ele se permitia o luxo de um sorriso sardônico. Mil e seiscientos quilômetros de terra e mar – viagem pelo oceano e pela selva –, e agora esperavam fazê-lo voltar atrás com tal pantomima – quem quer que fossem.



Ele resistiu à tentação de saudar o corpo, como uma ação desejada de decoro, e prosseguiu ousadamente pelo arvoredo, meio na expectativa de um ataque por trás ou uma armadilha. Nada do tipo aconteceu, entretanto; e, saindo das árvores, ele se encontrou ao pé de uma inclinação áspera, a primeira de uma série de declives. Ele caminhou imperturbavelmente para cima na noite, e nem sequer parou para refletir o quão incomuns suas ações deveriam parecer para um homem sensível. O homem comum teria acampado ao pé do penhasco e esperado pelo amanhecer, antes mesmo de tentar escalar os penhascos. Mas este não era um homem comum. Uma vez com um objetivo em vista, ele seguia a linha mais reta até o mesmo, sem pensar em obstáculos, fosse dia ou noite. O que era para ser feito, tinha que ser feito. Ele havia alcançado os postos avançados do reino do medo e da escuridão, e invadir seus abrigos mais internos à noite parecia seguir o objetivo de curso.

Enquanto ele subia as inclinações salpicadas por matacões, a lua se ergueu, emprestando seu ar de ilusão; e, à sua luz, as colinas irregulares à frente avultavam como as espirais negras de castelos de feiticeiros. Ele

manteve os olhos fixos na vaga trilha que estava seguindo, pois ele não sabia quando outro matacão poderia ser arremessado pelas inclinações. Esperava algum tipo de ataque e, naturalmente, foi o inesperado que realmente aconteceu.

Súbito, um homem saiu de trás de uma grande rocha; um gigante de ébano sob o pálido luar, com uma longa lâmina de lança brilhando como prata em sua mão, seu cocar de plumas de avestruz flutuando acima dele como uma nuvem branca. Ele ergueu a lança em enfadonha saudação, e falou num dialeto das tribos do rio:



- Esta não é terra do homem branco. Quem é meu irmão branco em seu próprio curral, e por que ele adentrou a Terra das Caveiras?

- Meu nome é Solomon Kane. – o branco respondeu na mesma língua

- Procuo a rainha vampira de Negari.

- Poucos procuram. Pouquíssimos encontram. Ninguém retorna. – o outro respondeu enigmaticamente.

- Vai me levar até ela?

- Você carrega uma longa adaga em sua mão direita. Não há leões aqui.

- Uma serpente desalojou um matacão. Achei que eu fosse encontrar cobras nas moitas.

O gigante reconheceu esta troca de sutilezas com um sorriso sombrio, e caiu em breve silêncio.

Sua vida – disse, logo depois, o negro – está na minha mão. Kane sorriu levemente:

- Eu carrego as vidas de muitos guerreiros em minha mão.

O olhar do negro percorreu, incerto, o comprimento tremeluzente da espada do inglês. Então, ele encolheu os ombros poderosos e deixou a ponta de sua lança afundar no chão.

- Você não carrega presentes – ele disse –; mas siga-me, e eu lhe guiarei à Terrível, à Senhora do Destino, à Mulher Vermelha, Nakari, que governa a terra de Negari.

Ele deu um passo para o lado e gesticulou para que Kane andasse à sua frente, mas o inglês, com a estocada de uma lança no pensamento, sacudiu a cabeça:



- Quem sou eu para andar à frente do meu irmão? Somos dois chefes.. vamos andar lado a lado.

Em seu coração, Kane detestou ser forçado a usar tal desagradável diplomacia com um guerreiro selvagem, mas não demonstrou. O gigante se curvou com certa majestade bárbara, e juntos eles subiram a trilha da colina, sem se falarem.

Kane estava consciente de que havia homens saindo de esconderijos e ficando atrás deles; e um olhar furtivo sobre o ombro mostrou a ele uns 40 guerreiros, caminhando atrás deles em duas linhas em forma de cunha. O luar cintilava sobre corpos lustrosos, cocares ondulantes, e longas e cruéis lâminas de lanças.

- Meus irmãos são como leopardos – disse cortesmente Kane –; eles se deitam nas moitas baixas e nenhum olho os vê; eles andam furtivamente através da grama alta, e nenhum homem lhes ouve a chegada.

O chefe negro agradeceu o elogio com uma inclinação cortês de sua cabeça leonina, a qual fez as plumas sussurrarem.

- O leopardo da montanha é nosso irmão, ó chefe. Nossos pés são como a fumaça ascendente, mas nossos braços são como aço. Quando golpeiam, o

sangue pinga vermelho e homens morrem.

Kane sentiu uma corrente oculta de ameaça no tom. Não havia verdadeira insinuação de ameaça onde ele baseava suas suspeitas, mas o sinistro tom menor estava lá. Ele não falou mais nada por um tempo, e o estranho bando caminhou silenciosamente para cima sob o luar, como uma cavalgada de espectros. A trilha ficou mais íngreme e rochosa, serpenteando para os lados entre penhascos e gigantescos matacões. Súbito, uma enorme fenda apareceu diante deles, atravessada por uma ponte natural de pedra, ao pé da qual o líder parou.

Kane olhou curiosamente para o abismo. Tinha uns 12 metros de largura e, olhando para baixo, seu olhar foi engolido pela escuridão impenetrável, a muitas dezenas de metros, ele sabia. Do outro lado, se erguiam penhascos escuros e proibidos.



- Aqui – disse o chefe – começam as verdadeiras fronteiras do reino de Nakari.

Kane percebia que os guerreiros se aproximavam casualmente dele. Seus dedos se firmaram ao redor do cabo da espada, a qual ele não havia embainhado. O ar estava subitamente sobrecarregado de tensão.

- Aqui também – o chefe disse brevemente –, aqueles que não trazem presentes para Nakari... morrem!

A última palavra foi um guincho, como se o pensamento houvesse transformado quem falou num maníaco; e, quando ele gritou, o grande braço foi para trás e em seguida para a frente, com uma ondulação de músculos poderosos, e a longa lança saltou em direção ao peito de Kane.

Somente um lutador nato conseguiria evitar a estocada. A ação instintiva de Kane lhe salvou a vida... a grande lâmina lhe roçou as costelas, quando ele se inclinou para o lado e devolveu o golpe com uma estocada lampejante, a qual matou um guerreiro que se esbarrou entre ele e o chefe naquele instante.

Lanças brilhavam ao luar, e Kane, desviando uma e se curvando sob a estocada de outra, pulou para fora sobre a ponte estreita, onde apenas um de cada vez poderia atacá-lo.



Ninguém se interessou em ser o primeiro. Permaneceram sobre a beirada e estocaram em sua direção, avançando como um só quando ele recuava e recuando quando ele os pressionava. Suas lanças eram mais longas que a espada dele, mas ele compensava bastante a diferença e a grande inferioridade, com sua habilidade brilhante e a fria ferocidade de seu ataque.

Eles oscilaram para trás e para a frente; e então, subitamente, um gigante saltou dentre seus companheiros e atacou sobre a ponte como um búfalo selvagem, os ombros encurvados, a lança baixa e os olhos lampejando com um olhar que não era totalmente são. Kane pulou para trás, diante do furioso ataque, e saltou novamente para trás, esforçando-se para evitar aquela lança cortante e achar uma brecha para enfiar a espada. Deu um pulo para o lado e se viu cambaleando na beirada da ponte, com a

eternidade abrindo a boca sob ele. Os guerreiros gritaram em selvagem exultação, quando ele oscilou e lutou pelo seu equilíbrio, e o gigante na ponte rugiu e pulou em direção ao seu inimigo cambaleante.

Kane aparou o golpe com toda sua força – uma proeza que poucos espadachins conseguiriam realizar fora do equilíbrio, como ele estava –, viu a cruel lâmina da lança lampear por sua bochecha... e se sentiu caindo para trás, no abismo. Com um esforço desesperado, ele agarrou o cabo da lança, se endireitou e atravessou o corpo do lanceiro. A grande caverna vermelha, que era a boca do gigante, esguichou sangue e, com um esforço moribundo, ele se lançou cegamente contra seu inimigo. Kane, com os calcanhares sobre a beira da ponte, foi incapaz de evitá-lo, e os dois caíram juntos, para desaparecerem silenciosamente dentro das profundezas abaixo.



Tudo acontecera tão rapidamente, que os guerreiros ficaram aturdidos. O rugido de triunfo do gigante mal havia morrido em seus lábios, antes que os dois caíssem na escuridão. Agora o restante dos nativos subia até a ponte para olharem curiosos para baixo; mas nenhum som se erguia do vazio escuro.

2) O Povo da Morte que Espreita

Quando Kane caiu, seguiu seu instinto de luta, se contorcendo no meio da queda, para que, quando se espatifasse – fosse a três ou a 300 metros abaixo –, aterrissasse sobre o homem que caiu com ele.

O final veio subitamente – bem mais repentino do que o inglês havia pensado. Ele ficou meio atordoado por um instante, e então, olhando para cima, viu vagamente a ponte estreita enfaixando o céu acima de si, e as figuras dos guerreiros, delineadas ao luar e grotescamente escurçadas ao se curvarem sobre a beirada. Ficou imóvel, sabendo que os raios da lua não penetravam as profundezas nas quais estava escondido, e que ele estava invisível para aqueles observadores. Então, quando eles sumiram de vista, ele começou a examinar sua situação atual. Seu oponente estava morto e, se não fosse o fato de seu cadáver lhe amortecer a queda, Kane também estaria morto, pois haviam caído de uma altura considerável. Apesar disso, o inglês estava rígido e com contusões.



Ele puxou sua espada do corpo do nativo, grato por ela não ter se

quebrado, e começou a tatear no escuro. Sua mão encontrou a beirada do que parecia ser um penhasco. Ele pensara que estava no fundo do abismo, e que a impressão de uma grande profundidade fosse uma ilusão, mas ele agora percebeu que havia caído numa saliência que era parte do caminho para baixo. Ele deixou cair uma pequena pedra sobre o lado e, após o que pareceu ser um tempo muito longo, ouviu o som distante de sua queda lá embaixo.

Meio sem saber o que fazer, ele puxou pedemeira e aço de seu cinto e os bateu em certo estojo, protegendo cautelosamente a luz com as mãos. A luz fraca mostrou uma vasta beirada se sobressaindo do lado do penhasco, o lado próximo às colinas, o qual ele tentara cruzar. Ele caíra próximo à beirada, e foi graças à extremidade mais estreita que ele escapara de escorregar para fora dela, sem saber onde se encontrava.

Agachando-se ali, com os olhos tentando se acostumar à escuridão abismal, ele reconheceu o que parecia ser uma sombra mais escura entre as sombras da parede. Num exame mais atento, ele percebeu ser uma abertura, grande o bastante para permitir que seu corpo ficasse ereto. Uma caverna, ele percebeu, e embora seu aspecto fosse escuro e extremamente desagradável, ele entrou, tateando seu caminho quando o estojo se apagou.

Para onde levava, ele naturalmente não tinha idéia, mas qualquer ação era preferível a ficar parado, até que os abutres das montanhas roessem seus ossos. Por um longo caminho, o chão da caverna se inclinava para cima – rocha sólida sob seus pés –, e Kane subiu com certa dificuldade o caminho mais inclinado, escorregando de vez em quando. A caverna parecia grande, pois em nenhum momento após entrar, ele conseguira tocar o teto, nem pôde, com a mão numa parede, alcançar a outra.

Finalmente o chão ficou plano, e Kane percebeu que a caverna era muito maior ali. O ar parecia melhor, embora a escuridão fosse impenetrável no momento. De repente, ele parou. De algum lugar à sua frente, veio um estranho e indefinível farfalhar. Sem aviso, alguma coisa golpeou seu rosto e açoitou selvagememente. Tudo ao seu redor fazia soar os lúgubres murmúrios de muitas asas pequenas, e repentinamente Kane sorriu de forma falsa, divertida, aliviada e humilhada. Morcegos, é claro. A caverna estava apinhada deles. Mesmo assim, foi uma experiência estremecedora e, enquanto ele prosseguia e as asas farfalhavam pela vastidão desolada da grande caverna, a mente de Kane encontrou lugar para um bizarro

pensamento: estaria ele se aventurando dentro do Inferno, de alguma estranha maneira, e eram aquilo morcegos de verdade, ou almas perdidas voando através da noite eterna? Então, pensou Solomon Kane, eu logo me defrontarei com o próprio Satã. E, enquanto pensava isso, suas narinas foram atacadas por um horrendo cheiro, fétido e repelente. O cheiro aumentou, enquanto ele prosseguia devagar, e Kane praguejou em voz baixa, embora não fosse um homem profano. Ele percebeu que o odor era sinal de alguma ameaça oculta, alguma malevolência invisível, inumana e mortífera, e sua mente sombria tirou conclusões sobrenaturais. Contudo, ele tinha perfeita confiança em sua habilidade para enfrentar qualquer demônio, blindado como ele era na inabalável confiança em sua fé e no conhecimento da retidão de sua causa.



O que se seguiu aconteceu repentinamente. Ele tateava ao longo do caminho, quando, diante dele, dois estreitos olhos amarelos pularam para o alto na escuridão – olhos frios e inexpressivos, muito horrivelmente próximos um do outro para serem humanos, e muito altos para qualquer animal de quatro patas. Que horror se erguia daquele modo, à frente?



Este é Satã, pensou Kane, enquanto aqueles olhos oscilavam sobre ele, e no instante seguinte ele estava lutando pela própria vida contra a escuridão, que parecia ter tomado uma forma tangível, e se lançado ao redor de seu corpo e membros em grandes espirais lodosas. Aquelas espirais se enroscavam em seu braço da espada, imobilizando-o. Com a outra mão, ele bateu em busca da adaga ou da pistola, com sua pele arrepiada, enquanto seus dedos escorregavam das escamas lisas, ao mesmo tempo em que o assobio do monstro preenchia a caverna com terror.

Lá, na negra escuridão que acompanhara o bater das asas dos morcegos, Kane lutou como um rato nas presas de uma serpente, e ele pôde sentir suas costelas cedendo e sua respiração se esvaindo, antes que sua furiosa mão esquerda agarrasse o cabo de sua adaga.

Então, com uma vulcânica contorção e um puxão violento dos músculos de aço de seu corpo, ele soltou parcialmente o braço esquerdo, e mergulhou várias vezes a lâmina afiada, até o cabo, no sinuoso terror contorcido que o envolvera, até finalmente sentir as trêmulas espirais afrouxarem e escorregarem de seus membros, para caírem a seus pés como enormes cabos.

A poderosa serpente se sacudiu selvagememente em seus estertores de morte, e Kane, evitando suas pancadas capazes de quebrar ossos, cambaleou na escuridão, esforçando-se para respirar. Se seu antagonista não era o

próprio Satã, era seu mais próximo satélite terrestre, pensou Solomon, esperando sinceramente não ter de enfrentar outro naquela escuridão.

Ele se sentia como se houvesse caminhado pelo escuro durante eras, e começou a se questionar se havia algum final na caverna, quando um vislumbre de luz perfurou as trevas. Ele imaginou ser uma entrada externa para um grande caminho lá fora, e começou a avançar rapidamente; mas, para seu espanto, ele se deparou bruscamente contra uma parede lisa após dar uns poucos passos.

Então, ele percebeu que a luz vinha de uma estreita fenda na parede, e notou que esta parede encontrada era de um material diferente daquele do resto da caverna, consistindo aparentemente de blocos regulares de pedra, ligados por algum tipo de argamassa – indubitavelmente, uma parede feita pela mão do homem. A luz fluía entre duas daquelas pedras, onde a argamassa se fizera em migalhas. Kane correu as mãos sobre a superfície com um interesse maior que suas necessidades presentes. O trabalho parecia muito antigo e bastante superior ao que se poderia esperar de uma tribo de selvagens ignorantes. Ele sentiu a emoção do explorador e descobridor. Certamente, nenhum homem branco tinha visto este lugar e vivido pra contá-lo, pois quando desembarcara na úmida Costa Oeste alguns meses antes, se preparando para mergulhar no continente, ele não ouvira alusão alguma sobre um país como aquele. Os poucos brancos que conheciam qualquer coisa em toda África, com os quais ele conversara, nunca haviam sequer mencionado a “Terra das Caveiras”, ou a demônia que a governava.

Kane pressionou cautelosamente o muro. A estrutura parecia enfraquecida pelo tempo – com um vigoroso empurrão, ela cederia perceptivelmente. Ele se arremessou contra a mesma, usando todo o seu peso, e uma parte inteira da parede cedeu com um estrondo, precipitando-o para dentro de um corredor mal-iluminado, entre uma pilha de pedras, poeira e argamassa.

Ele pulou para cima e olhou ao redor, esperando que o barulho trouxesse uma horda de lanceiros selvagens. Reinava o mais completo silêncio. O corredor onde ele estava agora mais parecia uma longa caverna estreita, exceto por ter sido feito pela mão do homem. Ela tinha vários pés de largura, e o teto estava a muitos pés sobre sua cabeça. A poeira no chão chegava à altura do tornozelo, como se nenhum pé houvesse pisado lá por incontáveis séculos; e a luz fraca, Kane percebeu, era filtrada de alguma forma pelo teto, pois em nenhum lugar ele viu qualquer porta ou janela. Pelo menos, ele

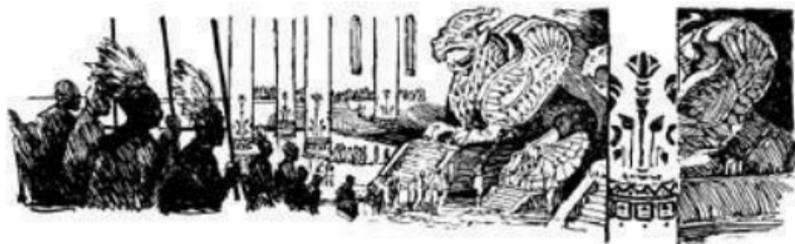
percebeu que a origem era o próprio teto, que tinha uma peculiar qualidade fosforescente.



Ele desceu o corredor, se sentindo desconfortável como um fantasma cinza, caminhando ao longo das paredes cinzentas da morte e da decadência. A evidente antiguidade do ambiente o deprimia, fazendo-o sentir vagamente a efêmera e fútil existência da humanidade. Ele acreditava estar sobre a terra, uma vez que entrava algum tipo de luz, mas onde, ele não podia sequer oferecer uma conjectura. Esta era uma terra de bruxaria – uma terra de horror e medonhos mistérios, diziam a selva e os nativos do rio; e ele ouvira insinuações sussurradas a respeito de seus terrores, desde que deixou a Costa dos Escravos e se aventurou sozinho no interior. De vez em quando, ele ouvia um murmúrio baixo e indistinto que parecia vir de uma das paredes, e ele finalmente chegou à conclusão de que cambaleava e tropeçava numa passagem secreta em algum castelo ou casa. Os nativos que ousavam lhe falar sobre Negari, sussurravam sobre uma cidade juju feita de pedra, situada bem no meio dos sombrios penhascos negros das colinas mágicas.

Então, pensou Kane, talvez eu tenha me enganado sobre o que estava

realmente procurando, e eu esteja no meio daquela cidade de terror. Ele parou e, escolhendo um lugar ao acaso, começou a soltar a argamassa com sua adaga. Enquanto trabalhava, ouviu novamente o murmúrio baixo, agora crescendo em volume enquanto ele perfurava a parede, e dali a pouco, abriu um furo; e, olhando pela abertura, ele viu uma cena estranha e fantástica.



Ele estava olhando para uma grande câmara, cujas paredes e piso eram de pedra, e cujo enorme teto era sustentado por gigantescas colunas de pedra, estranhamente entalhadas. Fileiras de emplumados guerreiros negros guarneciam as paredes, e uma dupla fileira deles permanecia como estátuas diante de um trono, situado entre dois dragões de pedra, os quais eram maiores que elefantes. Ele reconheceu aqueles homens, por seu porte e aparência geral, como sendo homens tribais dos guerreiros que enfrentara no precipício.

Mas seu olhar foi irresistivelmente atraído para o grande trono, fantasticamente ornamentado. Lá, sobrepujada pelo maciço esplendor a seu redor, uma mulher se reclinava. Era uma mulher negra, jovem e com a beleza de uma tigresa. Estava nua, exceto por um elmo emplumado, braceletes, tornozeleiras e uma cinta com coloridas penas de avestruz; e ela se esparramava sobre as almofadas de seda, com seus membros lançados ao redor delas em voluptuoso abandono. Mesmo àquela distância, Kane pôde perceber que os traços dela eram régios, embora bárbaros; altivos e autoritários, embora sensuais, e com um toque de impiedosa crueldade no franzir de seus lábios cheios e vermelhos. Kane sentiu o pulso acelerar. Esta não podia ser outra, senão aquela cujos crimes se tornaram quase míticos: Nakari de Negari, rainha demoníaca de uma cidade diabólica, cuja ânsia monstruosa por sangue punha meio continente para tremer. Ao menos, ela parecia suficientemente humana. As narrativas das apavoradas tribos fluviais emprestavam a ela um aspecto sobrenatural. Kane quase esperava ver um repugnante monstro semi-humano de alguma demoníaca era

passada.



O inglês olhava fixamente, fascinado apesar de repugnado. Nem mesmo nas cortes da Europa, ele tinha visto tamanha grandeza. A câmara e todos os seus equipamentos, das serpentes gêmeas esculpidas ao redor das bases dos pilares aos dragões mal-divisados das sombras do teto, estavam moldados numa escala gigantesca. O esplendor era pavoroso – elefantino –, inumanamente gigantesco e quase paralisante para a mente que tentasse medir e compreender a magnitude daquilo. Para Kane, parecia que aquilo havia sido mais trabalho de deuses que de homens, pois esta única câmara sobrepujaria grandemente a maioria dos castelos que ele conhecera na Europa.

Os guerreiros que apinhavam aquela enorme sala pareciam grotescamente em desacordo. Eles não eram os arquitetos daquele lugar antigo. Enquanto Kane percebia isto, a importância sinistra da Rainha Nakari diminuía. Esparramada naquele trono majestoso em meio à terrível glória de outra era, ela parecia assumir suas verdadeiras proporções: uma criança mimada e petulante, empenhada num jogo de faz-de-conta, e

usando para seu divertimento um brinquedo descartado pelos seus antecessores. E, ao mesmo tempo, um pensamento entrou pela mente de Kane: quem eram estes antecessores? Mesmo assim, a criança poderia se tornar mortífera, como o inglês logo viu. Um guerreiro alto e imponente saiu das fileiras em frente ao trono, e após ter se prostrado quatro vezes diante deste, permaneceu de joelhos, evidentemente esperando permissão para falar. O ar de preguiçosa indolência da rainha caiu dela, e ela se endireitou com um movimento rápido e flexível, o qual lembrou a Kane um leopardo se erguendo. Ela falou, e as palavras chegaram fracas até ele, enquanto ele se esforçava para ouvir. Ela conversava numa linguagem muito similar à das tribos do rio.



- Fale!

- Grande e Terrível – disse o guerreiro ajoelhado, e Kane o reconheceu como o chefe que primeiro se dirigira a ele no planalto... o chefe dos guardas nos penhascos –, não deixe o fogo de sua fúria consumir seu escravo.

Os olhos da jovem mulher se estreitaram maldosamente:

- Você sabe por que foi convocado, filho de um abutre?

- Fogo de Beleza, o forasteiro chamado Kane não trouxe nenhum presente.

- Nenhum presente? – ela cuspiu as palavras – O que eu tenho a ver com presentes?

O chefe hesitou, agora sabendo que havia alguma importância especial neste estrangeiro.

- Gazela de Negari, ele veio subindo os penhascos à noite, como um assassino, com uma adaga do tamanho do braço de um homem na mão. O bloco que lançamos não o atingiu, o encontramos sobre o planalto e o levamos à Ponte-Através-do-Céu, onde, como é o costume, pensamos em matá-lo; pois era sua informação, de que estava cansada de homens que viessem cortejá-la.

- Idiota! – ela rosnou – Idiota!

- Seu escravo não sabia, Rainha de Beleza. O estranho lutava como um leopardo da montanha. Ele matou dois homens, caiu no abismo com o último, e assim morreu, Estrela de Negari.



- Sim. – o tom de voz da rainha era venenoso – O primeiro grande homem que já chegou até Negari! Aquele que poderia ter... levante-se, idiota!

O homem ficou de pé:

- Poderosa Leoa, ele não poderia estar procurando...

A frase nunca foi completada. Enquanto ele se erguia, Nakari fez um gesto rápido com a mão. Dois guerreiros saltaram das fileiras silenciosas, e duas lanças se cruzaram dentro do corpo do chefe tribal, antes que ele pudesse se virar. Um grito gorgolejante lhe saiu dos lábios, o sangue esguichou alto no ar e o corpo caiu estirado no chão do grande trono.

As fileiras não recuaram, mas Kane percebeu o brilho enviesado de olhos estranhamente vermelhos, e o umedecer involuntário de lábios grossos. Nakari estava meio erguida quando as lanças se moveram, e agora ela se deitava de volta, com uma expressão de cruel satisfação em seu belo rosto e um estranho brilho meditativo em seus olhos cintilantes.

Um gesticular indiferente de sua mão, e o cadáver foi arrastado dali pelos calcanhares, os braços mortos se arrastando flácidos na larga marcha de sangue, deixada pela passagem do corpo. Kane pôde ver outras manchas largas cruzadas sobre o chão de pedra, algumas quase indistintas, outras menos fracas. Quantas cenas selvagens de sangue e cruel frenesi, os grandes dragões de pedra do trono tinham visto com seus olhos esculpidos?

Agora ele não duvidava das histórias contadas a ele pelas tribos do rio. Aquele povo havia sido criado em rapina e horror. Sua bravura lhes havia arrebatado os cérebros. Eles viviam, como uma terrível fera, só para destruir. Havia estranhos brilhos por trás de seus olhos, que às vezes iluminavam aqueles mesmos olhos com fogos ascendentes e sombras do Inferno. O que as tribos do rio haviam dito sobre aquele povo montanhês, que os havia devastado por incontáveis séculos?

“Que eram partidários da morte, a qual espreitava entre eles, e à qual cultuavam”. Mas o pensamento ainda pairava na mente de Kane, enquanto ele olhava: quem construiu este lugar, e por que este povo estava evidentemente no poder? Guerreiros como eles eram, jamais conseguiriam alcançar a cultura evidenciada por aqueles entalhes. Mas as tribos do rio não falaram de outros homens, senão daqueles aos quais ele observava.

O inglês se livrou, com esforço, do fascínio da cena bárbara. Ele não tinha tempo a perder; enquanto o tivessem como morto, mais chance ele tinha de burlar possíveis guardas e procurar o que veio achar. Ele deu a volta e

caminhou pelo corredor fosco. Nenhum plano de ação lhe apareceu na mente, e uma direção era tão boa quanto outra. A passagem não seguia em linha reta; ela fazia curvas e serpenteava, seguindo a linha das paredes; Kane supôs, e achou tempo para se perguntar sobre a evidente e enorme grossura daquelas paredes. Esperava encontrar, a qualquer momento, algum guarda ou escravo; mas, à medida que os corredores continuavam a se estenderem vazios diante dele, com os chãos poeirentos sem nenhuma pegada, concluiu que, ou as passagens eram desconhecidas ao povo de Negari, ou, por algum motivo, nunca foram usadas.



Ele procurou atentamente por portas secretas, e finalmente achou uma, embutida no lado mais interno, com uma tranca enferrujada encaixada num sulco na parede. Ele a manipulou cuidadosamente e, dentro em pouco, com um rangido que parecia terrivelmente alto no silêncio, a porta se abriu para dentro. Olhando ao redor, ele não viu ninguém e, atravessando cautelosamente a abertura, ele puxou a porta atrás de si, notando que esta fazia parte de uma fantástica gravura pintada na parede. Ele fez um risco com sua adaga, no ponto onde acreditava que a porta escondida dava para o lado de fora, pois não sabia quando poderia ter de usar a passagem novamente.



Ele estava num grande salão, através do qual corria um labirinto de pilares gigantes, muito semelhantes àqueles da câmara do trono. Por entre eles, ele se sentia como uma criança numa grande floresta, mas elas lhe davam uma leve sensação de segurança, vez que acreditava que, deslizando entre elas como um fantasma através de uma selva, ele poderia iludir os guerreiros apesar da astúcia destes.

Ele se moveu, escolhendo sua direção ao acaso e andando cuidadosamente. Por um momento, ele ouviu um murmúrio de vozes e, saltando para a base de uma coluna, agarrou-se ali enquanto duas mulheres passavam logo abaixo dele. Mas, além delas, ele não encontrou ninguém. Era uma sensação sobrenatural, passar através deste vasto salão que parecia desprovido de vida humana – mas em outro lugar, conhecido por Kane, poderia haver multidões escondidas da visão pelos pilares.

Finalmente, após o que parecia uma eternidade seguindo estes labirintos monstruosos, ele se deparou com uma enorme parede, que parecia ser um lado do salão ou uma parede divisória, e, continuando ao longo desta, viu à sua frente uma entrada, diante da qual dois lanceiros se postavam como estátuas negras.

Kane, espiando ao redor do lado da base de uma coluna, percebeu duas janelas no alto da parede, uma de cada lado, e ao notar os entalhes enfeitados que cobriam as paredes, se determinou a fazer um plano desesperado. Ele achou obrigatório ver o que ficava dentro daquele compartimento. O fato de ser guardado sugeria que a sala atrás da porta era uma câmara de tesouro ou um calabouço, e se sentiu convicto de que sua tentativa irrevogável provaria que ali era um calabouço.

Kane recuou até um ponto fora da vista dos guardas, e começou a escalar a parede, usando os entalhes profundos como apoios para as mãos e os pés. Verificou-se ser bem mais fácil do que ele havia esperado, e tendo galgado até um ponto do mesmo nível que as janelas, ele rastejou cautelosamente ao longo de uma linha horizontal, sentindo-se como uma formiga numa parede. Os guardas lá embaixo nunca olhavam para cima, e ele finalmente alcançou a janela mais próxima e ficou sobre o batente. Baixou o olhar para uma grande sala vazia, mas equipada de maneira sensual e bárbara. Leitos de seda e travesseiros de veludo se espalhavam profusamente pelo chão, e tapeçarias carregadas de acabamento dourado pendiam das paredes de ladrilho. O teto também era trabalhado a ouro.



De forma estranhamente incongruente, bugigangas rudes de marfim e pau-ferro, inconfundivelmente selvagens no feitio, também se espalhavam pelo local, bastante simbólicas deste estranho reino onde sinais de barbarismo competiam com uma estranha cultura. A porta externa estava fechada e, na parede oposta, havia outra porta, também fechada.

Kane desceu da janela, deslizando para baixo pela beirada da tapeçaria, como um marinheiro faz na corda de uma vela, e atravessou a sala. Seus pés afundaram silenciosamente no espesso tecido do tapete felpudo que cobria o chão, e que, como todas as outras mobílias, parecia antigo a ponto de estar em decadência.

Ele hesitou ao chegar à porta. Caminhar para dentro da próxima sala poderia ser algo desesperadamente perigoso a ser feito; se estivesse cheia de guerreiros, sua fuga seria barrada pelos lanceiros do lado de fora da porta externa. Mesmo assim, ele estava acostumado a correr todos os tipos de riscos violentos, e agora, de espada em punho, ele abriu violentamente a porta, com uma subitaneidade que visava paralisar de surpresa, por um instante, qualquer inimigo que pudesse estar no outro lado.



Kane deu um passo rápido para dentro, pronto para qualquer coisa... logo, ele parou subitamente, mudo e imóvel por um segundo. Ele havia chegado procurando algo por milhares de quilômetros, e lá estava, diante dele, o objeto de sua busca.

3) Lilith

Havia um leito no meio da sala e, na sua superfície de seda, jazia uma mulher – uma mulher cuja pele era branca, e cujo cabelo de ouro avermelhado. Ela agora se erguia de um pulo, o medo lhe inundando os belos olhos cinzas, os lábios abertos para soltarem um grito, o qual ela repentinamente conteve.

- Você! – ela exclamou – Como foi que você...?

Solomon Kane fechou a porta atrás dele e caminhou em direção a ela, com um raro sorriso no rosto moreno.

- Você lembra-se de mim, não, Marylin?

O medo já havia desaparecido dos olhos dela, antes que ele falasse, para ser substituído por um olhar de incrível admiração e deslumbrada perplexidade:



- Capitão Kane! Não consigo entender... parecia que ninguém iria aparecer...

Cansada, ela passou a pequena mão pela testa, cambaleando subitamente.

Kane a pegou nos braços – ela era apenas uma criança – e colocou-a gentilmente sobre o leito. Lá, esfregando-lhe gentilmente os pulsos, ele falou numa voz monótona, baixa e apressada, vigiando a porta o tempo todo – aquela porta, por sinal, parecia ser a única entrada ou saída da sala. Enquanto falava, ele mecanicamente deu uma olhada nos aposentos, notando que era quase uma duplicata da sala externa, no que se refere às cortinas e à mobília em geral.



- Primeiro – ele disse –, antes que entremos em quaisquer outros assuntos, diga-me: você está sendo rigorosamente vigiada?

- Muito rigorosamente, senhor. – ela murmurou indefesa – Não sei como você chegou aqui, mas nunca conseguiremos escapar.

- Deixe-me contar rapidamente como cheguei até aqui, e talvez você fique mais esperançosa quando eu lhe falar das dificuldades já vencidas. Acalme-se agora, Marilyn, e vou lhe contar como vim em busca de uma herdeira inglesa na cidade diabólica de Negari.

“Matei Sir John Taferel num duelo. Quanto ao motivo, não vem ao caso mas há difamação e uma negra mentira por trás disso. Antes de morrer, ele confessou ter cometido um crime sórdido alguns anos antes. Você se lembra, é claro, da afeição dada a você por seu primo, o velho Lorde Hildred Taferal, tio de Sir John? Sir John temia que o velho lorde, morrendo sem descendentes, pudesse deixar as grandes propriedades dos Taferal para você.

“Anos atrás, você desapareceu, e Sir John espalhou o boato de que você teria se afogado. Mas, enquanto morria com minha espada atravessada no corpo, ele ofegou que havia lhe raptado e vendido a um pirata berbere, ao qual deu um nome – um pirata sangrento, cujo nome não era desconhecido nas costas da Inglaterra antes. Desse modo, vim lhe procurar, e foi uma trilha longa e cansativa, que se estendeu por longas léguas e anos amargos.

“Primeiro, naveguei os mares em busca de El Gar, o pirata berbere

mencionado por Sir John. Eu o encontrei no estrondo e rugido de uma batalha no oceano; ele morreu, mas enquanto morria, me contou que havia lhe vendido a um comerciante vindo de Istambul. Então, fui ao Levante e lá, por acaso, me deparei com um marinheiro grego, a quem os mouros haviam crucificado na praia por pirataria. Eu o libertei e fiz a ele a mesma pergunta que havia feito a todos os homens: se ele havia, em suas perambulações, visto uma menina inglesa cativa, de cachos amarelos. Eu soube que ele havia pertencido à tripulação de mercadores de Istambul, e que ela havia, em sua viagem para casa, sido capturada por um escravista português, e afundado – esse renegado grego e a criança estavam entre os poucos que foram levados a bordo pelo escravista.



“Então, este escravista, navegando para o sul em busca de mármore negro, fora emboscado numa pequena baía na Costa Oeste africana, e o grego nada sabia de seu destino posterior, pois ele havia escapado do massacre total e, seguindo para o mar num barco aberto, fora capturado por um navio de piratas genoveses.



“Então, cheguei à Costa Oeste, na remota chance de que você ainda vivia, e lá, ouvi por entre os nativos que, alguns anos atrás, uma criança branca havia sido levada por um navio, cuja tripulação havia sido assassinada, e mandada terra adentro como parte do tributo que as tribos do

litoral pagavam aos chefes do rio de cima.

“Depois, todos os rastros sumiram. Durante meses, perambulei sem nenhuma pista de seu paradeiro; não, nem sequer uma insinuação de que você estivesse viva. Depois, ouvi por acaso, entre as tribos do rio, sobre a cidade demoníaca de Negari e a rainha maligna que mantinha uma mulher estrangeira como escrava. Vim para cá”.

O tom prático de Kane, sua narração sem lustre, não davam qualquer insinuação do total significado daquela história... o que havia por trás daquelas palavras calmas e medidas... as lutas no mar e em terra... os anos de privação e dolorosa labuta, o perigo incessante, a constante perambulação através de terras hostis e desconhecidas; o trabalho tedioso e enfraquecedor de investigar a informação que desejava de selvagens ignorantes, taciturnos e hostis.

- Vim para cá. – disse Kane com simplicidade, mas que mundo de coragem e esforço era simbolizado por aquela frase! Uma longa trilha vermelha, sombras negras e escarlates entrelaçando uma dança de demônios... marcada por espadas faiscantes e pela fumaça da batalha... pelas palavras balbuciadas, caindo como gotas de sangue dos lábios de homens moribundos.

Solomon Kane certamente não era um homem conscientemente dramático. Ele contou sua história da mesma forma como havia vencido terríveis obstáculos – fria e brevemente, sem poemas épicos.

- Como vê, Marylin – ele concluiu brandamente –, eu não teria percorrido esta distância e feito tudo isto, para agora conhecer a derrota. Coragem, criança. Encontraremos um caminho para fora deste lugar terrível.

- Sir John me levou na sela de seu cavalo. – a garota disse deslumbrada e falando devagar, como se sua linguagem nativa lhe fosse estranha, devido a anos de desuso, enquanto expressava, em palavras claudicantes, um anoitecer inglês de muito tempo atrás: – Ele me carregou até o litoral marinho, onde o bote de uma galé esperava, cheio de homens ferozes, morenos, usando bigodes, cimitarras e grandes anéis nos dedos. O capitão, um muçulmano com rosto de gavião, me pegou, enquanto eu chorava de medo, e me levou para sua galé. Mas ele foi bondoso comigo, ao modo dele; eu era pouco mais que uma criancinha, e finalmente me vendeu a um mercador turco, como ele lhe contou. Ele encontrou esse mercador na costa sul da França, após muitos dias de viagem no mar.



“Este homem não fez mau uso de mim, mas eu o temia, pois ele era um homem de rosto cruel, e me fez entender que eu seria vendida a um sultão negro dos mouros. Entretanto, nos Portões de Hércules, sua embarcação foi atacada por um navio negreiro de Cadiz, e as coisas aconteceram quase como você havia dito.

“O capitão do navio negreiro acreditava que eu fosse filha de alguma família inglesa rica, e pretendia me segurar em busca de um resgate; mas, numa baía sombria da costa africana, ele morreu com todos os seus homens, exceto o grego que você havia mencionado, e fui capturada por um selvagem chefe tribal.

“Eu estava terrivelmente assustada, e pensei que ele fosse me matar, mas ele não me fez mal e me enviou para fora dali com uma escolta, a qual também carregava muita pilhagem tirada do navio. Esta pilhagem, junto comigo, era, como você sabe, destinada a um poderoso rei dos povos do rio. Mas ela nunca o alcançou, pois um bando nômade de negaris caiu sobre os

guerreiros litorâneos e matou todos eles. Então, fui trazida até esta cidade e, tendo sido sobrevivente, me tornei escrava da Rainha Nakari.

“Como vivi através de todas aquelas terríveis cenas de batalha, crueldade e assassinato, eu não sei”.

- Uma providência divina cuidou de você, criança – disse Kane –; o poder que realmente cuida de mulheres fracas e crianças indefesas; que me guiou até você, apesar de todos os obstáculos, e que ainda há de nos guiar para fora deste lugar, se Deus quiser.

- Meu povo! – ela exclamou subitamente, como quem acorda de um sonho – Como está ele?

- Todos em boa saúde e fortuna, criança, exceto pelo fato de que lamentaram por você através de longos anos. Não, o velho Sir Mildred tem certa enfermidade e jura, por esse motivo, que eu tema por sua alma às vezes. Mas me parece que, se ele lhe ver, pequena Marylin, ele irá se consertar.

- Mesmo assim, Capitão Kane – disse a menina –, não consigo entender por que você veio só.

- Seus irmãos viriam comigo, menina, mas não havia a certeza de que você vivia, e eu não queria que nenhum outro Taferal morresse numa terra distante do bom solo inglês. Eu percorri a região de um Taferal maligno... ninguém, senão eu, deveria trazer de volta ao seu lugar uma boa Taferal, se, nesse caso, ainda estivesse viva... eu, e somente eu.

O próprio Kane acreditava nesta explicação. Ele nunca procurou analisar seus motivos, e nunca hesitava uma vez que tomasse uma decisão. Embora sempre agisse por impulso, acreditava firmemente que todas as suas ações eram governadas por razões frias e lógicas. Era um homem nascido fora de seu tempo – uma mistura de puritano com cavaleiro, com um toque do antigo filósofo, e com mais que um toque do pagão, embora esta última afirmação o deixasse chocado e mudo. Ele era um atavista dos tempos da cavalaria cega, um cavaleiro errante nas cúpulas sombrias do fanático. Uma fome em sua alma o impelia sem parar, um impulso de corrigir todos os males, proteger todas as coisas fracas, vingar todos os crimes contra o direito e a justiça. Errante e inquieto como o vento, ele era constante em apenas um aspecto: era fiel aos seus ideais de justiça. Assim era Solomon Kane.



- Marilyn - ele agora dizia bondosamente, pegando-lhe as pequenas mãos em seus dedos calejados pela espada -, parece-me que você mudou muito com o passar dos anos. Você era uma mocinha rosada e roliça, quando eu costumava lhe embalar em meu joelho, na velha Inglaterra. Agora você parece ter o rosto contraído e pálido, embora seja tão bonita quanto as ninfas dos livros pagãos. Há fantasmas assombrando seus olhos. Eles lhe maltrataram aqui?

Ela se deitou no leito, e o sangue lhe fugiu lentamente do rosto já pálido, até ficar com uma brancura semelhante à morte. Kane se curvou assustado sobre ela. A voz dela veio num sussurro:

- Não me pergunte. Há atos que são melhores se escondidos na escuridão da noite e do esquecimento. Há visões que arruinam os olhos, e deixam para sempre sua marca ardente no cérebro. Os muros de cidades antigas, negligenciadas pelos homens, testemunham cenas que não devem ser faladas, nem mesmo em sussurros.

Os olhos dela se fecharam cansados, e os preocupados olhos sombrios de Kane inconscientemente percorreram as linhas azuis das veias dela,

proeminentes contra a brancura não-natural de sua pele.

- Há alguma coisa demoníaca aqui. – ele murmurou – Um mistério...



- Sim – murmurou a garota –; um mistério que era velho quando o Egito era jovem! Um mal sem nome, mais antigo que a obscura Babilônia... o qual se proliferou em terríveis cidades negras, quando o mundo era jovem e estranho.

Kane franziu a testa, preocupado. Diante das estranhas palavras da menina, ele sentiu um medo estranho e arrepiante no fundo de seu cérebro, como se obscuras memórias raciais se agitassem nos golfos das profundezas de eras, evocando sombrias visões caóticas, ilusórias e de pesadelo.

Súbito, Marilyn se sentou ereta, os olhos se arregalando de medo. Kane ouviu uma porta se abrir em algum lugar.

- Nakari! – a garota sussurrou de forma urgente.

- Rápido! Ela não pode lhe encontrar aqui. Esconda-se rápido, e enquanto Kane se virava – fique em silêncio, aconteça o que acontecer!

Ela se deitou no leito, fingindo dormir, enquanto Kane atravessava a sala

e se escondia atrás de algumas tapeçarias que, pendendo sobre a parede, ocultavam um nicho que outrora deveria conter algum tipo de estátua.

Ele mal havia feito isso, quando a única porta da sala se abriu, e uma estranha figura bárbara se destacou nela. Nakari, rainha de Negari, havia chegado em busca de sua escrava.

A negra estava vestida como havia estado quando ele a vira no trono, e os braceletes e tornozeliras coloridas retiniram quando ela fechou a porta atrás de si, e adentrou a sala. Ela se movia com a desembaraçada sinuosidade de um leopardo e, apesar de si mesmo, o observador foi tomado de admiração por sua beleza flexível. Mas, ao mesmo tempo, um estremecimento de repulsa o sacudiu, pois os olhos dela brilhavam com ódio vibrante e magnético, mais velho que o mundo.

“Lilith!”, pensou Kane. “Ela é bela e terrível como o Purgatório. Ela Lilith – aquela mulher repugnante e amável da antiga lenda”.

Nakari parou próxima ao leito, ficou olhando para baixo, em direção à prisioneira, e então, com um sorriso enigmático, se curvou e a sacudiu. Marilyn abriu os olhos, sentou-se e então deslizou de seu leito e se ajoelhou diante de sua selvagem senhora – um ato que fez Kane praguejar em voz baixa. A rainha riu, e, sentando-se sobre o leito, gesticulou para que a garota se levantasse, e logo lhe pôs um braço ao redor da cintura e sentou-a no colo. Kane olhava perplexo, enquanto Nakari acariciava a garota de maneira preguiçosa e divertida. Isto poderia ser afeição, mas para Kane mais parecia um leopardo sentado, caçoando de sua vítima. Havia um ar de zombaria e zelosa crueldade naquilo tudo.



- Você é tão delicada e linda, Mara – Nakari murmurou languidamente –; muito mais linda que as outras jovens que me servem. A hora de suas

núpcias se aproxima, pequena. E uma noiva mais bela nunca foi levada para as Escadas Negras.

Marylin começou a tremer, e Kane achou que ela iria desmaiar. Os olhos de Nakari brilhavam estranhamente sob as longas pestanas curvadas de suas pálpebras, e seus lábios carnudos e vermelhos se curvavam num leve sorriso atormentador. Cada ação dela parecia carregada de algum significado sinistro. Kane começou a suar profusamente.

- Mara – disse a rainha negra –; você é mais honrada que todas as outras garotas, e, no entanto, não está contente. Pense no quanto as garotas de Negari irão invejá-la, Mara, quando os sacerdotes cantarem a canção nupcial e a Lua das Caveiras olhar sobre a crista negra da Torre da Morte. Pense, pequena noiva do Mestre, quantas garotas já deram suas vidas para serem noivas dele!

E Nakari riu ao seu modo odioso e musical, como se de uma rara piada. Então, ela subitamente parou. Seus olhos se estreitaram até parecerem fendas, enquanto perscrutavam a sala, e seu corpo inteiro ficou tenso. Sua mão dirigiu-se ao cinto, e dele saiu com uma longa e fina adaga. Kane apontou o cano de sua pistola, o dedo no gatilho. Apenas uma hesitação natural contra atirar numa mulher o deteve de mandar a morte para dentro do selvagem coração de Nakari, pois ele acreditava que ela estava prestes a assassinar a garota.

Então, com um movimento flexível e felino, ela ergueu a garota de um puxão e pulou de volta para o outro lado da sala, seus olhos fixos com intensidade ardente na tapeçaria atrás da qual Kane se encontrava. Será que aqueles olhos agudos o descobriram? Ele logo soube.

- Quem está aí? – ela disse, de forma abrupta e feroz – Quem se esconde atrás dessas cortinas? Não lhe vejo nem ouço, mas sei que há alguém aí!

Kane continuou em silêncio. O instinto de fera selvagem de Nakari havia traído, e ele estava incerto sobre qual rumo tomar. Suas próximas ações dependeriam da rainha.

- Mara! – a voz de Nakari estalou feito um chicote – Quem está atrás dessas cortinas? Responda-me! Será que devo lhe dar novamente o sabor do chicote?

A garota parecia incapaz de falar. Ela se encolheu no lugar onde havia caído, seus belos olhos cheios de terror. Nakari, cujo olhar ardente nunca hesitava, dirigiu a mão livre atrás dela e agarrou uma corda de cortina, na parede.



Ela puxou perversamente. Kane sentiu as tapeçarias recuarem a ambos os lados dele, e foi revelado. Por um momento, o estranho quadro vivo se manteve: o aventureiro magro em roupas ensanguentadas e esfarrapadas, a longa pistola segura em sua mão direita; do outro lado da sala, a rainha negra em seus adereços bárbaros; a garota aprisionada, se encolhendo no chão. Então, Kane falou:

- Fique em silêncio, Nakari, ou você morre!

A rainha parecia paralisada e muda pela súbita aparição. Kane saiu de entre as tapeçarias, e lentamente se aproximou dela.

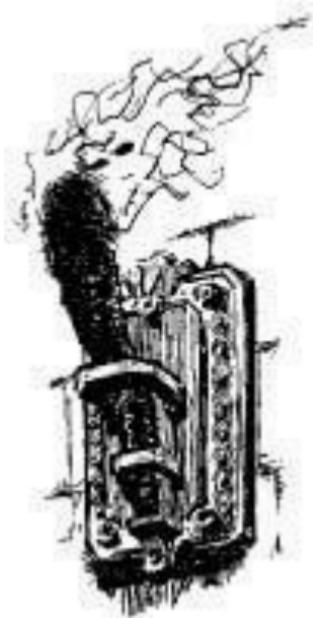
- Você! – ela finalmente encontrou sua voz – Você deve ser aquele de quem os guardas falaram! Não há dois homens brancos em Negari! Disseram que você caiu para sua morte! Então, como...

- Silêncio! – a voz de Kane lhe interrompeu os balbucios espantados; ele sabia que a pistola nada significava para ela, mas ela sentia a ameaça

daquela longa lâmina em sua mão esquerda – Marylin – ainda falando inconscientemente na linguagem das tribos do rio –, pegue cordas das cortinas e amarre-a... – Ele estava quase no meio do quarto agora. O rosto de Nakari havia perdido muito de sua perplexidade indefesa, e dentro de seus olhos ardentes, se movia furtivamente um brilho ardiloso. Ela deliberadamente deixou sua adaga cair, como em sinal de rendição; e, subitamente, suas mãos dispararam acima de sua cabeça e agarraram outra corda grossa.

Kane ouviu Marylin gritar, mas antes que ele pudesse puxar o gatilho, ou até mesmo pensar, o chão lhe caiu sob os pés e ele despencou em negrura abismal. Ele não caiu muito e aterrissou de pé; mas a força da queda o colocou de joelhos e, enquanto caía, sentindo uma presença na escuridão ao seu lado, algo se espatifou contra seu crânio, e ele caiu no abismo ainda mais negro da inconsciência.

4) Sonhos de Império



Lentamente, Kane saiu dos reinos obscuros para onde o invisível porrete do agressor o havia lançado. Algo o impedia de mover as mãos, e houve um ruído metálico quando ele tentou erguê-las até sua cabeça dolorida e palpitante. Ele estava em total escuridão, mas não conseguia ter certeza se era a ausência de luz, ou se ele ainda estava cego pelo golpe. Aturdido, ele reuniu suas faculdades dispersas, e percebeu que jazia num úmido chão de pedra, algemado pelos pulsos e tornozelos com pesadas correntes de ferro, as quais eram ásperas e enferrujadas ao toque.

Por quanto tempo ficou lá, ele nunca soube. O silêncio era quebrado apenas pelo pulsar de tambor de sua própria cabeça dolorida, e pela correria e chiado de ratos. Por fim, um brilho vermelho apareceu na escuridão e cresceu diante de seus olhos. Destacado contra a medonha radiação, se ergueu o rosto sinistro e sardônico de Nakari. Kane sacudiu a cabeça, esforçando-se para se livrar da ilusão. Mas a luz cresceu e, quando seus olhos se acostumaram a ela, ele viu que a mesma era proveniente de uma tocha na mão da rainha.



Na iluminação, ele não viu que jazia numa pequena cela úmida, cujas paredes, teto e chão eram de pedra. As pesadas correntes que o prendiam estavam ligadas a anéis de metal cravados profundamente na parede. Só havia uma porta, a qual era aparentemente de bronze.

Nakari encaixou a tocha num nicho próximo à porta, e caminhando para a frente, se ergueu sobre seu cativo, descendo o olhar para ele, de uma forma mais especulativa que zombeteira.

- Você é aquele que enfrentou os homens nos penhascos. – A observação era mais uma afirmação do que uma pergunta – Disseram que você caiu dentro do abismo... eles mentiram? Você os subornou para que mentissem? Você é um mago, ou voou até o fundo do precipício, e de lá para meu palácio? Fale!

Kane continuou em silêncio. Nakari praguejou.

- Fale, ou arrancarei seus olhos! Deceparei os dedos de suas mãos e queimarei seus pés! – Ela o chutou maldosamente, mas Kane ficou em silêncio, até o brilho feroz desaparecer dos olhos dela para ser substituído por

um ávido interesse e admiração.

Ela se sentou num banco de pedra, descansando os cotovelos nos joelhos, e o queixo nas mãos.

- Nunca vi um homem branco antes. – ela disse – Será que todos os homens brancos são como você? Bah! Não pode ser. Quase todos os homens são tolos, sejam negros ou brancos. Sei que os brancos não são deuses, como as tribos do rio dizem... são apenas homens. Eu, que conheço todos os mistérios antigos, digo que são apenas homens.

“Mas os homens brancos têm mistérios estranhos também, eles dizem – os aventureiros das tribos do rio e Mara. Eles têm porretes de guerra, que fazem um barulho semelhante ao trovão e matam à distância – aquilo que você segurava em sua mão direita era um daqueles porretes?”.

Kane se permitiu um sorriso sombrio:

- Nakari, se você conhece todos os mistérios, como posso lhe falar de algo que você já não conhece?

- Como seus olhos são profundos, frios e estranhos! – a rainha disse, como se ele não tivesse falado – Como sua aparência é completamente estranha... e você tem o porte de um rei! Você não tem medo de mim... Nunca encontrei um homem que não me amasse nem temesse. Você jamais me temeria, mas poderia aprender a me amar. Olhe para mim, homem destemido... não sou bonita?

- Você é bonita. – respondeu Kane. Nakari sorriu, e logo franziu a testa:

- Da maneira como você diz, não é elogio. Você me odeia, não?

- Como um homem odeia uma serpente. – Kane respondeu rudemente.

Os olhos de Nakari queimaram numa fúria quase insana. Suas mãos se fecharam até suas unhas longas lhe afundarem nas palmas das mãos; logo, tão repentinamente quanto sua fúria havia surgido, ela desapareceu.

- Você tem o coração de um rei – ela disse calmamente –; ou, do contrário, me temeria. Você é um rei em sua terra?

- Sou apenas um andarilho sem terra.

- Você poderia ser um rei aqui. – Nakari disse lentamente. Kane riu de forma sombria:

- Você me oferece minha vida?

- Ofereço-lhe mais do que isso!

Os olhos de Kane se estreitaram quando a rainha se curvou sobre ele, vibrante de excitação oculta:

- Kane, o que você quer mais do que qualquer outra coisa no mundo?

Pegar a garota branca que você chama de Mara, e partir.

Nakari recuou, com uma exclamação impaciente:

- Você não pode tê-la; ela é a noiva prometida do Mestre. Nem mesmo eu posso salvá-la; nem que eu quisesse. Esqueça-a. Vou lhe ajudar a esquecê-la. Ouça, ouça as palavras de Nakari, rainha de Negari! Você diz ser um homem sem terra... farei de você um rei! Darei-lhe o mundo como brinquedo! Não, não; fique em silêncio até eu terminar! – ela prosseguiu apressadamente, suas palavras tropeçando umas nas outras em sua ânsia. Seus olhos ardiam, e todo o seu corpo tremia com intensidade dinâmica: – Já conversei com viajantes, cativos e escravos, homens de países distantes. Sei que esta terra de montanhas, rios e selva não é o mundo inteiro. Há nações e cidades bem distantes, e reis e rainhas para serem esmagados e derrotados.

“Negari está desaparecendo e seu poder está se desagregando, mas um homem forte ao lado de sua rainha pode reconstruí-la... pode restaurar toda a sua glória que está desaparecendo. Ouça, Kane! Sente-se ao meu lado no trono de Negari! Peça os porretes de trovão ao seu povo, para armar meus guerreiros! Minha nação ainda é senhora da África central. Juntos, uniremos as tribos conquistadas – traremos de volta os dias em que o reino da antiga Negari atravessava a terra de mar a mar! Subjugaremos todas as tribos do rio, da planície e do litoral marinho, e, ao invés de matarmos a todos, faremos deles um poderoso exército! E depois, quando toda a África estiver sob nosso domínio, avançaremos sobre o mundo como um leão faminto, para dilacerar, rasgar e destruir!”.

O cérebro de Solomon vacilava. Talvez fosse a feroz personalidade magnética da mulher, e o poder dinâmico que ela vertia em suas palavras ardentes; mas, naquele momento, seu plano não parecia nada desvairado nem impossível. Visões sinistras e caóticas flamejavam pela mente do puritano... a Europa rasgada por conflitos civis e religiosos, dividida contra si mesma, traída por seus governantes, cambaleando... sim, a Europa estava em situações desesperadamente difíceis agora, e poderia ser uma vítima fácil para uma forte raça selvagem de conquistadores. Qual homem pode dizer sinceramente que, em seu coração, não se esconde um anseio por poder e conquista?

Por um momento, o Demônio inflamadamente tentou Solomon Kane. Logo, diante dos olhos de sua mente, apareceu o rosto ansioso e triste de Marylin Taferal, e Solomon praguejou:



- Para trás, filha de Satã! Vai-te! Acaso sou uma fera da floresta, para liderar seus demônios selvagens contra meu próprio povo? Não, nenhuma fera já fez isso. Vai-te! Se deseja minha amizade, liberte-me e deixe-me ir com a garota.

Nakari se ergueu de um pulo, como um tigre, seus olhos agora

queimando com fúria ardente. Uma adaga lhe brilhou na mão, e ela a ergueu acima do peito de Kane com um grito felino de ódio. Por um momento, ela pairou como uma sombra de morte acima; então, seu braço desabou e ela riu:



- Liberdade? Ela encontrará liberdade, quando a Lua das Caveiras olha para o altar negro. Quanto a você, irá apodrecer neste calabouço. Você é um idiota; a maior rainha da África lhe ofereceu seu amor e o império do mundo... e você a insulta! Você ama a jovem escrava, talvez? Até a Lua das Caveiras, ela é minha, e eu lhe deixo pensar sobre isto: que ela será castigada como eu a castiguei antes... pendurada pelos pulsos, nua e chicoteada até desmaiar!

Nakari riu enquanto Kane puxava selvagememente seus grillhões. Ela se dirigiu à porta, a abriu e então hesitou e voltou para dizer mais alguma coisa:

- Este é um lugar desagradável, caro destemido; e talvez você me odeie mais ainda por lhe acorrentar aqui. Talvez, na bela sala do trono de Nakari, com riqueza e luxúria espalhadas diante de você, você a olhe com mais aprovação. Muito em breve, mandarei lhe buscar, mas primeiro vou deixá-lo

aqui por algum tempo, para refletir. Lembre-se... ame Nakari, e o reino do mundo será seu; odeie-a... e esta cela será seu reino.

A porta de bronze se fechou com um tinido sombrio, mas, mais odiosa para o aprisionado inglês era a risada venenosa e prateada de Nakari.

O tempo passou devagar na escuridão. Após o que pareceu ser um longo tempo, a porta se abriu novamente; desta vez, para entrar um enorme guerreiro, que trouxe comida e uma espécie de vinho aguado. Kane comeu e bebeu avidamente, e depois dormiu. O esforço dos últimos poucos dias o havia cansado bastante – mental e fisicamente –, mas quando ele acordou, sentiu-se revigorado e fortalecido.

A porta se abriu novamente, e dois grandes guerreiros selvagens entraram. À luz das tochas que carregavam, Kane viu que eram gigantes, vestidos com tangas e cocares de plumas de avestruz, e segurando longas lanças em suas mãos.

- Nakari deseja que você vá até ela, homem branco. – foi tudo o que disseram, enquanto lhe tiravam as correntes. Ele se ergueu, exultante em sua breve liberdade, seu cérebro agudo trabalhando ferozmente em busca de um meio de escapar.



Evidentemente, a fama de sua bravura havia se espalhado, pois os dois guerreiros mostravam grande respeito por ele. Gesticularam para que ficasse à frente deles, e caminharam cautelosamente atrás dele, as pontas de suas lanças lhe espetando as costas. Embora fossem dois contra um e ele estivesse desarmado, eles não se arriscavam. Os olhares que dirigiam para ele eram cheios de temor respeitoso e suspeita.

Seguiram através de um corredor longo e escuro, seus captores o guiando com as leves pontas de suas lanças, para uma estreita e serpenteante escada

ascendente, através de outro corredor, para subir outra escada, e finalmente chegaram ao vasto labirinto de pilares gigantesco pelo qual Kane havia chegado inicialmente. Quando se moveram por este enorme salão, os olhos de Kane pousaram subitamente numa figura estranha e fantástica, pintada na parede à sua frente. Seu coração deu um pulso repentino, ao reconhecê-la. Estava a alguma distância dele, e ele imperceptivelmente se moveu aos poucos em direção à parede, até que ele e os guardas caminhassem de forma paralela e bem próxima a ela. Agora ele estava quase lado a lado com a figura, e podia até perceber a marca que sua adaga havia feito sobre ela.



Os guerreiros que seguiam Kane ficaram espantados, ao ouvi-lo ofegar subitamente, como um homem golpeado por uma lança. Ele hesitou em seus passos e começou a agarrar o ar, em busca de apoio.

Eles olhavam duvidosos um para o outro, e o cutucaram com as pontas das lanças, mas ele gritou como um homem moribundo e se amarrotou lentamente ao chão, onde ficou numa posição estranha e não-natural, uma perna dobrada para trás sob ele e um dos braços lhe apoiando o corpo deitado.

Os guardas olharam temerosos para ele. Tudo indicava que estava morrendo, mas não havia ferimentos sobre ele. Eles o ameaçaram com suas lanças, mas ele não deu atenção. Então, eles abaixaram suas armas, incertos, e um dos guardas se curvou sobre ele.

Então aconteceu. No instante em que o guarda se abaixou, Kane avançou como uma mola de aço libertada. Seu punho direito, seguindo-lhe o movimento, curvou-se para cima, vindo do quadril, num sibilante semicírculo, e se espatifou contra o maxilar do guerreiro. Desferido com toda a força do braço e ombro, e impulsionado pelo levantar de suas poderosas pernas quando Kane se ergueu, o golpe foi como o tiro de uma funda. O guarda despencou ao chão, inconsciente antes que seus joelhos dobrassem.

O outro guerreiro saltou para diante com um bramido, mas enquanto sua vítima caía, Kane se retorceu para o lado, sua mão frenética encontrou a mola secreta na pintura e a pressionou.

Tudo aconteceu num instante. Embora o guerreiro fosse rápido, Kane era mais ainda, pois ele se movia com a dinâmica rapidez de um lobo faminto. Por um instante, o corpo cadente do guarda sem sentidos impediu a arremetida do outro guerreiro; e, naquele instante, Kane sentiu a porta oculta se abrir. Com o canto do olho, ele viu um longo brilho de aço disparar em busca de seu coração. Ele se virou e retorceu, e lançou-se contra a porta, desaparecendo atrás dela, enquanto a lança perfurante lhe cortava a pele do ombro.

Para o guerreiro aturdido e desorientado, que se erguia lá com a arma levantada para outra arremetida, parecia que o prisioneiro havia simplesmente desaparecido através de uma parede sólida, pois somente uma figura fantástica foi vista por ele, e esta não cedeu aos seus esforços.

5) "Durante Mil Anos..."

Kane fechou, com um estrondo, a porta secreta atrás dele, apertou a mola e, por um instante, se inclinou sobre ela, com todos os músculos tensos, na expectativa de segurá-la contra os esforços de uma horda de lanceiros. Mas não aconteceu nada do tipo. Ele ouviu seu guarda remexendo algo atrapalhadamente por um tempo; depois, aquele som também parou. Parecia impossível aquele povo ter vivido neste palácio por tanto tempo, sem descobrir as portas e passagens secretas, mas era uma conclusão que se forçou sobre a mente de Kane. Finalmente, ele reconheceu que estava a salvo de perseguição por enquanto e, dando a volta, pôs-se a caminhar pelo longo corredor estreito, com sua poeira de eons de idade e sua fosca luz cinza. Ele se sentiu frustrado e furioso, embora estivesse livre dos grilhões de Nakari. Ele não tinha idéia de quanto tempo havia ficado no palácio, pareciam eras. Deveria ser dia agora, pois havia luz nos salões externos, e ele não tinha visto tochas depois que eles haviam deixado as masmorras subterrâneas. Ele se perguntava se Nakari havia cumprido a ameaça de vingança contra a garota indefesa. Livre por enquanto, sim; mas desarmado e caçado por este palácio infernal, feito um rato. Como ele poderia ajudar a si mesmo ou a Marilyn? Mas sua confiança nunca vacilava. Ele estava com a razão, e alguma solução se apresentaria.



Súbito, uma escadaria estreita se ramificou do corredor principal, e ele subiu por ela, a luz ficando cada vez maior, até ele se encontrar em pleno fulgor da luz solar africana. A escada terminava numa espécie de pequeno patamar, diante do qual havia uma pequena janela, fortemente gradeada. Através desta, ele viu o céu azul com matizes dourados da ardente luz do sol; a visão era como vinho para ele, e ele respirou profundamente o ar fresco e puro, como se para livrar seus pulmões da aura de pó e esplendor decadente pela qual estava passando.

Ele olhava para fora, sobre uma paisagem fantástica e bizarra. De longe, à direita e à esquerda, avultavam grandes penhascos negros e, sob eles, se erguiam castelos e torres de pedra, de estranha arquitetura – era como se gigantes de algum outro planeta tivessem erguido-os numa selva e caótica orgia de criação. Estas construções eram solidamente apoiadas contra os rochedos, e Kane sabia que o palácio de Nakari também devia estar construído dentro da parede do penhasco que se erguia atrás. Ele parecia estar na frente daquele palácio, num tipo de minarete construído na parede externa. Mas havia apenas uma janela nele, e sua visão estava

limitada.

Bem abaixo dele, por entre as sinuosas ruas estreitas daquela estranha cidade, enxames humanos circulavam, assemelhando-se a formigas negras para o observador lá no alto. A leste, norte e sul, os rochedos formavam uma muralha natural; apenas a oeste havia um muro artificial.

O sol afundava a oeste. Relutante, Kane deu as costas à janela e desceu as escadas de volta. Novamente, ele atravessou o corredor estreito e cinza, sem rumo nem planos, pelo que pareciam ser milhas e milhas. Ele descia cada vez mais por passagens que ficavam sob passagens. A luz ficou mais obscura, e um lodo úmido apareceu nas paredes. Logo, Kane parou; um sorriso fraco, atrás da parede, lhe prendia a atenção. O que era isso? Um chocalhar fraco... o chocalhar de correntes.



Kane se curvou perto da parede, e na semi-escureidão, sua mão encontrou uma mola enferrujada. Ele a manuseou cautelosamente, e logo sentiu uma porta oculta à qual ela anunciava se mover para dentro. Ele olhou cautelosamente para fora.

Estava olhando para dentro de uma cela, duplicata da outra na qual havia sido confinado. Uma tocha ardente estava enfiada num nicho da parede e, através de sua luz avermelhada e palpitante, ele percebeu uma forma no chão, acorrentada pelos pulsos e tornozelos como ele havia sido.

Um homem; a princípio, Kane pensou que fosse um nativo, mas uma segunda olhada o fez duvidar. Sua pele era escura, mas suas feições eram finamente entalhadas, ele possuía uma testa alta e magnífica, olhos firmes e vibrantes, e lisos cabelos escuros.

O homem falou num dialeto não-familiar, o qual era estranhamente distinto e bem-definido, em contraste com o jargão gutural dos nativos, com os quais Kane estava familiarizado. O inglês falou em sua própria língua, e depois na linguagem das tribos do rio.



- Você, que veio através da porta antiga – disse o outro, neste último dialeto –, quem é você? Você não é um selvagem... a princípio, pensei que

você fosse alguém da Velha Raça, mas agora vejo que não é como eles. De onde você veio?

- Eu sou Solomon Kane – disse o puritano –, um prisioneiro nesta cidade diabólica. Vim do outro lado do salgado mar azul.

Os olhos do homem se iluminaram diante da palavra:

- O mar! O antigo e eterno! O mar, que eu nunca vi, mas que foi o berço da glória de meus ancestrais! Diga-me, estranho, você já navegou, como eles, de um lado a outro do peito do grande monstro azul, e seus olhos já viram os pináculos dourados da Atlântida e os muros escarlates de Mu?

- Realmente – Solomon respondeu incerto –, já naveguei pelos mares, até o Indostão e Cathay, mas nada sei dos países que você mencionou.

- Não – o outro suspirou –; eu sonho... eu sonho. A sombra da grande noite já cai sobre meu cérebro, e minhas palavras devaneiam. Estranho, houve épocas em que estas paredes e este chão frio pareciam se dissipar em profundezas verdes e ondulantes, e minha alma era preenchida com o profundo bramido do mar eterno. Eu, que nunca vi o mar!

Kane estremeceu involuntariamente. Este homem, com certeza, era insano. Súbito, o outro estendeu uma mão murcha e em forma de garra, e lhe segurou o braço, apesar das correntes que o prendiam.

- Você, cuja pele é tão estranhamente clara... Você já viu Nakari, a demônia que governa esta cidade em decadência?

- Eu já a vi – disse Kane sombriamente –, e agora fujo dos assassinos dela, como um rato caçado.

- Você a odeia! – o outro gritou – Há, eu sei! Você procura Mara, a garot branca que é escrava dela?

- Sim.

- Ouça... – o homem acorrentado falou com estranha solenidade – Estou morrendo. O cavalete de tortura de Nakari fez seu trabalho. Eu morro, e comigo morre a sombra da glória que pertenceu à minha nação. Pois eu sou o último de minha raça. Em todo o mundo, não há ninguém como eu. Ouça agora a voz de uma raça moribunda.

E Kane, se inclinando ali, na trêmula penumbra da cela, ouviu a história mais estranha já ouvida por qualquer homem, trazida da bruma das eras obscuras do amanhecer pelos lábios do delírio. Claras e distintas, as palavras caíam do moribundo, e Kane alternadamente ardia e congelava, enquanto a vista após gigantesca vista de tempo e espaço se movia diante dele.



- Longos eons atrás... eras, eras atrás... o império de minha raça se erguia orgulhosamente sobre as ondas. Há tanto tempo, que nenhum homem se lembra de um ancestral que o lembrasse. Numa grande terra a oeste, se erguiam nossas cidades. Nossas torres douradas arranhavam as estrelas; nossas galés de proas púrpuras rompiam as ondas ao redor do mundo, pilhando os tesouros do sol poente e as riquezas do nascente.

“Nossas legiões avançavam para o norte e o sul, oeste e leste; e ninguém era capaz de resistir a elas. Nossas cidades uniram o mundo; espalhamos nossas colônias por todas as terras para subjugar todos os selvagens, vermelhos, brancos ou negros, e escravizá-los. Eles trabalharam para nós nas minas e nos remos das galés. Por todo o mundo, o povo marrom da Atlântida reinou supremo. Éramos um povo marinho, e investigávamos as profundezas de todos os oceanos. Os mistérios nos eram conhecidos, e as coisas secretas da terra, do mar e do céu. Nós líamos as estrelas e éramos sábios. Filhos do mar, nós o exaltávamos acima de tudo.

“Adorávamos Valka, Hotah, Honen e Golgor. Muitas virgens, muito jovens fortes, morreram em seus altares e a fumaça de seus santuários ocultava o sol. Então, o mar se ergueu e sacudiu. Ele trovejou de seu abismo, e os tronos do mundo caíram diante dele! Novas terras se ergueram das profundezas, e Atlântida e Mu foram engolidas pelo abismo. O mar verde rugiu pelos templos e castelos, e as ondas do mar se incrustaram nas cúpulas douradas e torres de topázio. O império da Atlântida desapareceu e foi esquecido, submergindo no abismo eterno do tempo e do esquecimento. Da mesma forma, as cidades coloniais em terras bárbaras, isoladas de seu reino materno, pereceram. Os selvagens negros e brancos se insurgiram, queimaram e destruíram, até que, no mundo todo, somente a cidade colonial de Negari permaneceu como símbolo do império perdido.



“Aqui, meus ancestrais governaram como reis, e os ancestrais de Nakari – a felina – se ajoelharam como seus escravos. Anos se passaram, se transformando em séculos. O império de Negari decaiu. Tribo após tribo se revoltou e arrebentou os grilhões, empurrando as fronteiras de volta, desde o mar, até que finalmente os filhos da Atlântida recuaram completamente e se retiraram pra dentro da própria cidade – a última fortaleza da raça. Não eram mais conquistadores, estavam encurralados por tribos ferozes, embora

eles tenham mantido aquelas tribos acuadas durante mil anos. Negari era invencível: suas paredes se mantiveram firmes; mas influências malignas internas trabalhavam.

“Os filhos da Atlântida haviam trazido seus escravos com eles para dentro da cidade. Os governantes eram guerreiros, eruditos, sacerdotes e artesãos; eles não faziam trabalhos subalternos. Para isso, eles dependiam dos escravos. Havia mais destes escravos do que senhores. E eles cresciam, enquanto o povo marrom diminuía.

“Eles se miscigenavam uns com os outros cada vez mais, enquanto a raça se degenerava, até que finalmente, só os sacerdotes estavam livres da mácula de sangue selvagem. Governantes que possuíam pouco do sangue da Atlântida, se sentaram no trono de Negari, e permitiram cada vez mais que selvagens homens tribais entrassem na cidade como servos, mercenários e amigos.

“Então, veio um dia em que estes escravos ferozes se revoltaram e mataram todos os que tinham um traço de sangue marrom, exceto os sacerdotes e suas famílias. A estes, eles aprisionaram como ‘povo- talismã’. Durante mil anos, selvagens têm governado Negari, com seus reis orientados pelos sacerdotes cativos, que embora prisioneiros, ainda eram mestres dos reis”.

Kane ouvia, fascinado. Para sua mente imaginativa, a história queimava viva como estranho fogo do tempo e espaço cósmicos.

- Depois que todos os filhos da Atlântida, exceto os sacerdotes, foram mortos, subiu um grande rei ao trono profanado da antiga Negari. Ele era um tigre, e seus guerreiros eram como leopardos. Eles se auto- intitulavam negaris, arrebatando até mesmo o nome de seus antigos mestres, e ninguém conseguia resistir a eles. Eles varreram a terra de mar a mar, e a fumaça da destruição apagou as estrelas. O grande rio correu vermelho, e os novos lordes de Negari caminharam sobre os cadáveres de seus inimigos tribais. Depois, o grande rei morreu e o império se esmigalhou, exatamente como ocorrera com o reino atlante de Negari.

“Eles eram habilidosos na guerra. Os filhos mortos da Atlântida, seus primeiros mestres, haviam treinado-os bem na arte da batalha, e contra os selvagens homens das tribos eles eram invencíveis. Mas eles só haviam aprendido a guerrear, e o império foi dilacerado em guerras internas. Assassinato e intriga espreitavam, com as mãos ensanguentadas, pelos palácios e ruas, e as fronteiras do império foram mingando cada vez mais.

O tempo todo, reis selvagens com mentes furiosas e sanguinárias sentavam no trono, e atrás das cortinas, não-vistos, mas grandemente temidos, os sacerdotes marrons guiavam a nação, mantendo-a unida e preservando-a da absoluta destruição.

“Nós éramos prisioneiros na cidade, pois não tínhamos lugar algum no mundo pra onde ir. Caminhávamos como fantasmas pelas passagens secretas e sob a terra, espionando as intrigas e fazendo magias secretas. Nós apoiamos a causa da família real – os descendentes daquele rei-tigre de muito tempo atrás – contra todos os líderes conspiradores, e sombrias são as histórias que estas paredes silenciosas poderiam contar.

“Estes selvagens não são como os outros nativos da região. Uma insanidade latente se esconde nos cérebros de todos. Eles provaram tão intensamente, e por tanto tempo, a matança e a vitória, que eles são como leopardos humanos, com eterna sede de sangue. Com seus milhares de escravos infelizes, eles saciaram todas as luxúrias e desejos, até se tornarem sórdidas e terríveis bestas, sempre procurando por alguma nova sensação, sempre saciando suas temíveis sedes em sangue.



“Como um leão, eles espreitaram por estes penhascos durante mil anos, para se lançarem à frente e destruírem a selva e o povo do rio, escravizando e devastando. Eles ainda são invencíveis por quem venha de fora, embora seus domínios tenham se reduzido às próprias muralhas da cidade, e seus primeiros grandes conquistadores e invasores houvessem se restringido a ataques em busca de escravos.

“Mas, enquanto eles definhavam, também definhavam seus mestres secretos, os sacerdotes marrons. Um a um, eles morreram, até restar apenas eu. No último século, eles também se miscigenaram com seus senhores e escravos, e agora – oh, que vergonha sobre mim! – eu, o último filho da

Atlântida, carrego em minhas veias a mácula do sangue bárbaro. Eles morreram; restei eu, fazendo magia e guiando os reis selvagens; eu, o último sacerdote de Negari. Então, surgiu a demônia Nakari”.

Kane se curvou para a frente, com interesse reanimado. Uma nova vida rolou dentro da história, quando esta lhe tocou sua própria época.

- Nakari! – o nome foi cuspidado, como o sibilar de uma cobra – Escrava e filha de um escravo! Mas ela triunfou, quando chegou sua hora, e toda a família real morreu.

“E a mim, o último filho da Atlântida, a mim ela aprisionou e acorrentou. Ela não temia os silenciosos sacerdotes atlantes, pois era filha de um Satélite – um dos sacerdotes nativos menores. Eram homens que faziam o trabalho servil dos amos – realizando os sacrifícios menores, fazendo adivinhações com fígados de galinhas e serpentes, e mantendo os fogos sagrados eternamente acesos. Ela conhecia muito sobre nós e nossos meios, e ambição maligna ardeu nela.



“Quando criança, ela dançava na Marcha da Lua Nova, e na adolescência, era uma das Donzelas das Estrelas¹. Muitos dos mistérios menores eram conhecidos por ela, e ela aprendeu mais, espionando os ritos secretos dos sacerdotes, os quais encenavam rituais ocultos, que eram velhos quando a terra era jovem.

“Pois os remanescentes da Atlântida, secretamente, mantiveram vivos os velhos cultos de Valka, Hotah, Honen e Golgor, há muito esquecidos e que não eram para serem entendidos por este povo selvagem, cujos ancestrais morreram gritando em seus altares. De todos os negaris negros, somente ela não nos temia, e ela não apenas derrubou o rei e se sentou no trono, mas também dominou os sacerdotes – os Satélites e os poucos amos atlantes que foram deixados. Todos estes últimos, exceto eu, morreram sob as

adagas de seus assassinos, ou nas mesas de tortura dela. Somente ela, de todos os milhares selvagens que viveram e morreram entre estas paredes, conhecia as passagens secretas e corredores subterrâneos – segredos que nós, sacerdotes, havíamos escondido zelosamente do povo durante mil anos.



“Há, há! Idiotas cegos e selvagens! Passarem uma era eterna nesta cidade, sem nunca saberem os segredos dela! Macacos... idiotas! Nem sequer os sacerdotes menores sabem dos longos corredores cinzas, iluminados por tetos fosforescentes, através dos quais estranhas formas deslizaram silenciosamente, em eras passadas. Pois nossos ancestrais construíram Negari como construíram a Atlântida, numa escala poderosa, e com uma arte desconhecida. Nós a construímos não apenas para homens, mas para os deuses que se moviam invisíveis entre nós. E estas antigas muralhas guardam profundamente os segredos!

“A tortura não conseguiria arrancar estes segredos de nossos lábios; mas, acorrentados nos calabouços dela, não mais poderíamos caminhar nos nossos corredores ocultos. Durante anos, o pó se acumulou ali, intocado por pés humanos, enquanto nós, e finalmente apenas eu, ficamos acorrentados

nestas celas repugnantes. E, por entre os templos e os escuros e misteriosos relicários de tempos antigos, se movem vis Satélites, elevados por Nakar para glórias que outrora foram minhas – pois eu sou o último sumo-sacerdote atlante.

“A perdição deles é certa, e vermelha será sua ruína. Valka e Golgor, deuses perdidos e esquecidos, cuja lembrança morrerá comigo, derrubem seus muros e os humilhem ao pó! Quebrem os altares de seus cegos deuses pagãos...”. Kane percebeu que o homem estava delirando. O cérebro agudo estava finalmente começando a se desintegrar.

- Diga-me – ele falou –; você mencionou a garota branca Mara. O que sabe dela?

- Ela foi trazida para Negari, anos atrás por incursores – respondeu o outro –, apenas uns poucos anos após a ascensão da rainha selvagem, da qual é escrava. Pouco sei sobre ela, pois logo após sua chegada, Nakari se voltou contra mim... e os anos posteriores têm sido sombrios e escuros, avermelhados pela tortura e agonia. Aqui estou, tolhido por minhas correntes da fuga, a qual fica naquela porta através da qual você entrou... e por cujo conhecimento, Nakari me dilacerou nas mesas de tortura e me suspendeu sobre fogueiras.



Kane estremeceu:

- Você não sabe se maltrataram a garota branca? Os olhos dela estão assombrados, e ela debilitada.

- Ela dançou com as Donzelas das Estrelas, sob o comando de Nakari, assistiu aos sangrentos e terríveis ritos do Templo Negro. Ela tem vivido, durante anos, entre um povo para o qual o sangue é mais barato que água; que se deleita em matança e repugnante tortura, e tais visões às quais ela presenciou arruinariam os olhos e murchariam a carne de homens fortes. Ela tem visto as vítimas de Nakura morrerem entre horríveis tormentos, e a visão é gravada a fogo para sempre no cérebro do espectador. Os ritos dos atlantes foram tomados pelos selvagens, para honrarem seus próprios deuses toscos e, embora a essência daqueles ritos esteja perdida nos anos de desperdício, embora os lacaios de Nakari os realizem, eles não são inabaláveis, como os homens imaginam.



Kane estava pensando: “Um belo dia para o mundo, quando esta Atlântida afundou, pois é quase certo que ela gerou uma raça de estranha e desconhecida maldade”. Em voz alta, ele disse:

- Quem é este Mestre, do qual Nakari falou, e o que ela quis dizer ao chamar Mara de noiva dele?

- Nakura... Nakura. A caveira do mal, o símbolo de Morte que ele cultuam. O que sabem estes selvagens sobre os deuses da Atlântida cercada pelo mar? O que sabem eles sobre os deuses terríveis e invisíveis aos quais seus senhores cultuavam com ritos majestosos e misteriosos? Eles nada entendem da essência oculta, a divindade invisível que reina no ar e nos elementos; eles precisam cultuar um objeto material, dotado de forma humana. Nakura foi o último grande mago da Negari atlante. Ele era um renegado marrom, que conspirou contra seu próprio povo e ajudou a revolta das feras negras. Eles o seguiram quando vivo, e o deificaram depois de morto. No alto da Torre da Morte, se encontra sua caveira sem carne, e daquela caveira dependem os cérebros de todo o povo de Negari.

“Não, nós da Atlântida cultuávamos a Morte, mas cultuávamos igualmente a Vida. Esta gente cultua apenas a Morte e se autodenomina

Filhos da Morte. E a caveira de Nakura tem sido, para eles, durante muitos anos, o símbolo do poder deles, a evidência de suas grandezas”.

- Você quer dizer – Kane interrompeu impacientemente estes ribombos – que vão sacrificar a garota ao deus deles?

- Na Lua das Caveiras, ela irá morrer no Altar Negro.

- O que é esta Lua das Caveiras, em nome de Deus? – Kane gritou furioso.

- A lua cheia. A cada lua cheia, à qual chamamos de Lua das Caveiras: uma virgem morre no Altar Negro, diante da Torre da Morte, na qual séculos atrás, virgens morriam em honra a Golgor, o deus da Atlântida. Agora, da frente da torre que outrora abrigava a glória de Golgor, mira para baixo a caveira do sacerdote renegado, e o povo acredita que seu cérebro ainda vive lá dentro para guiar a estrela da cidade. Pois veja, estrangeiro, quando a lua cheia brilha sobre a borda da torre e o canto dos sacerdotes silencia, então a caveira de Nakura troveja uma grande voz, despertada num antigo cântico atlante, e o povo se prostra sobre os rostos diante dela.

“Mas escute: há um caminho secreto, uma escada que sobe para um nicho oculto atrás da caveira, e lá um sacerdote se esconde e canta. Em dias passados, os filhos da Atlântida tinham este ofício, e por todos os direitos dos homens e deuses, este dia deveria ser meu. Pois, embora nós, filhos da Atlântida, cultuássemos nossos deuses antigos em segredo, estes selvagens não tinham nenhum para eles. Para mantermos nosso poder, éramos devotos de seus deuses repugnantes, e cantávamos e sacrificávamos para aquele cuja memória amaldiçoávamos.

“Mas Nakari descobriu o segredo, outrora apenas conhecido pelos sacerdotes atlantes, e agora um de seus Satélites sobe a escada oculta e entoou o estanho e terrível cântico, o qual não passa de tagarelice sem sentido para ele, assim como para aqueles que o ouvem. Eu, e apenas eu, conheço seu significado sombrio e medonho”.

O cérebro de Kane rodopiava, em seus esforços para formular algum plano de ação. Pela primeira vez, durante toda a busca pela garota, ele se sentiu numa parede sem porta. O palácio era um labirinto, um emaranhado, no qual ele não conseguia decidir uma direção. Os corredores pareciam correr sem plano nem propósito; e como ele conseguiria encontrar Marilyn, prisioneira como ela sem dúvida era, num desses milhares de quartos ou celas? Ou teria ela já cruzado a fronteira da vida, ou sucumbido ao brutal desejo de tortura de Nakari?

Ele mal ouvia os delírios e murmúrios do moribundo.

- Estranho, você é realmente um vivo, ou não mais do que um dos fantasmas que têm me assombrado ultimamente, deslizando pela escuridão de minha cela? Não, você é de carne e osso... mas você é um selvagem, assim como a raça de Nakari é de selvagens negros. Eons atrás, quando seus antepassados defendiam suas cavernas contra o tigre e o mamute, com toscas lanças de sílex, os pináculos de ouro do meu povo alcançavam as estrelas. Eles se foram e estão esquecidos, e o mundo é uma desolação de bárbaros. Deixe-me partir também, como um sonho que é esquecido nas névoas das eras...

Kane se ergueu e caminhou pela cela. Seus dedos se fechavam, como garras de aço num cabo de espada, e uma cega onda vermelha de fúria rolou através de seu cérebro. Oh, Deus! Ter seus inimigos diante da lâmina afiada que lhe fora tomada – enfrentar a cidade inteira; um homem contra todos eles...

Kane pressionou as mãos contra as têmporas.

- A lua estava quase cheia, na última vez em que a vi. Mas não sei há quanto tempo foi isso. Não sei por quanto tempo estive neste maldito palácio, nem por quanto tempo fiquei naquele calabouço onde Nakari me lançou. O momento da lua cheia pode já ter passado e... ó Deus misericordioso!... Marilyn pode já estar morta.



- Esta noite é a Lua das Caveiras – murmurou o outro –; ouvi um de meus carcereiros falar dela.

Kane agarrou o ombro do moribundo, com força involuntária:

- Se você odeia Nakari ou ama a humanidade... em nome de Deus, me diga como salvar a criança.

- Amar a humanidade? – o sacerdote riu insanamente – O que um filho da Atlântida e sacerdote do esquecido Golgor tem a ver com amor? O que são os mortais, senão comida para a boca dos deuses? Garotas mais delicadas que a sua Mara morreram gritando sob estas mãos, e meu coração era como ferro para seus gritos. Mas o ódio... – os olhos estranhos arderam com luz medonha – pelo ódio, lhe contarei o que que saber!



“Vá até a Torre da Morte, ao erguer da lua. Mate o falso sacerdote que se esconde atrás da caveira de Nakura, e então, quando o canto dos adoradores lá embaixo cessar e o matador mascarado ao lado do Altar Negro erguer a adaga sacrificial, fale em voz alta para que o povo possa entender, ordenando-lhes que libertem a vítima e ofereçam, no lugar dela, Nakari, rainha de Negari!

“Quanto ao resto, você depois deve confiar em sua astúcia e bravura, caso se liberte”.

Kane o sacudiu:

- Rápido! Diga-me como alcançar essa torre!

- Volte pela porta por onde você veio. – O homem estava esmorecendo rapidamente, suas palavras declinando em sussurros – Vire à esquerda e avance com passos. Suba a escadaria pela qual você veio, até chegar ao topo. No corredor onde ela pára, siga direto mais cem passos, e quando você

chegar ao que parece ser uma parede sem porta, apalpe até encontrar uma mola se projetando. Pressione-a e entre pela porta que se abrirá. Você logo estará fora do palácio e nos rochedos contra os quais ele é construído, e no único dos corredores secretos conhecido pelo povo de Negari. Vire à sua direita e siga diretamente pela passagem por 500 passos. Lá, você chegará a uma escadaria, a qual sobe até o nicho atrás da caveira. A Torre da Morte está construída dentro do penhasco e se projeta acima dele. Há duas escadarias...

Súbito, a voz se arrastou. Kane se curvou para a frente e sacudiu o homem, e o sacerdote se ergueu subitamente com um grande esforço. Seus olhos ardiam com uma luz selvagem e sobrenatural, e ele lançou os braços acorrentados para os lados.

- O mar! – ele gritou, numa voz intensa – Os pináculos dourados da Atlântida e o sol sobre as profundas águas azuis! Estou chegando!

E, quando Kane se aproximou para deitá-lo novamente, ele despencou para trás, morto.



6) O Despedaçar da Caveira

Kane limpou o suor frio de sua testa pálida, enquanto se apressava pela passagem sombreada. Do lado de fora deste terrível palácio, deveria ser noite. Agora mesmo, a lua cheia – a sombria Lua das Caveiras – deveria estar se erguendo no horizonte. Ele caminhou cem passos e chegou à escadaria que o sacerdote moribundo havia mencionado. Ele a galgou e, adentrando o corredor acima, mediu outros cem passos e se deparou com o que parecia ser uma parede sem porta. Pareceu ter se passado uma era, antes que seus dedos frenéticos achessem um pedaço de metal se projetando. Houve um ranger de dobradiças enferrujadas, quando a porta escondida se abriu e Kane olhou para dentro de um corredor, mais escuro do que aquele no qual estava.

Ele entrou, e quando a porta se fechou atrás dele, virou à direita e bateu seu caminho por 500 passos. Lá, o corredor estava mais claro; a luz se infiltrava de fora, e Kane distinguiu uma escadaria. Ele a subiu por vários degraus, e logo parou, frustrado. Numa espécie de patamar, a escadaria se tornava duas, uma conduzindo à esquerda e a outra para a direita. Kane praguejou. Ele sentiu que não poderia se dar ao luxo de cometer um erro – o tempo era muito precioso –, mas como saber qual delas o levaria até o nicho onde o sacerdote se escondia?

O atlante estava prestes a lhe falar sobre estas escadarias, quando foi atacado pelo delírio que precede a morte, e Kane desejou ardorosamente que ele vivesse apenas alguns momentos a mais.

De qualquer forma, ele não tinha tempo a perder; certo ou errado, deveria arriscar. Ele escolheu a escadaria do lado direito e a subiu rapidamente. Não havia tempo para cautela agora.

Sentiu instantaneamente que a hora do sacrifício estava prestes a chegar. Ele adentrou outra passagem e distinguiu, pela mudança na alvenaria, que estava novamente fora dos penhascos e em alguma construção – presumivelmente a Torre da Morte. Esperava, a qualquer momento, subir outra escadaria; e, subitamente, suas expectativas foram realizadas – mas, ao invés de ir para cima, ela descia. De algum lugar à sua frente, Kane ouviu um murmúrio vago e rítmico, e uma mão fria lhe agarrou o coração. O canto dos adoradores diante... do Altar Negro!

Ele correu temerariamente para diante, deu uma volta no corredor, deparou-se com uma porta e olhou através de pequena abertura. Seu

coração afundou. Ele escolhera a escadaria errada e havia perambulado por dentro de alguma outra construção, adjacente à Torre da Morte.

Ele olhava para baixo, em direção a uma cena sombria e terrível. Num largo espaço aberto, diante de uma grande torre negra cujo pináculo se erguia acima dos penhascos atrás dela, duas longas fileiras de dançarinos selvagens oscilavam e se contorciam. Suas vozes se erguiam num estranho cântico sem significado, e eles não saíam de seus lugares.

De seus joelhos para cima, seus corpos oscilavam em fantásticos movimentos rítmicos; e, em suas mãos, tochas se sacudiam e rodopiavam, espalhando uma sinistra e móvel luz vermelha sobre o cenário. Atrás deles, se enfileirava uma vasta multidão, a qual se mantinha silenciosa.

A luz dançante das tochas brilhava num mar de olhos brilhantes e rostos ansiosos. Diante dos dançarinos, se erguia a Torre da Morte - gigantescamente alta, negra e aterradora. Nenhuma porta ou janela se abria em sua superfície, mas no alto, numa espécie de estrutura ornamentada, mirava um símbolo medonho de morte e decadência. A caveira de Nakura Um brilho fraco e lúgubre a cercava, iluminada, de alguma forma, de dentro da torre, Kane sabia, e se perguntava: através de qual arte mística, os sacerdotes haviam preservado a caveira da decadência e dissolução por tanto tempo?

Mas não foi nem a caveira, nem a torre, que atraiu e prendeu o olhar aterrorizado do puritano. Entre as linhas convergentes de adoradores que gritavam e oscilavam, erguia-se um grande altar negro. Neste altar, jazia uma forma esguia e branca.



Marylin! – a palavra irrompeu dos lábios de Kane, num grande soluço.

Por um momento, ele ficou congelado, indefeso e confuso. Não havia tempo agora para voltar pelo mesmo caminho, e encontrar o nicho onde a caveira do sacerdote se escondia.

Agora mesmo, um brilho fraco aparecia atrás do pináculo da torre, destacando esse pináculo obscuramente contra o céu. A lua havia se erguido. O canto dos sacerdotes se ergueu até um som de frenesi e, dos silenciosos observadores atrás deles, começou um sinistro e baixo ribombar de tambores. Para a mente atordoada de Kane, parecia que ele descia o olhar para alguma orgia vermelha de um Inferno mais baixo.

Que horrível culto de eons passados estes ritos pervertidos e degenerados simbolizavam? Kane sabia que esta gente imitava os rituais de seus amos anteriores em sua forma tosca; e, mesmo em seu desespero, ele achou tempo para estremecer diante do pensamento de como aqueles ritos originais deveriam ser.

Agora, uma forma medonha se erguia ao lado do altar onde jazia a garota silenciosa. Uma figura alta e totalmente nua, exceto por uma horrenda máscara pintada no rosto e um grande cocar de plumas ondulantes. O zumbido do cântico ficou baixo por um instante, e logo se ergueu novamente até alturas desvairadas. Foram as vibrações de sua canção que fizeram o chão vibrar sob os pés de Kane?

Kane, com os dedos trêmulos, começou a destrancar a porta. Nada mais podia ser feito agora, exceto correr desarmado para fora e morrer ao lado da garota que não pôde salvar. Então, sua visão foi bloqueada por uma forma gigante, que abriu caminho com o ombro diante da porta. Um homem enorme – um chefe, a julgar pelo seu porte e traje – se recostou ociosamente contra a parede, enquanto assistia aos procedimentos. O coração de Kane deu um grande pulo. Isto era bom demais para ser verdade! Enfiada no cinto do chefe, estava a pistola que ele próprio havia carregado! Ele sabia que suas armas devem ter sido divididas entre seus captores. A pistola nada significava para o chefe tribal, mas ele deve tê-la pegado por causa de sua estranha forma, e a carregava como os selvagens fazem com bugigangas sem uso. Ou talvez ele pensasse que ela fosse uma espécie de porrete de guerra. De qualquer forma, lá estava ela. E, mais uma vez, o chão e a construção pareceram tremer.



Kane puxou a porta silenciosamente para dentro, e se agachou nas sombras atrás de sua vítima, como um grande tigre pensativo.

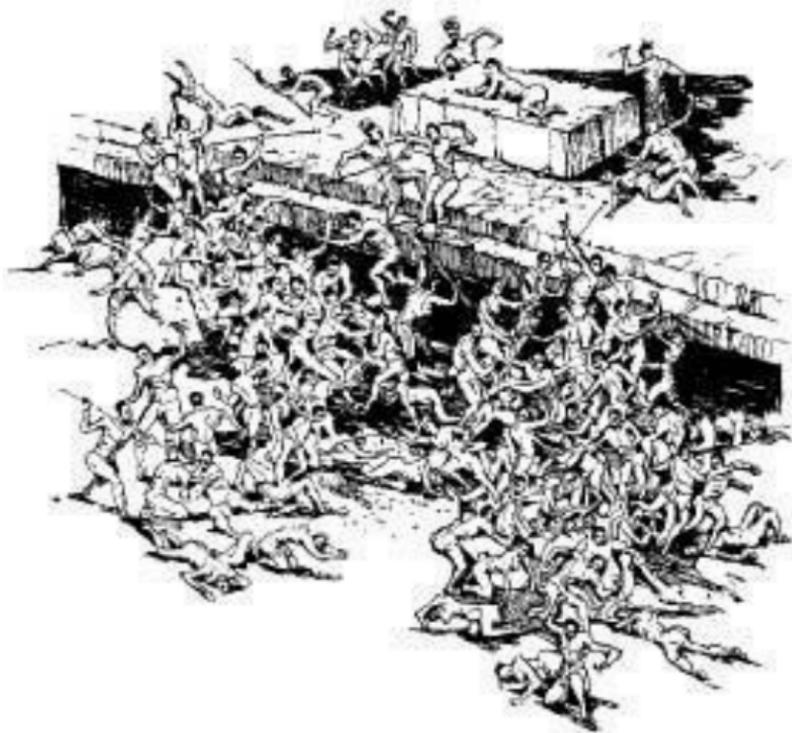
Seu cérebro trabalhou rapidamente, e formulou seu plano de ação. Havia uma adaga no cinto ao lado da pistola. As costas do chefe estavam viradas diretamente para ele, e ele deveria atacar da esquerda, para alcançar o coração e silenciá-lo rapidamente. Tudo isso passou pelo cérebro de Solomon num clarão, enquanto se agachava.

O chefe não sabia da presença de seu inimigo, até a magra mão direita de Kane lhe disparar através do ombro e apertar a boca, puxando-o para trás. No mesmo instante, a mão esquerda do puritano arrancou a adaga do cinto e, num mergulho desesperado, afundou a lâmina afiada.

O guerreiro caiu silenciosamente e, num instante, a pistola de Kane estava na mão de seu dono. Uma segunda investigação mostrou que ela ainda estava carregada e com a pederneira ainda no lugar. Ninguém tinha visto o rápido assassinato. Aqueles poucos que estavam próximos à portada, estavam todos encarando o Altar Negro, envolvidos no drama, o qual ainda iria se desenrolar. Enquanto Kane pulava o cadáver, o cântico dos dançarinos cessou abruptamente. No instante de silêncio que se seguiu, Kane ouviu, acima do latejar do próprio pulso, o vento da noite sussurrar nas plumas, semelhantes à morte, do horror mascarado ao lado do altar. Uma aba da lua brilhava acima do pináculo. Então, lá do alto, na superfície da Torre da Morte, uma voz profunda ribombou num estranho cântico. Talvez o sacerdote, que falava atrás da caveira, não soubesse o que suas palavras significavam, mas Kane acreditava que ele pelo menos imitava a própria entoação dos há muito mortos acólitos atlantes. Profunda, mística e ressonante, a voz soava como o fluir incessante de longas marés nos largos galhos brancos. O mascarado ao lado do altar se estirou em toda a sua grande altura, e ergueu uma longa lâmina reluzente. Kane reconheceu sua própria espada, mesmo enquanto apontava sua pistola e atirava – não no sacerdote mascarado, mas bem na caveira que brilhava na superfície da torre. Pois, num clarão cegante de intuição, ele se lembrou das palavras do atlante moribundo: “Os cérebros deles dependem da caveira de Nakura!”.

Simultaneamente com o disparar da pistola, veio um estrondo de abalar os nervos; a caveira seca se partiu em mil pedaços e desapareceu, e atrás dela, o cântico se quebrou subitamente num guincho de morte. A longa espada estreita caiu da mão do sacerdote mascarado, e muitos dos dançarinos caíram ao chão enquanto os outros paravam de repente,

enfeitados. Através do silêncio mortal que reinou por um instante, Kane correu em direção ao altar; logo, todo o Inferno se libertou.



Um tumulto de gritos bestiais se ergueu até as estrelas trêmulas. Durante séculos, apenas a fé no falecido Nakura havia mantido juntos os cérebros manchados de sangue dos negaris selvagens. Agora, o símbolo deles havia desaparecido, fora desfeito em nada diante de seus olhos. Para eles, era como se seus céus tivessem se partido, a lua caído e o mundo terminado. Todas as visões vermelhas, que se escondiam na parte de trás de seus cérebros corroídos, despertaram em vida terrível; toda a insanidade latente, que era a herança deles, se ergueu para reclamar sua posse, e Kane presenciou uma nação inteira se transformar em loucos que berravam.

Gritando e rugindo, eles se voltaram uns para os outros – homens e mulheres –, rasgando com unhas desvairadas, cortando com lanças e adagas, e batendo uns nos outros com as tochas flamejantes, enquanto,

acima de tudo, se erguia o rugido de desvairadas feras humanas. Usando a pistola como porrete, Kane abria seu caminho através do oceano de carne, que rolava e se contorcia, até o pé das escadas do altar. Unhas o procuravam, facas o arranhavam, tochas lhe chamuscavam as roupas, mas ele não prestava atenção.



Então, enquanto ele alcançava o altar, uma figura terrível irrompeu da massa que se debatia, e o atacou. Nakari, rainha de Negari, enlouquecida como qualquer um de seus súditos, correu em direção ao inglês, com a adaga desembainhada e os olhos horrivelmente flamejantes.

- Você não vai escapar desta vez! – ela gritava; mas, antes que o alcançasse, um grande guerreiro, pingando sangue e cego devido a um corte nos olhos, cambaleou no caminho dela e em direção a ela. Ela gritou como um gato ferido e enfiou a adaga nele, e então, as mãos tateantes se fecharam nela. O gigante cego a girou no alto com um esforço moribundo, e o último grito dela apunhalou o estrépito da batalha quando Nakari, rainha de Negari, se espatifou contra as pedras do altar e caiu, despedaçada e morta, aos pés de Kane.

Kane subiu aos pulos os degraus negros, desgastados pelos pés de milhares de sacerdotes e vítimas, e quando ele chegou, a figura mascarada, que ficara como que petrificada, voltou subitamente à vida. Ele se curvou rapidamente, pegou a espada à qual deixara cair e estocou selvagememente em direção ao inglês que atacava. Mas a rapidez dinâmica de Solomon Kane era tal, que poucos homens conseguiam igualar. Com uma contorção e inclinação de seu corpo de aço, ele estava dentro da estocada e, enquanto a lâmina deslizou inofensiva entre o braço e o peito, ele desceu o cano da pesada pistola entre as plumas ondulantes, destruindo cocar, máscara e crânio num só golpe.



Então, antes que se voltasse para a garota desfalecida que jazia amarrada sobre o altar, ele lançou a pistola destroçada para o lado e agarrou avidamente sua espada roubada da mão insensível que ainda a agarrava, sentindo uma feroz vibração de confiança renovada diante da sensação familiar do cabo. Marylin jazia pálida e silenciosa, seu rosto cadavérico

voltado cegamente para a luz da lua, qual brilhava calma sobre o cenário desesperado. A princípio, Kane pensou que ela estivesse morta, mas seus dedos investigadores detectaram um fraco palpitar de pulsação. Ele cortou-lhe as amarras e ergueu-a delicadamente... só para deixá-la cair de novo e girar rapidamente, quando uma horrenda e ensanguentada figura de insanidade veio pulando e grulhando pelos degraus acima. A criatura correu bem em direção à lâmina apontada de Kane, e desabou para trás, em direção ao turbilhão vermelho lá embaixo, agarrando seu ferimento mortal como um animal. Então, sob os pés de Kane, o altar tremeu; um súbito tremor o lançou de joelhos, e seus olhos horrorizados viram a Torre da Morte balançar de um lado a outro. Algum horror da Natureza estava acontecendo, e este fato apunhalou os cérebros em decadência dos demônios que lutavam e gritavam lá embaixo. Um novo elemento se adicionou aos seus gritos agudos, e então a Torre da Morte balançou com uma terrível e aterradora majestade, se desprendeu dos penhascos balouçantes e cedeu com um trovejar de mundos a se despedaçarem. Grandes pedras e pedaços de alvenaria caíram como chuva, trazendo morte e destruição para milhares de humanos que gritavam lá embaixo. Uma destas pedras se espatifou em pedaços sobre o altar ao lado de Kane, borrifando-o com poeira.

- Terremoto! – ele arfou; e, tomado por este novo terror, ele ergueu a garota inconsciente e saltou temerariamente para baixo, em direção aos degraus que se quebravam, cortando e apunhalando seu caminho através dos redemoinhos escarlates de humanidade bestial que ainda rasgavam e rapinavam.



O resto era um pesadelo vermelho, do qual o cérebro atordoado de Kane se recusava a lembrar de todos os horrores. Parecia que, durante estridentes séculos escarlates, ele cambaleava através de estreitas ruas sinuosas, onde

berrantes demônios a guincharem lutavam e morriam, entre paredes titânicas e colunas negras que tremiam contra o céu e se espatifavam para quebrarem ao seu redor, enquanto a terra se erguia e tremia sob seus pés vacilantes, e o trovejar de torres se despedaçando preenchia o mundo.

Demônios grulhantes em forma humana tentavam agarrá-lo, para morrerem diante de sua espada, e pedras cadentes o machucavam e golpeavam repetidamente. Ele se agachava ao cambalear pelo caminho, cobrindo a garota com o próprio corpo o melhor que podia, protegendo-a tanto de pedra cega quanto de humanos ainda mais cegos.

Finalmente, quando a resistência mortal havia alcançado seu limite, ele viu a grande e negra muralha externa da cidade avultar à sua frente, arrancada da terra – o parapeito caído e a muralha a ponto de desabar. Ele se lançou através de uma fenda e, usando toda a sua força, fez uma última corrida. Ele mal estava fora de alcance, quando o muro desabou, caindo para dentro como uma grande onda negra.

O vento da noite estava em seu rosto e, atrás de si, erguia-se o clamor da cidade condenada, enquanto Kane cambaleava pela trilha da colina, que tremia sob seus pés.

7) A Fé de Solomon

A aurora jazia como uma refrescante mão branca sobre a testa de Solomon Kane. Os pesadelos lhe desapareceram da alma, enquanto ele inspirava profundamente o vento da manhã, o qual soprava desde a selva lá embaixo de seus pés – um vento carregado com o almíscar de vegetação deteriorada. Mas era como o hálito de vida para ele, pois os cheiros eram os da limpa desintegração natural de coisas do campo, e não a aura repugnante de antiguidade decadente que se esconde nas paredes de cidades com eons de idade... Kane estremeceu involuntariamente.



Ele se curvou sobre a garota adormecida que jazia aos seus pés, arrumada o mais confortavelmente possível com os poucos galhos macios de árvore, que ele havia conseguido encontrar para fazer a cama dela. Agora, ela abria os olhos e olhava a esmo ao redor, por um instante; então, quando seu olhar encontrou o rosto de Kane, iluminado por um de seus raros sorrisos, ela soltou um pequeno soluço de gratidão e se agarrou a ele.

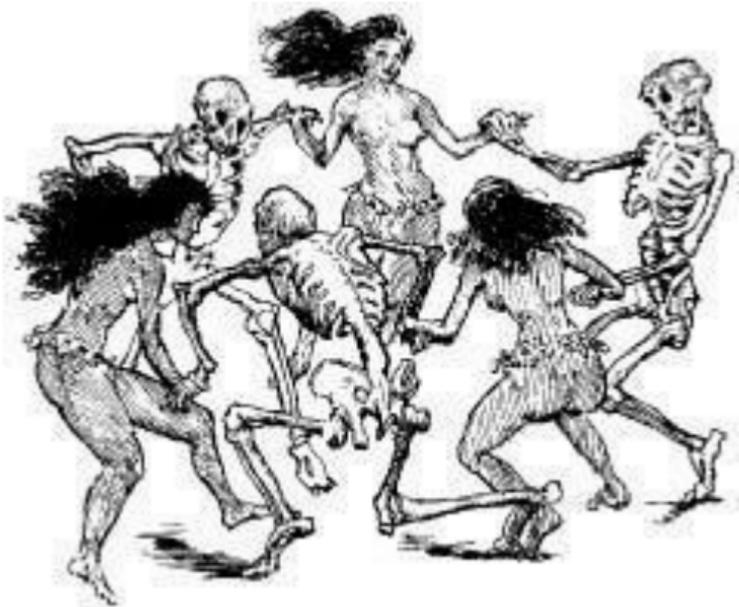
Oh, Capitão Kane! Será que escapamos realmente daquela cidad

medonha? Agora, tudo parece um sonho... após você cair pela porta secreta, em meu quarto, Nakari se dirigiu mais tarde ao seu calabouço, como ela havia me dito... e retornou em péssimo humor. Ela disse que você era um idiota, pois ela lhe oferecera o reino do mundo, e você só fez insultá-la. Ela gritou, delirou e praguejou como uma insana, e jurou que ainda iria, sozinha, construir um grande império de Negari.

“Então, ela se voltou para mim e me injuriou, dizendo que você me tinha – uma escrava – em maior estima do que uma rainha e toda a sua glória. E, apesar de minhas súplicas, ela me arrastou de joelhos e me chicoteou até eu desmaiar.

“Depois, jazi meio sem sentidos por um longo tempo, e só estava vagamente consciente de que homens foram até Nakari e disseram que você havia escapado. Disseram que você era um feiticeiro, pois havia desaparecido através de uma parede sólida, como um fantasma. Mas Nakari matou os homens que haviam lhe trazido da cela e, durante horas, ela parecia uma besta selvagem.

“Quanto tempo jazi desde então, eu não sei. Naquelas terríveis salas e corredores, onde a luz natural do sol não entrava, alguém perde qualquer sinal de tempo. Mas, entre a hora em que você foi capturado por Nakari e a hora em que eu fui posta no altar, pelo menos um dia, uma noite e outro dia devem ter passado. Faltavam apenas poucas horas para o sacrifício, quando chegou a notícia de que você havia escapado.



“Nakari e suas Donzelas das Estrelas vieram me preparar para o rito”
Diante da lembrança desnudada daquela medonha provação, ela chorou e escondeu o rosto nas mãos. “Eu devo ter sido drogada. Só sei que me vestiram com o robe branco do sacrifício e me carregaram para dentro de uma grande câmara negra, preenchida com estátuas horrendas.

“Eu fiquei lá por um tempo, como alguém em transe, enquanto as mulheres realizavam vários ritos estranhos e vergonhosos, de acordo com sua religião sombria. Então, caí sem sentidos e, quando acordei, jazia sobre o Altar Negro – as tochas se agitavam e os devotos cantavam; atrás da Torre da Morte, a lua ascendente estava começando a brilhar – tudo isto eu sabia vagamente, como num sonho profundo. E, como num sonho, vi a caveira brilhante lá no alto da torre – e o sacerdote magro e nu, segurando uma espada acima de meu coração; depois, não me lembro de mais nada. O que aconteceu?”.



- Por volta daquele momento - Kane respondeu -, saí de uma construção, dentro da qual havia perambulado por engano, e despedacei a caveira infernal deles com uma bala de pistola. Depois disso, toda essa gente, amaldiçoada por demônios desde o nascimento e estando igualmente possuída por demônios, começou a matar umas às outras; no meio do tumulto, aconteceu um terremoto, que sacudiu e derrubou os muros. Então, eu lhe peguei e, correndo ao acaso, saltei uma fenda na muralha externa e assim escapei, carregando você, que parecia desmaiada.

“Somente agora você acordou, após eu ter cruzado a Ponte Através do Céu, como o povo de Negari a chamava, a qual estava desmoronando sob nossos pés devido ao terremoto. Depois, cheguei até estes penhascos, mas não ousei descê-los na escuridão, a lua estando perto de se pôr naquela hora; você acordou, gritou e se agarrou a mim, eu logo lhe acalmei o melhor que pude e, após um tempo, você caiu num sono natural”.

- E agora, o quê...? - perguntou a garota.

- Inglaterra! - os olhos intensos de Solomon se iluminaram com a palavra - Acho difícil permanecer em minha terra natal por mais de um mês;

embora eu esteja amaldiçoado pelo desejo de perambular, este é um nome que sempre desperta uma paixão em meu peito. E quanto a você, criança?

- Oh, céus! – ela gritou, entrelaçando suas pequenas mãos – Meu lar Algo com que nunca sonhei... e que eu temia nunca alcançar. Oh, Capitão Kane, como vamos atravessar todas as vastas léguas de selva que ficam entre este lugar e a costa?

Marylin – ele disse gentilmente, afagando-lhe o cabelo cacheado –, parece-me que lhe falta um pouco de fé, tanto na Providência quanto em mim. Não, eu sozinho sou uma criatura fraca, sem força nem poder; mas, em tempos passados, Deus fez de mim um grande navio de ira e uma espada de libertação. E, eu acredito, o fará novamente.

“Veja, pequena Marylin: nas últimas poucas horas passadas, vimos o fim de uma raça maligna e a queda de um império repugnante. Homens morreram às centenas ao nosso redor, e a terra se ergueu sob nossos pés, derrubando torres que arranhavam os céus; sim, a morte caiu ao nosso redor numa chuva vermelha, mas escapamos ilesos.



“Há nisso... mais do que a mão do homem! Não, um Poder... o Poder maior! Aquele que me guiou através do mundo, direto a esta cidade do demônio... que me guiou até seu quarto... que me ajudou a escapar novamente e me guiou ao único homem, em toda a cidade, que me daria a informação que devo ter – o estranho e maligno sacerdote de uma raça antiga, o qual jazia moribundo numa cela subterrânea –; e que me guiou para o muro externo, enquanto eu corria cegamente e ao acaso... pois se eu tivesse vindo sob os penhascos que formavam o resto do muro, certamente teríamos morrido. O mesmo Poder nos trouxe a salvo para fora da cidade moribunda, e a salvo pela ponte que tremia – a qual se despedaçava, partia e caía para dentro do precipício, no exato momento em que meus pés tocavam a terra firme!

“Você acha que, tendo me guiado por esta distância e realizado tais maravilhas, o Poder irá nos derrubar agora? Não! O mal floresce e governa nas cidades dos homens, e nos lugares desolados do mundo, mas logo o grande gigante, que é Deus, se ergue e castiga em favor dos justos, e eles continuam fiéis a Ele.

“Eu digo isto: desceremos este penhasco em segurança, atravessaremos aquela selva úmida também em segurança e, na velha Devon, seu povo lhe abraçará novamente no peito, tão certo quanto você está aqui”.



E agora, pela primeira vez, Marilyn sorria, com a rápida ânsia de uma garota normal, e Kane suspirava aliviado. Os fantasmas já lhe desapareceram dos olhos assombrados, e Kane esperava pelo dia em que suas horríveis experiências seriam como um sonho obscurecido. Ele lançou um olhar atrás de si, onde, além das colinas carrancudas, a cidade de Negari jazia despedaçada e silenciosa, entre as ruínas de suas próprias muralhas e os penhascos caídos que a mantiveram invencível por tanto tempo, mas que finalmente traíram-na para sua condenação.

Uma angústia momentânea o atacou, quando ele pensou nas milhares de formas, esmagadas e inertes, que jaziam entre aquelas ruínas; logo, a lembrança explosiva de seus crimes malignos rolou sobre ele, e seus olhos endureceram:

- E assim será, que aquele que escapar do grito do medo cairá no fosso; e aquele que saiu da névoa da fossa será preso na armadilha; pois as janelas no alto estão abertas, e as fundações da terra realmente tremem.

"Pois Tu fizeste de uma cidade uma pilha; de uma cidade defendida, uma ruína; um palácio de estranhos já não é mais cidade; ela jamais será

construída.

“Além disso, a multidão será para Ti como pó, e a multidão dos terríveis será como pequena palha, que subitamente se foi; sim, será num instante súbito.

“Parem e se assombrem; chorem e gritem; eles estão bêbados, mas não de vinho; eles cambaleiam, mas não com bebida forte.

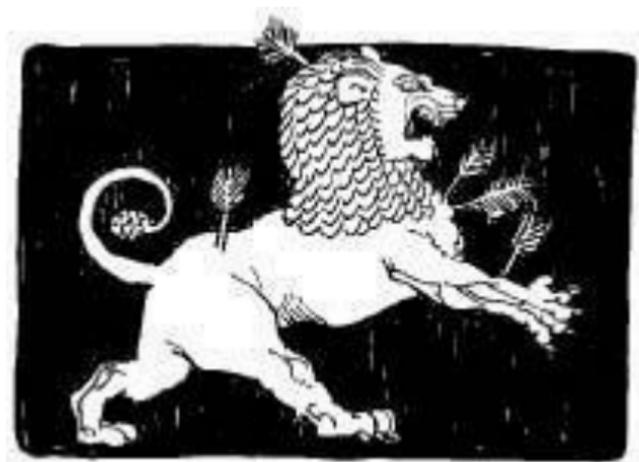
“Na verdade, Marylin”, disse Kane, com um suspiro, “eu vi, com meus próprios olhos, as profecias de Isaías acontecerem. Estavam bêbados, mas não de vinho. Não, o sangue era a bebida deles, e naquela inundação vermelha, eles mergulharam profunda e terrivelmente”.

Então, pegando a garota pela mão, ele se dirigiu para a beirada do penhasco. Neste mesmo ponto, ele havia subido na noite – há quanto tempo isso parecia ter acontecido!

As roupas de Kane pendiam em frangalhos ao seu redor. Ele estava rasgado, arranhado e machucado. Mas, em seus olhos, brilhava a clara luz calma da serenidade, enquanto o sol nascia, inundando penhascos e selva com uma luz dourada, que era como uma promessa de contentamento e alegria.



Os Filhos de Assur



CAPÍTULO PRIMEIRO

Solomon Kane começou a se mover no escuro, tentando agarrar as armas que jaziam na pilha de peles, a qual lhe servia de catre. Não era o louco tamborilar da chuva tropical, nas folhas do teto da cabana, que o havia acordado, nem o bramir do trovão. Eram gritos de agonia humana; o estrondo do aço que atravessava o barulho da tempestade tropical. Algum tipo de luta estava acontecendo na aldeia nativa na qual ele buscara se refugiar, e soava como um ataque-surpresa em grande escala. Quando Solomon tateou por sua espada, ele se perguntou que homens do mato atacariam uma aldeia à noite e numa tempestade como esta. Suas pistolas estavam ao lado de sua espada, mas ele não as tirou do chão, sabendo que seriam inúteis em tamanha torrente de chuva – uma chuva que molharia instantaneamente suas armas de fogo.

Ele se deitara completamente vestido, exceto por seu chapéu desleixado e manto, e, sem parar para pegá-los, correu até a porta da cabana. Uma linha irregular de relâmpago, a qual parecia abrir o céu, mostrou a ele um vislumbre caótico de figuras se movendo nos espaços entre as cabanas, com o reflexo do brilho ofuscante vindo do aço que faiscava. Acima da

tempestade, ele ouviu os gritos estridentes do povo negro e gritos, em tom profundo, numa linguagem que não lhe era familiar. Saltando para fora da cabana, ele sentiu a presença de alguém à sua frente; então, outra explosão trovejante de fogo cortou o céu, clareando tudo numa fantástica luz azul. Naquele instante luminoso, Solomon deu uma estocada selvagem, sentiu a lâmina dobrar em sua mão, e viu uma pesada espada balançando em direção à sua cabeça. Uma explosão de faíscas, mais brilhante que o clarão, estourou diante de seus olhos; logo, uma escuridão maior que a noite da selva o envolveu.

A aurora se espalhava palidamente sobre as extensões de selva gotejante, quando Solomon Kane se moveu e sentou na lama diante da cabana. C sangue havia se empastado em seu couro cabeludo, e sua cabeça doía levemente. Livrando-se de uma leve fraqueza, ele se ergueu. A chuva cessara há muito, e os céus estavam claros. O silêncio jazia sobre toda a aldeia, e Kane viu que era na verdade uma aldeia de mortos. Cadáveres de homens, mulheres e crianças se espalhavam por toda a parte... nas ruas, nas portas das cabanas, dentro das cabanas; alguns deles haviam sido literalmente rasgados em pedaços, fosse em busca de vítimas escondidas, ou em mera lascívia de destruição. Não haviam levado prisioneiros, Solomon percebeu, quem quer que fossem os incursores desconhecidos. Nem haviam levado as lanças, machados, panelas e capacetes emplumados de suas vítimas – este fato parecia demonstrar um ataque de uma raça superior em cultura e artesanato aos rudes aldeões. Mas haviam levado todo o marfim que puderam encontrar, e haviam levado – Kane descobriu – sua longa e fina espada de dois gumes, e seu punhal, pistolas e bolsas de pólvora e munição. E haviam levado seu bastão, de ponta afiada, estranhamente entalhado e com cabeça de gato, o qual seu amigo, N’Longa, o feiticeiro da Costa Oeste, havia lhe dado, assim como o seu chapéu e manto.

Kane se encontrava no centro da aldeia desolada, meditando sobre o assunto – estranhas especulações lhe percorrendo a mente ao acaso. Sua conversa com os nativos da aldeia, à qual havia adentrado na noite anterior, fora da selva castigada pela tempestade, não lhe dera pista sobre a natureza dos atacantes. Os próprios nativos pouco sabiam sobre a terra na qual entraram apenas recentemente, expulsos para uma longa jornada por uma tribo rival e mais poderosa. Eles eram um povo simples, de boa natureza, o

qual lhe tinha dado boa acolhida para dentro de suas cabanas e o houvera dado seus benefícios simples. O coração de Kane ardia de fúria contra seus desconhecidos destruidores, mas, mais profundamente que isso, ardia sua insaciável curiosidade – a maldição do homem inteligente.



Pois Kane havia sido espectador de um mistério à noite. E a tempestade – aquela forte chama do relâmpago – o havia mostrado, gravado momentaneamente em seu brilho, um rosto feroz e de barba negra – o rosto de um homem branco. Embora, de acordo com a razão, ali não pudesse haver homens brancos – nem mesmo saqueadores árabes – por centenas e centenas de milhas. Kane não havia tido tempo para observar a roupa do homem, mas ele tinha a vaga impressão de que a figura se vestia bizarramente. E aquela espada que, golpeando rente, o havia derrubado... certamente não era uma tosca arma nativa.

Kane olhou para o rude muro de barro que cercava a aldeia, para os portões de bambu que agora jaziam em ruínas... cortadas em pedaços pelos atacantes. A tempestade havia aparentemente diminuído quando os invasores marcharam para diante, pois ele percebeu uma larga trilha pisada

por pés, a qual levava para fora do portão quebrado e para dentro da selva.

Kane apanhou um tosco machado nativo, que jazia próximo. Se alguns dos matadores desconhecidos haviam caído em batalha, seus corpos foram carregados por seus companheiros. Folhas emendadas juntas lhe serviram de chapéu temporário, para lhe proteger a cabeça da força do sol. Logo, Solomon Kane saía pelo portão quebrado, para adentrar a selva gotejante, seguindo a trilha do desconhecido.

Sob as árvores gigantes, as pegadas ficaram mais nítidas, e Kane percebeu que muitas delas eram de sandálias – um tipo de sandália que também lhe era estranho. As pegadas restantes eram de pés nus, indicando que alguns prisioneiros haviam sido levados. Aparentemente haviam partido há muito, pois, embora ele viajasse sem pausa, caminhando incansavelmente sobre suas pernas nômades, não avistou a coluna naquela marcha de um dia.

Alimentou-se com a comida que havia trazido da aldeia em ruínas, e avançou sem parar, consumido pela raiva e com o desejo de desvendar o mistério daquele rosto delineado pelo relâmpago. E mais: os atacantes haviam lhe levado as armas e, naquela terra sombria, as armas de um homem eram sua vida. O dia foi passando. Quando o sol se pôs, a selva deu lugar à terra de florestas e, ao crepúsculo, Kane saiu numa planície coberta de capim e pontilhada de árvores, e viu, na outra extremidade dela, um humilde agrupamento de colinas. As pegadas levavam diretamente para o outro lado da planície, e Kane acreditou que o destino dos incursores fosse aquelas colinas baixas e lisas.

Ele hesitou; de um lado a outro da pastagem, chegavam os rugidos trovejantes de leões, ecoando e retumbando de uns vinte pontos diferentes. Os grandes gatos estavam começando a espreitar sua presa, e seria suicídio se aventurar pelo vasto espaço aberto, armado apenas com um machado. Kane encontrou uma árvore gigante e, escalando-a, se acomodou numa bifurcação tão confortavelmente quanto pôde. Lá fora, do outro lado da planície, ele viu um ponto de luz tremeluzindo entre as colinas. Logo, na planície, se aproximando das colinas, viu outras luzes: a tremeluzente linha serpentina de fogo que se movia em direção às colinas, agora mal visíveis contra as estrelas ao longo do horizonte. Era a coluna de atacantes com seus

cativos, ele percebeu. Seguravam tochas e viajavam rapidamente. As tochas eram, sem dúvida, para manterem os leões à distância, e Kane imaginou que o destino deles devia estar bastante próximo, vez que eles arriscavam uma marcha noturna naqueles pastos freqüentados por carnívoros.

Enquanto observava, via os tremeluzentes pontos de fogo se moverem para cima e, por pouco tempo, cintilarem por entre as colinas; logo, não viu mais nada. Especulando sobre o mistério de tudo isso, Kane dormiu, enquanto os ventos noturnos sussurravam mistérios obscuros da antiga África por entre as folhas, e os leões rugiam sob sua árvore, açoitando suas caudas peludas enquanto miravam para o alto com olhos famintos.



A aurora mais uma vez iluminou o dia com rosa e ouro, Solomon desceu de seu poleiro e continuou sua jornada. Comeu o restante do alimento que havia trazido, bebeu de um regato que parecia completamente puro e refletiu sobre a chance de encontrar comida por entre as colinas. Se não achasse, poderia estar numa situação precária, mas Kane já havia passado fome antes – sim, já estivera faminto, passando frio e cansado. Sua estrutura longilínea, de ombros largos, era dura como ferro e flexível como aço.

Assim, ele caminhou corajosamente pelas savanas, cautelosamente atento para leões à espreita, mas sem relaxar o passo. O sol subiu ao zênite e mergulhou a oeste. Quando se aproximou da cordilheira baixa, esta começou a ficar mais nítida. Ele viu que, ao invés de colinas ásperas, se aproximava de um baixo planalto que se erguia abruptamente da planície que o cercava, e parecia ser plano e nivelado. Viu árvores e alta grama nas bordas, mas os penhascos pareciam áridos e rugosos. Contudo, não tinham mais do que vinte e poucos metros de altura, até onde ele podia ver, e não imaginou grande dificuldade em galgá-los.

Aproximando-se deles, ele viu que eram quase rocha sólida, embora coberta por uma camada bastante espessa de terra. Havia matacões caídos em vários lugares, e ele viu que um homem ativo era capaz de escalar os penhascos em várias partes. Mas ele viu algo mais: uma larga estrada que serpenteava para o alto da íngreme inclinação do despenhadeiro, e para o alto levavam as pegadas que ele estava seguindo.

Kane se aproximou do caminho, notando a qualidade do trabalho da estrada – certamente, não se tratava de um mero caminho para animais, ou mesmo uma trilha nativa. A estrada havia sido talhada dentro do penhasco com perfeita habilidade, e era pavimentada com blocos polidamente cortados de pedra.

Cauteloso como um lobo, ele evitou a estrada; mais adiante, achou uma inclinação menos íngreme, à qual subiu. Não era um piso seguro; e os matacões, que pareciam se equilibrar no declive, ameaçavam rolar em sua direção; mas ele concluiu a tarefa sem muito perigo, e chegou à beira do penhasco.

Kane se encontrava sobre uma inclinação áspera e salpicada de matacões, a qual se erguia de forma íngreme sobre uma vastidão plana. De onde se encontrava, ele viu o largo planalto se espalhar sob seus pés, atapetado com luxuriante grama verde. E no meio... ele piscou os olhos e sacudiu a cabeça, pensando que olhava para alguma miragem ou alucinação. Não! Ainda estava lá: uma imponente cidade murada, se erguendo na planície gramada. Viu as ameias, as torres além, com pequenas figuras se movendo

ao redor delas. Do outro lado da cidade, percebeu um pequeno lago, sobre cujas margens se estendiam jardins e campos luxuriantes, e vastidões de campinas ocupadas por gado que pastava.



O espanto diante da visão congelou o puritano por um instante; logo, o tinido de um calcanhar de aço numa pedra o colocou rapidamente quase encarando o homem, que havia chegado por entre os matacões. Este homem era forte e de constituição larga, quase tão alto quanto Kane e mais pesado. Seus braços nus tinham os músculos salientes, e suas pernas eram como pilares nodosos de ferro. Seu rosto era uma duplicata daquele que Kane tinha visto no clarão do relâmpago... feroz, de barba negra; o rosto de um homem branco com olhos arrogantes e predatório nariz em forma de

gancho. Do pescoço taurino aos joelhos, ele vestia um corselete de escamas de ferro, e na cabeça havia um elmo de ferro. Um escudo de madeira de lei e couro, reforçado com metal, se encontrava em seu braço esquerdo, uma adaga no cinto e uma curta, porém pesada, maça de ferro na mão.



Tudo isso Kane viu num relance, quando o homem rugiu e deu um salto. O inglês percebeu, naquele momento, que não haveria algo como uma discussão, e que seria uma luta até a morte. Como um tigre, ele saltou ao encontro do guerreiro, arremetendo o machado com toda a força de sua constituição longilínea. O guerreiro aparou o golpe no escudo. O gume do machado se dobrou, o cabo se estilhaçou na mão de Kane e o escudo se despedaçou.

Levado pelo movimento de sua investida selvagem, o corpo de Kane colidiu contra seu rival, o qual deixou cair o escudo inutilizado e, cambaleando, se engalfinhou com o inglês. Fazendo força e ofegando, eles cambaleavam sobre pés bem firmados, e Kane rosnava feito um lobo ao sentir toda a força do adversário. A armadura dificultava o inglês, e o guerreiro diminuía o aperto na maça de ferro e se esforçava ferozmente – para espatifá-la na

cabeça desprotegida de Kane.



O inglês se esforçava para prender o braço do guerreiro, mas seus dedos que agarravam falharam, e a maça colidiu repugnantemente contra sua cabeça nua. Novamente, ela caiu, enquanto uma bruma de fogo obscurecia a visão de Kane, mas sua violenta torção instintiva a evitou, embora ela houvesse meio amortecido o ombro dele, rasgando a pele de modo que o sangue brotou em pingos.

Enlouquecido, Kane investiu ferozmente contra o corpo robusto daquele que brandia a maça, e uma mão a agarrar cegamente se fechou no cabo da adaga, no cinto do guerreiro. Puxando-a, esfaqueou cega e selvagememente.

Engalfinhados, os lutadores cambalearam para trás, um esfaqueado em silêncio venenoso, e o outro se esforçando para libertar o braço de modo que pudesse acertar um golpe destruidor. Os golpes curtos e meio estorvados do guerreiro resvalavam na cabeça e ombro de Kane, rasgando a pele e derramando sangue. Lanças vermelhas de agonia perfuravam o cérebro nublado do inglês. E, silenciosamente, a adaga em sua mão a estocar resvalava nas escamas de aço que protegiam o corpo de seu rival.



Ofuscado, atordoado e lutando instintivamente e sozinho como um lobo, Kane afundou os dentes, feito presas, no grande pescoço taurino de seu inimigo. A carne rasgada e um jorro abundante de sangue arrancaram um grito angustiado daquele corpo poderoso. A maça que açoitava cambaleou, e o guerreiro recuou. Eles cambalearam na beira de um precipício baixo e caíram, rolando rapidamente e agarrados. Chegaram ao pé da inclinação, e Kane mais acima. A adaga em sua mão cintilou acima de sua cabeça e reluziu para baixo, afundando até o cabo na garganta do guerreiro. O corpo de Kane balançou para a frente com o golpe, e ele jazeu inconsciente sobre seu inimigo morto.

Jaziam num poço largo de sangue. No céu, apareceram pequenos pontos, negros contra o azul, girando, circulando e mergulhando cada vez mais para baixo. Logo, de dentro dos desfiladeiros, apareceram homens, similares em trajes e aparência ao que jazia morto sob o corpo inconsciente de Kane. Haviam sido atraídos pelos ruídos da luta, e agora estavam próximos, discutindo o assunto em tons ásperos e guturais. Havia escravos um pouco distantes deles em total silêncio.

Eles arrastaram os corpos dali e descobriram que um estava morto, e o outro

provavelmente morrendo. Então, após alguma discussão, fizeram uma padiola com suas lanças e suspensórios de couro para bainhas de espadas, e ordenaram a seus escravos que erguessem os corpos e os carregassem. O grupo partiu em direção à cidade, que luzia estranhamente no meio da planície gramada.



CAPÍTULO SEGUNDO

Solomon Kane recuperou a consciência. Estava deitado num leito coberto com peles finamente ornamentadas, num quarto espaçoso, cujo chão, paredes e teto eram de pedra. Havia uma janela, fortemente trancada, e uma única porta. Do lado de fora, havia um guerreiro robusto, muito parecido com o homem que ele havia matado.

Então, Kane descobriu outra coisa: havia correntes douradas em seus pulsos, pescoço e tornozelos. Estavam unidas num padrão intrincado, e amarradas a um aro fixo na parede com uma forte tranca de prata.

Kane descobriu que seus ferimentos haviam sido enfaixados, e ponderou sobre sua situação de escravo, acolhido com comida e um tipo de vinho púrpura. O inglês não deu atenção à conversa e bebeu intensamente. O vinho estava drogado e ele logo caiu no sono. Várias horas depois, ele acordou, e percebeu que as ataduras haviam sido trocadas. Um guarda diferente se encontrava do lado de fora da porta... um homem do mesmo aspecto do soldado anterior, contudo: musculoso, de barba negra e vestido em armadura.

Desta vez em que acordou, ele se sentiu forte e revigorado. Kane rapidamente decidiu que, quando o escravo retornasse, ele procuraria aprender algo dos curiosos arredores no qual caíra. O barulho de sandálias de couro nos azulejos anunciou a chegada de alguém, e Kane se ergueu sentado em seu leito quando a figura adentrou o quarto.

No fundo, se movia furtivamente o escravo que havia trazido a comida de Kane. Diante dele, um bando de homens se reunia num pequeno grupo: vestidos com túnicas, inescrutáveis, com rostos barbeados e cabeças raspadas. E, um pouco afastado deles, havia um homem cujo aspecto dominava todo o cenário. Era alto, com roupas de seda presas por um cinto de escamas douradas. Seu cabelo e barba preto-azulados eram curiosamente encaracolados; e seu rosto era aquilino, cruel e predatório. A arrogância dos olhos, a qual Kane percebeu como característica da raça desconhecida, estava muito mais evidente neste homem do que nos outros. Em sua cabeça havia um aro de ouro curiosamente entalhado, e em sua mão um bastão dourado. A atitude dos outros em relação a ele era de extrema subserviência, e Kane acreditou que estava olhando para o rei, ou para o sumo-sacerdote da cidade.

Ao lado desta pessoa, havia um homem mais baixo e gordo, de rosto e cabeça raspados, vestido em túnicas iguais às usadas pelas pessoas menos importantes no fundo, mas muito mais suntuosas. Na mão, ele levava um chicote composto de seis tiras de couro, amarradas a um cabo incrustado de jóias. As tiras terminavam em puas triangulares de metal, e o todo representava o instrumento mais cruel de castigo que Kane já havia visto. O homem que o segurava tinha olhos pequenos, astutos e ardilosos, e toda a sua atitude era uma mistura de bajuladora subserviência ao homem com o

cetno, e de intolerante tirania para com os seres inferiores.

Kane lhes devolveu o olhar, tentando reconhecer um indefinível senso de familiaridade. Havia algo nas feições desse povo que sugeria vagamente os árabes – embora fossem estranhamente diferentes de qualquer árabe que ele tivesse visto. Falavam simultaneamente, e sua linguagem tinha, às vezes, um som de alguma forma familiar. Mas ele não conseguia definir estes vagos lampejos de meia-lembrança.



Por fim, o homem alto com o cetno se virou e caminhou majestosamente para a frente, seguido pelos seus companheiros submissos. Kane foi deixado sozinho. Após algum tempo, o gordo segundo-em-comando retornou, com meia-dúzia de soldados e acólitos. Entre eles, estava o jovem escravo que trouxe a comida de Kane, e uma figura alta e sombria, usando apenas uma tanga, e que trazia uma chave grande no cinto. Os soldados cercaram Kane, com as lanças preparadas, enquanto este homem soltava as correntes do aro na parede. Eles o cercaram e, agarrando-lhe as correntes, indicaram para que ele os seguisse. Rodeado por seus captores, Kane saiu do quarto para o

que parecia ser uma série de largas galerias, serpenteando ao redor da vasta estrutura. Piso após piso, eles subiram e finalmente adentraram um compartimento muito semelhante ao que haviam deixado e com mobília semelhante. As correntes de Kane foram presas a um aro, na parede de pedra próxima à única janela. Ele podia ficar de pé, deitado ou sentado no leito coberto de peles, mas não conseguia dar meia dúzia de passos em qualquer direção. Vinho e comida foram colocados à sua disposição.

Seus captores o deixaram, e Kane percebeu que a porta não estava trancada e que não havia nenhum guarda colocado diante dela. Ele imaginou que eles achavam suas correntes suficientes para contê-lo, e, após testá-las, percebeu que estavam certos. Do contrário, não haveria outra razão para a aparente negligência deles, como havia percebido.

O inglês olhou para fora da porta, a qual era maior que a outra, e não tão obstruída. Estava olhando para baixo, em direção à cidade, desde uma altura considerável. Abaixo dele, havia ruas estreitas, largas avenidas flanqueadas pelo que pareciam serem colunas e leões de pedra entalhada, e acima, grandes extensões de casas com tetos planos. Muitas das construções eram de pedra, e as outras, de tijolos secos ao sol. Havia uma imponência vagamente desagradável ao redor desta arquitetura – um tema sombrio e pesado, que parecia sugerir um caráter taciturno e levemente inumano dos construtores.



Um muro que cercava a cidade era alto e grosso, com torres espaçadas a intervalos regulares. Ele viu figuras com armaduras se moverem como sentinelas ao longo da muralha, e meditou sobre o aspecto guerreiro deste povo. As ruas e mercados abaixo dele apresentavam um labirinto colorido, enquanto o povo ricamente vestido se movia num panorama sempre mutável.

Quanto à construção que lhe servia de prisão, Kane pouco conseguiu imaginar de sua natureza. Contudo, abaixo de si, ele viu uma série de andares sólidos descendo como degraus gigantes. Deveria ser, ele achou com

uma sensação bastante desagradável, construída como a fabulosa Torre de Babel: uma camada sobre outra.

Kane voltou sua atenção ao quarto. Os muros eram ricos em decorações murais, entalhes pintados em várias cores, bem-matizadas e combinadas. De fato, a arte era de um padrão tão elevado quanto qualquer uma que o inglês havia visto na Ásia ou Europa. Muitas das cenas eram de guerra ou de caça – homens fortes, com barbas negras que eram freqüentemente encaracoladas, em armaduras, matando leões ou expulsando outros guerreiros diante deles. Alguns dos guerreiros perseguidos eram negros nus; outros lembravam bastante seus perseguidores.

As figuras humanas não eram tão bem retratadas quanto as das feras; eram convencionadas a um ponto que freqüentemente dava a elas um aspecto um tanto rígido. Mas os leões eram retratados com vívido realismo. Algumas das cenas mostravam os matadores de barbas negras em carruagens, puxadas por cavalos de respiração ardente, e Kane teve novamente aquela estranha sensação de familiaridade, como se já houvesse visto estas cenas – ou cenas semelhantes – antes. As carruagens e cavalos, ele percebeu, eram inferiores aos leões em aparência de vida. A imperfeição não estava na estilização, mas na ignorância do artista em relação ao tema, Kane percebeu, notando erros que pareciam inadequados, considerando-se a habilidade com a qual haviam sido retratados.

O tempo passou rapidamente, enquanto ele refletia sobre os entalhes. No momento seguinte, o escravo silencioso entrou com comida e vinho.

Quando ele serviu os alimentos, Kane falou com ele num dialeto das tribos do mato, a uma das quais ele acreditou que o homem pertencia, pois notara certas cicatrizes em suas feições. O rosto obtuso brilhou levemente, e o homem respondeu numa língua similar o bastante para Kane entendê-lo.



- Que cidade é esta?

- Ninn, mestre.

- Quem é esta gente?

O escravo bronco sacudiu a cabeça, em dúvida:

- Eles ser povo muito antigo, mestre. Têm morado aqui há muito tempo.

- Foi o rei deles que veio ao meu quarto com os homens dele?

- Sim, mestre. Aquele ser Rei Asshur-ras-arab.
- E o homem com o chicote?
- Yamen, o sacerdote, mestre persa.
- Por que me chama assim? – perguntou Kane, embaraçado.
- Os amos lhe nomearam assim, mestre...

O escravo recuou e sua pele ficou pálida, quando a sombra de uma figura alta atravessou o vão da porta. Um gigante seminu, de cabeça raspada, entrou, e o escravo caiu de joelhos, lamentando o próprio terror. Dedos poderosos se fecharam ao redor do pescoço apavorado, e Kane viu os olhos do infeliz escravo se sobressaindo e sua língua saindo rapidamente da boca aberta. Seu corpo se contorcia e agitava em vão; mãos se agarravam cada vez mais fracamente em pulsos de ferro. Logo, ele amoleceu nas mãos de seu matador. Quando o guerreiro de cabeça raspada o soltou, o cadáver despencou flácido ao chão. O guerreiro bateu palmas, e um par de escravos entrou. Seus rostos ficaram pálidos diante da visão do corpo de seu companheiro, mas com um gesto, eles indiferentemente agarraram os pés do homem morto e lhe arrastaram o corpo.

O guerreiro se virou para a porta, e seus olhos escuros e implacáveis encontraram o olhar de Kane, como que em aviso. O ódio latejou nas têmporas de Kane, e foram os olhos sombrios que caíram diante da fúria fria do olhar feroz do inglês. O homem partiu silenciosamente, deixando Kane com suas meditações.

Quando a comida foi novamente trazida para Kane, ela foi levada por um jovem escravo, de membros longos e esguios, e aparência benévola e inteligente. Kane não tentou falar com ele; aparentemente, os amos não desejavam que seu cativo aprendesse qualquer coisa sobre eles por algum motivo ou outro.

Por quantos dias Kane ficou no quarto alto, ele nunca soube. Cada dia era

exatamente como o anterior, e ele perdeu a conta do tempo. Às vezes, o sacerdote Yamen aparecia e o observava com um ar satisfeito, que fazia os olhos de Kane se avermelharem com o desejo de matar; às vezes, o gigante assassino aparecia silenciosamente, para desaparecer também silenciosamente.



Os olhos de Kane se firmavam na chave que pendia do cinto do gigante silencioso. Se ele pudesse por apenas um momento alcançar... Mas seu captor tinha o cuidado de ficar fora do alcance, exceto quando Kane era cercado por guerreiros com azagaias prontas.

Então, uma noite naquele quarto, chegou o sacerdote Yamen, com o gigante silencioso chamado Shem e uns 50 acólitos e soldados. Foi Shem quem destrancou as correntes de Kane da parede e, entre duas colunas de

soldados e sacerdotes, o inglês foi escoltado ao longo dos corredores serpenteantes, que eram iluminados por tochas resplandecentes, fixas nos nichos ao longo das paredes, e seguras nas mãos dos sacerdotes.

Naquela luz, Kane observou novamente as figuras entalhadas, que avançavam interminavelmente ao redor das paredes maciças dos corredores. Muitas delas estavam em tamanho natural; algumas obscurecidas e um tanto desfiguradas como se pela idade. Muitas delas, Kane notou, retratavam homens em carruagens puxadas por cavalos, e ele concluiu que as figuras posteriores e imperfeitas, de montarias e carruagens, haviam sido copiadas destes entalhes mais velhos. Aparentemente, não havia mais cavalos ou carruagens na cidade. Várias diferenças raciais eram evidentes nas figuras humanas – os narizes curvos e negras barbas encaracoladas da raça dominante se mostravam claramente distintos. Seus oponentes eram, às vezes, homens negros; às vezes, homens como eles; e ocasionalmente, homens altos, de membros longos, com feições inconfundivelmente árabes. Era surpreendente notar que, em algumas das cenas mais antigas, os homens desenhados tinham aparência e feições totalmente diferentes das dos ninnitas. Estes estranhos eram sempre retratados em cenas de batalhas e de forma significativa, Kane notou; mas nem sempre em retratos. Frequentemente, pareciam estar ganhando a luta, e em nenhum lugar o inglês conseguiu encontrá-los retratados como escravos. Mas o que o interessava era a familiaridade: aquelas feições entalhadas eram como a fisionomia de um amigo, numa terra estranha ao aventureiro. Apesar de suas armas e roupas estranhas e bárbaras, poderiam ser ingleses, com suas feições européias e cachos amarelos.

Em algum lugar, há muito, muito tempo, Kane sabia, os ancestrais dos homens de Ninn haviam guerreado contra homens aparentados com os próprios ancestrais dele. Mas, em que era, e em qual terra? Certamente, as cenas não estavam postas no país que agora era a terra dos ninnitas, pois estas cenas mostravam planícies férteis, colinas cobertas de grama e rios largos. Sim, e grandes cidades como Ninn, mas estranhamente diferentes.

E, subitamente, Kane se lembrou onde tinha visto entalhes semelhantes, onde reis com negras barbas encaracoladas matavam leões, desde as carruagens. Ele os vira em pedaços desagregados de alvenaria, que

marcavam o local de uma cidade há muito esquecida da Mesopotâmia, e os homens haviam lhe dito que aquelas ruínas eram tudo e que restava de Nínive a Sangrenta, a amaldiçoada por Deus.

O inglês e seus captores haviam alcançado a camada térrea do grande templo, e passaram por entre colunas enormes, atarracadas e esculpidas como as paredes. Finalmente, chegaram a um vasto espaço circular, entre a parede maciça e os pilares que flanqueavam. Esculpido da pedra da enorme parede, havia um ídolo colossal – feições entalhadas, tão desprovidas da fraqueza e bondade humana quanto o rosto de um monstro da Idade da Pedra.

Diante do ídolo, num trono de pedra na sombra dos pilares, sentava-se o Rei Asshur-ras-arab. A luz da fogueira salpicava-lhe o rosto fortemente esculpido, de modo que Kane, a princípio, pensou que fosse um ídolo que se sentasse no trono.

Diante do deus e de frente para o trono do rei, havia um trono menor. Um braseiro, num tripé dourado, se encontrava diante deste; carvões ardiam no braseiro, e a fumaça se encaracolava indolentemente para cima.



Uma graciosa túnica, de tremeluzente seda verde, foi posta sobre Kane, escondendo suas roupas esfarrapadas e manchadas, e as correntes douradas. Ele foi levado a se sentar no trono diante do braseiro, e o fez silenciosamente. Então, seus calcanhares e pulsos foram habilmente presos ao trono, escondidos pelas dobras da túnica de seda.

Os sacerdotes menores e os soldados foram embora, deixando apenas Kane, o sacerdote Yamen e o rei sobre seu trono. Atrás das sombras, por entre as colunas em forma de árvores, se vislumbrava ocasionalmente um brilho de

metal, como vagalumes no escuro. Guerreiros ainda estavam à espreita lá, fora da luz. Ele sentiu que algum tipo de cena seria estabelecido. Kane percebeu uma sugestão de charlatanismo em todo o procedimento.

Agora, Asshur-ras-arab erguia um bastão dourado e batia uma vez sobre um gongo que pendia próximo ao seu trono. Uma nota cheia e doce, como um carrilhão distante, ecoou entre as extensões obscuras do templo sombreado. Ao longo da avenida escura por entre as colunas, veio um grupo de homens, os quais Kane imaginou serem os nobres daquela cidade fantástica. Eram homens altos, de barbas negras e modos soberbos, vestidos em seda tremeluzente e ouro lampejante. E, entre eles, caminhava alguém preso por correntes douradas: um jovem, cuja atitude parecia uma mistura de apreensão e desafio.

O grupo se ajoelhou diante do rei, curvando suas cabeças até o chão. A uma palavra dele, eles se levantaram, e encararam o inglês e o deus atrás dele. Agora Yamen – com a luz da fogueira reluzindo em sua cabeça raspada e dentro de seus olhos malignos, de modo que parecia um demônio barrigudo – gritou algum tipo de canto sobrenatural e lançou um punhado de pó dentro do braseiro. Instantaneamente, uma fumaça esverdeada se encapelou para o alto, ocultando parcialmente o rosto de Kane. O inglês teve ânsias de vômito; o cheiro e sabor eram extremamente desagradáveis. Ele se sentiu embriagado e drogado. Seu cérebro ficou tonto, como o de um bêbado, e ele puxou violentamente suas correntes. Apenas semi-consciente do que dizia, pragas fora do comum explodiram de seus lábios.

Ele estava fracamente consciente de que Yamen bradou ferozmente diante de suas pragas, o sacerdote se curvando para a frente em atitude de escuta. Então, o pó se apagou, a fumaça diminuiu e Kane ficou embriagado e desnordeado sobre o trono.

Yamen se virou em direção ao rei e se curvou profundamente. Endireitou-se e, com os braços estendidos, falou num tom sonoro. O rei solenemente repetiu suas palavras e Kane viu o rosto do nobre prisioneiro ficar branco. Então, seus capttores lhe agarraram os braços, e o grupo se afastou devagar, seus passos voltando medonhamente pela vastidão sombreada.

Como fantasmas silenciosos, os soldados saíram das sombras e o desacorrentaram. Novamente, eles se agruparam ao redor de Kane e o levaram cada vez mais para cima, através dos corredores obscuros, até seu quarto, onde Shem novamente lhe prendeu as correntes à parede. Kane se sentou em seu leito, com a mão no queixo, tentando achar alguma razão em todas as ações bizarras que havia testemunhado. E, dali a pouco, ele percebeu que havia uma agitação exagerada nas ruas abaixo.



O inglês olhou, curioso, para fora de sua janela. Grandes fogos brilhavam na praça do mercado e silhuetas de homens, curiosamente destacadas, iam e vinham. Pareciam estar se ocupando ao redor de uma figura no centro do mercado, mas se reuniam tão densamente ao redor dela, que ele não conseguiu entender nada daquilo. Um círculo de soldados rodeava o grupo;

a luz das fogueiras se refletia em suas armaduras. Ao redor deles, gritava uma multidão desordenada e turbulenta, berrando e bradando.

Súbito, um grito de agonia medonha atravessou a algazarra, e os gritos se apagaram por um instante, para serem renovados com mais força que antes. A maior parte do clamor soou como protesto, Kane pensou, embora, misturado com ele, houvesse o som de escárnios, uivos zombeteiros e risada diabólica. E, durante toda a tagarelice, soaram aqueles guinchos horríveis e insuportáveis.

Um rápido ruído de pés descalços soou nos ladrilhos, e o jovem escravo chamado Sula correu para dentro e enfiou a cabeça na janela, ofegando de agitação. A luz das fogueiras lá de fora brilhava em seu rosto contorcido.

- O povo luta com os lanceiros. – ele exclamou, esquecendo, em sua agitação, a ordem de não conversar com o forasteiro cativo – A maioria do povo amava muito o jovem Príncipe Bel-lardath... ó, mestre, não havia perversidade nele! Por que você ordenou que o rei o esfolasse vivo?

- Eu?! – exclamou Kane, surpreso e assombrado – Não falei nada! Nem sequer conheço este príncipe! Nunca o vi.

Sula virou a cabeça e olhou diretamente para o rosto de Kane.

- Agora sei o que eu havia pensado secretamente, mestre. – ele disse na língua Bantu que Kane entendia – Você não é deus, nem porta-voz de um deus, mas um homem como eu havia visto, antes que os homens de Ninn me capturassem. Outrora, quando eu era pequeno, vi homens fundidos em seu molde, os quais vieram com seus servos nativos e mataram nossos guerreiros com armas que falavam com fogo e trovão.

- De fato, sou apenas um homem. – respondeu Kane, atordoado – Mas, o que... Eu não entendo. O que estão fazendo lá na praça do mercado?

- Estão esfolando vivo o Príncipe Bel-lardath – respondeu Sula – Foi dito livremente entre os mercados que o rei e Yamen odiavam o príncipe, que é do sangue de Abdulai. Mas ele tinha muitos seguidores entre o povo,

especialmente entre os Arbii, e nem mesmo o rei ousava condená-lo à morte. Mas quando você foi trazido para dentro do templo, secretamente, sem que ninguém na cidade o soubesse, Yamen disse que você era porta-voz dos deuses. E disse que Baal havia revelado a ele que o Príncipe Bel-lardath havia despertado a fúria dos deuses. Assim, lhe trouxeram para diante do oráculo dos deuses...

Kane praguejou nauseado. Que coisa incrível... e horrível... pensar que suas fortes blasfêmias em Inglês haviam condenado um homem a uma morte horrível. Sim... o astuto Yamen havia traduzido suas palavras impensadas ao seu próprio modo. E assim, o príncipe, a quem Kane nunca tinha visto antes, se contorcia diante das facas esfoladoras de seus executores na praça do mercado lá embaixo, onde a multidão guinchava ou escarnecia.



- Sula – ele disse –, como se chama este povo?

- Assírios, mestre. – respondeu o escravo, desatento, olhando com horrorizado fascínio para a cena pavorosa abaixo.

CAPÍTULO TERCEIRO

Nos dias seguintes, Sula encontrava oportunidades, de tempos em tempos, para conversar com Kane. Ele pouco podia dizer ao inglês sobre as origens dos homens de Ninn. Só sabia que eles tinham vindo do leste há muito, muito tempo, e construído sua imponente cidade no planalto. Apenas as lendas obscuras de sua tribo falavam dele. Seu povo vivia nas planícies onduladas bem ao sul, e havia guerreado contra o povo da cidade por eras incalculáveis. Sua tribo era chamada de Sulas, e eles eram fortes e guerreiros, ele disse. De tempos em tempos, faziam ataques-surpresa aos ninnitas, e ocasionalmente os ninnitas retribuía a incursão, mas não se aventuravam freqüentemente para longe do planalto. Num daqueles ataques-surpresa, Sula havia sido capturado. Ultimamente, os ninnitas haviam sido forçados a irem mais longe, em busca de escravos, quando as tribos evitavam o planalto sombrio, e geração a geração, voltavam cada vez mais para dentro da selva.

A vida de um escravo em Ninn era dura, disse Sula, e Kane acreditava nele ao ver as marcas de chicote, cavalete e ferro quente no corpo do jovem. O passar das eras não havia suavizado o espírito dos assírios, nem lhes modificado a violência... uma máxima no Leste antigo.

Kane tinha muita curiosidade diante da presença deste povo antigo nesta terra desconhecida, mas Sula não tinha mais nada para dizê-lo. Vieram do Leste, há muito, muito tempo – era tudo o que Sula sabia. Agora o inglês sabia por que suas feições e linguagem haviam parecido remotamente familiares. Suas feições eram os traços originais semitas, agora modificados nos habitantes modernos da Mesopotâmia, e muitas de suas palavras tinham uma inconfundível semelhança com certas palavras e frases hebraicas.

Kane soube, através de Sula, que nem todos os habitantes eram de um só sangue. Eles não se miscigenavam com seus escravos; ou, se o faziam, o filho de tal união era instantaneamente morto. A raça dominante, Sula havia aprendido, era assíria; mas havia algumas pessoas do povo, tanto plebeus quanto nobres, que eram chamadas “Arbii”. Eram como os assírios, embora

um pouco diferentes. Outro grupo eram os “Kaldii” – feiticeiros e adivinhos, que não eram grandemente estimados pelos verdadeiros assírios. Shem, disse Sula, e a classe dele, era elamita, e Kane se sobressaltou diante do termo bíblico. Não havia muitos deles, mas eles eram os instrumentos dos sacerdotes – matadores e autores de feitos estranhos e desumanos. Sula havia sofrido nas mãos de Shem, como todos os outros escravos do templo.





E era neste mesmo Shem em quem Kane concentrava os olhos ansiosos. No seu cinto pendia a chave dourada que significava liberdade. Mas, com que lendo a expressão nos olhos frios do inglês, Shem andava com cuidado – um lúgubre gigante escuro, com um sombrio rosto entalhado. Ele não chegava ao alcance dos longos braços de aço do cativo, exceto quando acompanhado por guardas armados.

Não passou um dia sem que Kane ouvisse o bater do açoite, os gritos de escravos agonizantes sob o ferro quente, o chicote ou a faca de esfolar. Ninn era um verdadeiro Inferno, ele refletiu, governado pelo demoníaco Asshuras-arab e seu ardiloso e lascivo subalterno, o sacerdote Yamen. O rei também era sumo-sacerdote, como haviam sido seus ancestrais da realeza na antiga Nínive. E Kane percebeu por que eles o chamavam de persa vendo em si próprio uma semelhança com aqueles selvagens e antigos homens tribais arianos, que haviam cavalgado de suas montanhas para varrerem o império assírio da terra. Certamente, foi fugindo daqueles conquistadores loiros que o povo de Ninn havia adentrado a África.



Os dias passaram, e Kane permaneceu prisioneiro na cidade de Ninn. Mas ele não foi mais ao templo como oráculo.

Um dia, houve confusão na cidade. Kane ouviu as trombetas soando sobre o muro, e o rufar de timbales. O aço retiniu nas ruas e o som de homens marchando se ergueu até seu ninho. Olhando para fora, além do muro e de um lado a outro do planalto, ele viu uma horda de desnudos homens negros se aproximar da cidade em formação livre. Suas lanças cintilavam ao sol, seus capacetes de plumas de avestruz esvoaçavam na brisa, e seus gritos chegavam levemente até ele.

Sula entrou correndo, com os olhos brilhando.

- Meu povo! – ele exclamou – Eles vêm contra os homens de Ninn. Meu povo é de guerreiros! Bogaga é chefe de guerra... Katayo é o rei. Os chefes de

guerra dos Sulas defendem suas honras pela força de suas mãos, pois qualquer homem forte o bastante para matá-lo com as mãos nuas se torna chefe de guerra em seu lugar. Assim, Bogaga ganhou o cargo de chefe, mas demoraram muitos dias antes que alguém o mate, pois ele é o mais forte chefe de guerra deles todos!

A janela de Kane fornecia uma visão melhor por cima do muro do que qualquer outra, pois seu quarto estava no andar mais alto do templo de Baal. Yamen veio ao seu quarto, com seus guardas sombrios, Shem e outro elamita sombrio. Estavam fora do alcance de Kane, olhando através de uma das janelas.

Os enormes portões se abriram: os assírios estavam marchando para fora, para encontrarem seus inimigos. Kane calculou que ali havia 1500 guerreiros armados; ainda havia 300 na cidade, a guarda pessoal do rei, as sentinelas e tropas residenciais dos vários nobres. A hoste, Kane notou, estava dividida em quatro partes. A central, que consistia em 600 homens, enquanto cada flanco ou ala era composto de 300. Os 300 restantes marchavam em formação compacta atrás da central, entre as alas. Como representado por esta figura:



Os guerreiros estavam armados com azagaias, espadas, maças e pesados arcos curtos. Em suas costas, havia aljavas erçadas de flechas.

Os ninnitas saíram em marcha para a planície em perfeita formação e tomaram suas posições, aparentemente aguardando o ataque. Este não demoraria a acontecer. Kane estimou que os atacantes fossem pelo menos 3000 guerreiros, e mesmo àquela distância, ele pôde apreciar sua esplêndida estatura e coragem. Mas eles não tinham sistema ou formação para a guerra. Era numa grande, irregular e desordenada horda que eles corriam para a frente, para serem encontrados por uma fulminante chuva de flechas que lhes atravessava os escudos de pele de touro, como se fossem feitos de

papel.



Os assírios haviam suspenso seus escudos ao redor dos pescoços, e estavam puxando e atirando metodicamente, não em rajadas regulares, como os arqueiros de Crécy e Azincourt fariam, mas firmemente e sem pausa. Com coragem indiferente, os Sulas se arremessavam para a frente, para dentro dos dentes da terrível saraivada. Kane viu linhas inteiras se dissiparem, e a planície ficar coberta de mortos. Mas os invasores avançavam, desperdiçando suas vidas como água. Kane se maravilhava diante da perfeita disciplina dos soldados semitas, que atravessavam seus movimentos como se estivessem na área de exercícios. As alas haviam se movido para a frente, suas pontas frontais se unindo ao fim da fila central e apresentando uma frente intacta. Os homens na companhia entre as alas mantinham suas posições, imóveis, não tendo ainda tido qualquer participação na batalha.

A horda invasora foi quebrada, cambaleando para trás sob os disparos mortíferos, contra os quais carne e sangue eram incapazes de resistir. A

grande crescente desorganizada foi partida em pedaços e os Sulas estavam caindo desordenadamente, devido aos disparos do flanco direito e central, perseguidos pelas linhas de tiro das setas dos guerreiros ninnitas. Mas, no flanco direito, uma turba espumante de talvez 400 lutadores selvagens havia irrompido através da temível barragem e, gritando feito demônios, se chocaram contra a ala assíria. Mas, antes que as lanças se colidissem, Kane viu a subdivisão da reserva entre as alas girar e marchar aceleradamente para apoiar a ala ameaçada. Contra essa dupla muralha de 600 guerreiros encouraçados, o furioso ataque cambaleou, se quebrou e oscilou para trás.

Espadas lampejavam por entre as lanças, e Kane viu os guerreiros nus caindo como trigo diante da foice e as azagaias dos assírios dizimando-os. Nem todos os cadáveres no solo sangrento eram dos atacantes, mas onde jazia um assírio morto ou ferido, dez Sulas haviam morrido.

Agora, os atacantes estavam em fuga total pela planície, e as fileiras de ferro se moviam para a frente em passo rápido, porém organizado, disparando a cada passo, caçando os vencidos de um lado a outro do planalto e brandindo a adaga nos feridos. Não levaram prisioneiros. Os Sulas não eram bons escravos, como Solomon acabava de ver.

No quarto de Kane, os espectadores estavam aglomerados nas janelas, com os olhos grudados de fascínio diante da cena selvagem e sangrenta. O peito de Sula ofegava de fúria; seus olhos resplandeciam com a sede de sangue do selvagem, à medida que os gritos, a matança e as lanças dos homens de sua tribo inflamavam toda a ferocidade dormente em sua alma de guerreiro

Com o grito de uma pantera louca por sangue, ele se lançou às costas de seus amos. Antes que qualquer um pudesse erguer a mão, ele se apoderou da adaga no cinto de Shem e enfiou-a até o cabo entre as espáduas de Yamen. O sacerdote guinchou como uma mulher ferida e caiu de joelhos, com o sangue jorrando, e os elamitas se aproximaram do escravo furioso. Shem tentou lhe agarrar o pulso, mas o outro elamita e Sula giraram rapidamente para um abraço mortífero, brandindo suas facas, as quais ficaram instantaneamente vermelhas até o cabo.

Com os olhos resplandecendo e espuma em seus lábios, eles rolaram e se

revolveram, talhando e apunhalando. Shem, tentando agarrar o pulso de Sula, foi atingido pelos corpos que colidiam, sendo lançado violentamente para o lado. Ele escorregou e se estatelou contra o leito de Kane.

Antes que ele pudesse se mover, o inglês acorrentado estava sobre ele, como um grande gato. Finalmente, havia chegado o momento pelo qual esperava! Shem estava ao seu alcance e, quando tentou se erguer, o joelho de Kane lhe golpeou o peito, quebrando-lhe as costelas. Os dedos de ferro de Kane se fecharam na sua... garganta. Solomon mal percebia os terríveis esforços de animal selvagem do elamita, que procurava em vão se livrar daquele aperto. Uma bruma vermelha cobria a visão do inglês e, através dela, ele viu o horror crescendo nos olhos inumanos de Shem... viu aqueles olhos se dilatando e ficando injetados de sangue... viu a boca escancarar e a língua sair, quando a cabeça raspada foi curvada para trás num ângulo horrível; logo, o pescoço de Shem se quebrou como um galho grosso, e o corpo retesado ficou mole nas mãos de Kane.

O inglês se apoderou da chave no cinto do morto e, no instante seguinte, se ergueu livre, sentindo uma onda selvagem de alegria cair sobre ele enquanto flexionava os membros tolhidos. Olhou ao redor do quarto. Yamen perdia a vida entre golfadas sobre os ladrilhos, e Sula e o outro elamita jaziam mortos, agarrados aos braços férreos uns dos outros, literalmente cortados em pedaços.



Kane correu rapidamente do quarto. Não tinha nenhum plano, exceto escapar do templo ao qual passara a odiar como um homem odeia o Inferno. Desceu correndo as escadas sinuosas, sem se deparar com ninguém. Evidentemente, os criados do templo estiveram amontoados nos muros, assistindo à batalha. Mas, no andar mais baixo, ele ficou cara a cara com um dos guardas do templo. O homem ficou estupidamente boquiaberto diante dele... e o punho de Kane se espatifou contra seu queixo barbudo, deixando-o inconsciente ao chão. Kane se apoderou de sua pesada azagaia. Veio-lhe o pensamento de que talvez as ruas estivessem desertas enquanto o povo assistia à batalha, e ele podia atravessar a cidade e escalar o muro, no lado

próximo ao lago.

Correu através do templo arborizado por colunas e para fora do enorme portal. Havia um grupo disperso de pessoas, que guincharam e fugiram à visão da estranha figura que saía do templo sombrio. Kane desceu apressadamente a rua, em direção ao portão oposto, não vendo mais que umas poucas pessoas. Logo, ao virar para uma rua lateral, pensando em cortar caminho, ele ouviu um rugido trovejante.

À sua frente, ele viu quatro escravos carregando uma liteira ricamente ornamentada, como as que os nobres usam para passear. O ocupante era uma jovem, cujas roupas enfeitadas de jóias mostravam sua importância e riqueza. E agora, ao redor da esquina, vinha rugindo uma grande forma castanho-amarelada. Um leão, solto nas ruas da cidade!

Os escravos largaram a liteira e fugiram, guinchando, enquanto as pessoas no alto das casas gritavam. A garota deu um só grito, se arrastando para cima no próprio caminho do monstro que atacava. Ela ficou encarando-o, congelada de terror.

Solomon Kane, ao primeiro urro da fera, experimentou uma feroz satisfação. Ninn se tornara tão odiável para ele, que o pensamento de um animal selvagem, rugindo por entre suas ruas e devorando seus cruéis habitantes, tinha dado ao puritano uma indiscutível satisfação. Mas agora, ao ver a figura lastimosa da jovem encarando o devorador de homens, ele sentiu um tormento de piedade por ela, e agiu.

Quando o leão se lançou no ar, Kane arremessou a azagaia com toda a força de sua constituição férrea. Ela atingiu bem atrás da grande espádua, trespassando o corpo castanho-amarelado. Um urro ensurdecedor irrompeu da fera, que girou a uma grande distância para o lado, como se houvesse deparado com uma parede sólida; e, ao invés de garras dilacerantes, foi o pesado ombro peludo que bateu na figura frágil de sua vítima, arremessando-a para o lado enquanto a grande fera se espantava na terra.



Kane, esquecido de sua própria situação, se lançou para a frente e ergueu a garota, tentando verificar se ela estava ferida. Esta foi uma tarefa fácil, vez que a roupa dela, assim como a da maioria das mulheres nobres assírias, era tão escassa a ponto de consistir mais em ornamentos que em revestimento. Kane se certificou de que ela estava apenas machucada e muito assustada.

Ele ajudou-a a se levantar, ciente de que uma multidão de espectadores curiosos o cercava. Passou por entre eles, que não fizeram qualquer tentativa de pará-lo. Súbito, um sacerdote apareceu e gritou algo, apontando para ele. O povo instantaneamente recuou, mas meia dúzia de soldados em armadura se adiantou, com as azagaias prontas. Kane encarou o sacerdote, a fúria lhe fervendo na alma. Estava pronto para saltar no meio deles e fazer o maior estrago possível, com as mãos nuas, antes de morrer... quando de cima das pedras da rua, soou o caminhar de homens em marcha. Um grupo de guerreiros apareceu, com as lanças vermelhas pela luta recente.

A garota gritou e correu para a frente, para lançar os braços ao redor do

pescoço robusto do jovem oficial no comando. Seguiu-se um rápido ardor de conversa, a qual Kane naturalmente não conseguiu entender. Então, o oficial falou laconicamente com os guardas, os quais se afastaram. Ele avançou em direção a Kane, com as mãos vazias estendidas e um sorriso nos lábios.

Sua atitude era extremamente amigável, e o inglês percebeu que ele estava tentando expressar sua gratidão pelo salvamento da garota, a qual era sem dúvida sua irmã ou namorada. O sacerdote espumou e praguejou, mas o jovem nobre lhe respondeu em poucas palavras e fez sinais para Kane acompanhá-lo. Então, quando o inglês hesitou, desconfiado, ele puxou a própria espada e a ofereceu para Kane, com o cabo em direção a este. Kane pegou a arma; poderia ser uma forma de cortesia tê-la recusado, mas Kane estava pouco disposto a arriscar-se, e sentiu muito mais seguro com uma arma na mão.



As Colinas dos Mortos

1) Vodou

Os pequenos galhos que N'Longa lançou ao fogo se quebraram e crepitaram. N'Longa, feiticeiro vodou da Costa dos Escravos, era muito velho. Sua estrutura encarquilhada e retorcida era curvada e frágil, seu rosto marcado por centenas de rugas. A luz vermelha da fogueira brilhava nos ossos, de dedos de mãos humanas, que compunham seu colar.



O outro era um inglês, e seu nome era Solomon Kane. Ele era alto, de ombros largos, e vestia roupas negras e fechadas, a vestimenta do puritano. Seu implume chapéu desalinhado estava puxado sobre sua fronte pesada, sombreando seu rosto misteriosamente pálido. Seus frios olhos profundos meditavam na luz do fogo.

- Você vem novamente, irmão. – disse o feiticeiro em voz monótona, falando no jargão que era usado como língua comum entre negros e brancos na Costa Oeste – Muitas luas brilharam e morreram, desde que fizemo conversação de sangue. Você vai ao sol poente, mas você volta!

- Sim. – a voz de Kane era profunda e quase fantasmagórica – É uma terra sombria a sua, N'Longa; uma terra vermelha, obstruída com a negra escuridão do horror e as sombras sangrentas da morte. No entanto, eu retornei.

N'Longa atಿçou a fogueira, sem dizer nada, e após uma pausa, Kane continuou:

- Lá, na imensidão desconhecida – seu longo dedo apontou a Selva silenciosa, que meditava além da luz do fogo –, lá existe mistério, aventura e terror sem nome. Uma vez, eu desafiei a selva e ela quase reclamou meus ossos. Alguma coisa entrou no meu sangue, alguma coisa adentrou minha alma, como um sussurro de pecado inominável. A selva! Escura e pensativa... a muitas léguas do salgado mar azul, ela havia me puxado, e ao amanhecer eu busco o coração dela. Talvez eu encontre curiosa aventura... talvez meu destino me encontre. Mas é melhor a morte do que o eterno anseio, o fogo que vem queimando minhas veias com amargo desejo.

- Ela chamar. – sussurrou N'Longa – À noite, ela se enrosca feito serpente ao redor de minha cabana e me sussurra coisas estranhas. Sim! A selva chamar. Nós ser irmãos de sangue, você e eu. Mim, N'Longa, poderoso artífice de mágica sem nome! Você vai à selva como vão todos os homens que ouvem seu chamado. Talvez você viva, ou mais provavelmente morra. Você acredita em meus feitiços?

- Eu não os compreendo – disse Kane sombriamente –, mas eu já lhe v. enviar sua alma, de seu corpo para um cadáver.

- Sim! Mim, N'Longa, sacerdote do Deus Negro. Agora observe, eu faz mágica.

Kane encarou o velho feiticeiro vodu que se curvava sobre a fogueira, fazendo movimentos alinhados com as mãos e murmurando encantamentos. Kane observava, e ele parecia estar ficando sonolento. Uma bruma ondulava diante dele, e através dela, ele viu vagamente a forma de N'Longa, desenhada de forma escura contra as chamas. Então desapareceu.

Kane acordou sobressaltado, com a mão se precipitando em direção à pistola em seu cinto. N'Longa sorriu para ele através do fogo, e houve um

cheiro de início de amanhecer no ar. O feiticeiro pegou um longo bastão de madeira negra em suas mãos. Este bastão estava entalhado de forma estranha, e uma das extremidades se adelgava numa ponta afiada.



- Isto, bastão vodu. – disse N'Longa, colocando-o na mão do inglês - Onde suas pistolas e sua longa faca falharem, isto salvar você. Quando você me quiser, ponha isto em seu peito, entrelace suas mãos nele e durma. Eu chegar a você em seus sonhos.

Kane pesou o objeto em sua mão, altamente desconfiado de magia negra. Ele não era pesado, mas parecia tão duro quanto ferro. Uma boa arma, pelo menos, percebeu ele. A aurora estava justamente começando a se aproximar da floresta e do rio.



2) Olhos Vermelhos

Solomon Kane ergueu o mosquete de seu ombro e deixou a coronha cair por terra. O silêncio o cercava como um nevoeiro. O rosto riscado de Kane e sua roupa esfarrapada mostravam o resultado de longa viagem pelo matagal. Ele olhou os arredores.

A alguma distância atrás dele, aparecia a selva verde e enfileirada. Pouca distância à sua frente, se erguia a primeira de uma cadeia de nuas colinas sombrias, alastradas de matacões, tremeluzindo sob o impiedoso calor do sol. Entre as colinas e a selva, havia uma larga extensão de capim áspero e irregular, pontilhado aqui e ali por moitas espinhosas.

Um silêncio completo pairava pela região. Os únicos sinais de vida eram uns poucos abutres, batendo pesadamente as asas através das colinas distantes. Pelos últimos poucos dias, Kane foi informado sobre o crescente número destes pássaros repugnantes. O sol tremeluzia a oeste, mas seu calor não fora abrandado de forma alguma.

Arrastando seu mosquete, ele começou a avançar lentamente. Ele não tinha objetivo em vista. Esta era uma região totalmente desconhecida, e uma direção era tão boa quanto outra. Várias semanas atrás, ele havia mergulhado na selva com a convicção nascida da coragem e da ignorância. Tendo, por algum milagre, sobrevivido nas primeiras poucas semanas, ele estava ficando duro e fortalecido, capaz de defender-se dos sombrios habitantes com a sua rapidez e ousadia.



À medida que avançava, ele percebia o rastro ocasional de um leão, mas parecia não haver animais nas pastagens – nenhum que deixasse algum tipo de pista. Os abutres pareciam negras imagens de ninhadas em algumas árvores raquíticas, e subitamente ele viu uma atividade entre eles a uma certa distância. Vários dos pássaros escuros giravam em torno de uma massa

de capim alto, mergulhando e depois se erguendo novamente. Algum animal de rapina estava defendendo sua caça contra eles, pensou Kane, e ele se surpreendeu com a falta dos rosnados e rugidos, que normalmente acompanham tais cenas. Sua curiosidade foi despertada, e ele voltou seus passos naquela direção.

Por fim, abrindo caminho pela grama que se erguia ao redor de seus ombros, ele viu, como num corredor murado por exuberantes lâminas ondulantes, uma visão medonha. O cadáver de um homem negro jazia debruçado, e, enquanto o inglês olhava, uma grande cobra escura se ergueu e deslizou para dentro do capim, se movendo tão rapidamente que Kane foi incapaz de distinguir sua natureza. Mas havia uma estranha insinuação humana acerca dela.

Kane permaneceu sobre o corpo, percebendo que, enquanto os membros jaziam tortos como se quebrados, a carne não estava dilacerada como o faria um leão ou um leopardo. Ele olhou para o alto, para os rodopiantes abutres, e ficou espantado em ver vários deles deslizando para perto da terra, seguindo uma ondulação do capim que marcava o vôo da coisa que presumivelmente matara o negro. Kane perguntou a si mesmo que coisa os pássaros carniceiros, que só comiam mortos, estariam caçando pelas pastagens. Mas a África era cheia de mistérios nunca explicados.



Kane encolheu os ombros e ergueu novamente o mosquete. Aventuras ele havia tido em abundância, desde que deixara N'Longa há algumas luas, mas aquela paranóia sem nome ainda insistia e o levava cada vez mais adiante, cada vez mais para dentro daqueles caminhos sem rastros. Kane não conseguia analisar este chamado; ele o atribuiria a Satã, que atrai os homens para a destruição. Mas não era mais do que o turbulento e incansável espírito do aventureiro, do nômade – o mesmo impulso que levou as caravanas ciganas ao redor do mundo, que dirigiu as galeras vikings sobre mares desconhecidos e que guia os vôos dos gansos selvagens.

Kane suspirou. Aqui, nesta terra árida, parecia não haver comida nem água, mas ele havia se cansado da morte do úmido e exuberante veneno da selva espessa. Até mesmo uma savana de colinas nuas era preferível, ao menos por um tempo. Ele olhou para elas, que meditavam longamente sob o sol, e começou a avançar novamente.

Ele tinha o bastão mágico de N'Longa em sua mão esquerda e, embora:

sua consciência o incomodasse por manter uma coisa de natureza aparentemente tão diabólica, ele nunca foi capaz de se decidir em jogá-la fora.

Agora, enquanto ele ia em direção às colinas, uma súbita agitação começou no capim alto à sua frente, o qual era, em alguns lugares, mais alto que um homem. Um grito agudo e alto soou, e a seus pés um rugido de fazer a terra tremer. O capim se abriu, e uma figura delgada veio correndo em sua direção, como um pequeno feixe de palha soprado pelo vento – uma garota de pele marrom, vestida apenas com uma peça de roupa em forma de saia. Atrás dela, alguns metros distante mas alcançando-a rapidamente, vinha um enorme leão.

A garota caiu aos pés de Kane com um pranto e um soluço, e agarrou-se aos tornozelos dele. O inglês baixou o bastão vodu, ergueu seu mosquete e olhou fixamente para o feroz rosto felino que se aproximava dele a cada instante. Crash! A garota soltou um único grito e caiu subitamente sobre o próprio rosto. O enorme gato deu um pulo alto e selvagem, para cair e ficar sem movimento.

Kane recarregou rapidamente a arma, antes de olhar para a silhueta a seus pés. A garota jazia tão imóvel quanto o leão que ele acabara de matar, mas um rápido exame mostrou que ela havia apenas desmaiado.

Ele banhou-lhe o rosto com a água de seu cantil, e imediatamente ela abriu os olhos e soergueu-se. O medo inundou sua face, enquanto olhava seu salvador, e ela deixou de se levantar.

Kane estendeu uma comedita mão, e ela se encolheu, trêmula. O rugido de seu pesado mosquete era suficiente para amedrontar qualquer nativo que jamais vira antes um homem branco, pensou Kane.



A garota era esbelta e bem-feita de corpo. Seu nariz era reto e fino. Ela tinha uma cor profundamente marrom, talvez com uma forte descendência berbere.

Kane falou com ela num dialeto do rio, uma linguagem simples que ele aprendera durante suas perambulações, e ela respondeu hesitante. A tribo do interior comercializava escravos e marfim com o povo do rio, e estava bastante familiarizada com o jargão deles.



- Minha aldeia é ali. – respondeu ela à pergunta de Kane, apontando para a selva meridional com um esbelto braço roliço – Meu nome é Zunna. Minha mãe me bateu por eu ter quebrado uma caldeira, e eu fugi porque fiquei com raiva. Estou com medo; me deixe voltar para minha mãe!

- Você pode ir – disse Kane –, mas eu vou te levar, menina. Imagine se outro leão aparece? Você foi muito tola em fugir.

Ela choramingou um pouco.

- Você não é um deus?

- Não, Zunna. Sou apenas um homem, embora a cor de minha pele não

seja como a sua. Leve-me agora à sua aldeia.

Ela se ergueu hesitante, olhando-o apreensivamente através do selvagem emaranhado do cabelo. Para Kane, ela parecia um jovem animal assustado. Ela foi na frente, e Kane seguiu. Ela mostrou que sua vila ficava a sudeste, e o caminho deles os levou para bem perto das colinas. O sol começou a se pôr, e o rugido dos leões ecoou sobre o capim. Kane olhou para o céu ocidental; em campo aberto, não havia lugar onde ser pego pela noite. Ele olhou para as colinas, e viu que elas estavam a poucas centenas de metros. Ele viu o que parecia ser uma caverna.

- Zunna – ele disse hesitante –, nós nunca alcançaremos sua aldeia antes do cair da noite. Se ficarmos aqui, os leões irão nos pegar. Lá longe, tem uma caverna onde podemos passar a noite...

Ela se encolheu e tremeu.

- Nas colinas, não, senhor! – ela choramingou – Melhor enfrentar os leões!

- Bobagem! – seu tom era impaciente; ele já havia se cansado das superstições dos nativos – Vamos passar a noite naquela caverna.

Ela não argumentou mais, e o seguiu. Eles subiram uma curta inclinação e chegaram à entrada da caverna: uma coisa pequena, com lados de rocha sólida e um chão de areia funda.

- Arranje um pouco de capim seco, Zunna – ordenou Kane, erguendo seu mosquete contra a parede na boca da caverna –, mas não vá muito longe, e preste atenção aos leões. Farei uma fogueira aqui, a qual nos manterá a salvo de feras esta noite. Traga um pouco de capim e gravetos que você possa encontrar, como uma boa menina, e iremos comer. Eu tenho carne seca em minha bolsa, e água também.

Ela o olhou longa e estranhamente, e então deu meia-volta sem dizer uma só palavra. Kane arrancou a grama próxima, notando o quanto era queimada e quebradiça de sol e, amontoando-a, bateu pedreira e aço. O fogo acendeu e consumiu o amontoado num instante. Ele estava imaginando quanto capim ele teria que pegar para manter uma fogueira por toda a noite, quando percebeu que tinha visitas.

Kane estava acostumado a visões grotescas, mas à primeira vista, ele estremeceu e um leve frio desceu por sua espinha. Dois homens estavam silenciosamente diante dele. Eram altos, magros e estavam totalmente nus. Suas peles eram negras e poeirentas, coloridas com um matiz acinzentado, como o da morte. Seus rostos eram diferentes de qualquer um que ele já

tivesse visto. As testas eram altas e estreitas, os narizes eram grandes e semelhantes a focinhos; seus olhos eram inumanamente grandes e vermelhos. Parecia a Kane que só aqueles olhos brilhantes tinham vida.

Ele dirigiu-lhes a palavra, mas eles não responderam. Ele os convidou para comerem, com um gesto de sua mão, e eles silenciosamente se acocoraram perto da boca da caverna, o mais longe possível das brasas moribundas da fogueira.



Kane se virou para sua bolsa e começou a tirar os pedaços de carne seca que ele trazia. Ele olhou para seus convidados silenciosos: parecia-lhe que eles estavam olhando mais para as brasas incandescentes de sua fogueira do que para ele.

O sol estava quase afundando no horizonte ocidental. Um brilho vermelho e feroz se espalhava pelo capinzal, como um ondulante mar de sangue. Kane se ajoelhou sobre a bolsa e, olhando para o alto, viu Zunna chegar contornando a saliência da colina, com os braços cheios de capim e galhos secos.

Enquanto ele observava, os olhos dela se acenderam; os galhos caíram-lhe dos braços e seu grito cortou o silêncio, carregado por terrível advertência. Kane girou sobre o joelho. Duas grandes formas avultaram

sobre ele, enquanto ele se erguia com o ágil movimento de um leopardo saltando. O bastão mágico estava em sua mão, e ele o impeliu através do corpo do adversário mais próximo, com uma força que fez a ponta afiada sobressair entre os ombros do homem. Então, os longos braços magros do outro se fecharam ao seu redor e os dois caíram juntos.

As unhas em forma de garra do estranho puxavam-lhe violentamente o rosto, com os hediondos olhos vermelhos encarando ameaçadoramente os dele, enquanto Kane se retorcia; e, desviando-se de suas garras com um braço, puxou uma pistola. Ele pressionou a boca da arma contra o lado do selvagem e puxou o gatilho. Com o tiro abafado, o corpo do estranho estremeceu ao impacto da bala, mas os lábios grossos apenas se abriram num horrível sorriso largo.

Um braço longo deslizou sob os ombros de Kane, e a outra mão lhe agarrou o cabelo. O inglês sentiu a cabeça sendo irresistivelmente forçada para trás. Ele agarrou os pulsos do outro com ambas as mãos, mas a carne sob os dedos furiosos era dura como madeira. O cérebro de Kane estava ficando tonto; seu pescoço parecia prestes a quebrar sob um pouco mais de pressão. Ele arremessou o corpo para trás, com um esforço vulcânico, desfazendo o abraço mortal. O outro estava sobre ele, e as garras estavam apertando novamente. Kane encontrou e ergueu a pistola vazia, e sentiu o crânio do homem ceder como uma concha, enquanto ele descia o longo cano com toda a sua força. E, mais uma vez, os lábios contorcidos se abriram em medonha zombaria.



E agora, um quase pânico tomava conta de Kane. Que tipo de homen era este, que ainda lhe ameaçava a vida com dedos cortantes, após ter sido baleado e mortalmente espancado? Não era homem, com certeza, mas um dos filhos de Satã! Com este pensamento, Kane se contorceu explosivamente, e os combatentes engalfinhados caíram no chão, sobre as cinzas ardentes na entrada da caverna. Kane mal sentiu o calor, mas a boca de seu rival se abriu, desta vez em aparente agonia. Os terríveis dedos afrouxaram seu aperto, e Kane se libertou.



A criatura selvagem, com seu crânio despedaçado, estava se erguendo sobre uma das mãos e um dos joelhos, quando Kane investiu, voltando ao ataque como um lobo magro contra um bisão faminto. Ele pulou de um lado, indo parar bem nas costas vigorosas, com seus braços de aço procurando e encontrando um abraço mortal; e, quando os dois caíram juntos ao chão, ele quebrou o pescoço do outro, de modo que o hediondo rosto morto ficou olhando para trás sobre um ombro. O corpo jazeu imóvel, mas para Kane parecia que ele não estava morto, mesmo naquele momento, pois os olhos vermelhos ainda queimavam com sua luz medonha.

O inglês se virou, para ver a garota se agachando contra a parede da caverna. Ele olhou para o bastão: jazia numa pilha de poeira, em meio à qual havia uns poucos ossos esfarelados. Ele arregalou os olhos, com o cérebro vacilando. Então, em um único passo, apanhou o bastão vodu e se voltou para o homem caído. Seu rosto estava imóvel em linhas sombrias, enquanto ele o erguia; e então, ele dirigiu o bastão através do peito do selvagem. E,

diante de seus olhos, o enorme corpo se esmigalhou, se dissolvendo em pó, enquanto ele observava, horrorizado, acontecer com o outro o mesmo que com o primeiro oponente, que se esmigalhara quando Kane havia pela primeira vez enfiado o bastão.

3) Mágica de Sonho

- Grande Deus! – sussurrou Kane – Os homens estavam mortos: Vampiros! Isto é, sem dúvida, obra de Satã.

Zunna rastejou de joelhos e se agarrou ali.

- São mortos que caminham, senhor. – ela chorou – Eu deveria ter lhe avisado.

- Por que eles não pularam sobre minhas costas, logo que chegaram?

- ele perguntou.

- Eles temiam o fogo. Estavam esperando as brasas se apagarem completamente.

- De onde vieram?

- Das colinas. Centenas daquele tipo se aglomeraram entre os matacões e cavernas daquelas colinas, e vivem da vida humana, dos homens que eles vão matar, devorando-lhes as almas enquanto elas abandonam os corpos trêmulos. Sim, eles são sugadores de almas!

“Senhor, no meio daquelas colinas há uma silenciosa cidade de pedra; e, em tempos antigos, na época de meus ancestrais, aquela gente viveu lá. Eles eram humanos, mas não como nós, e por isso governaram esta terra por eras e eras. Os ancestrais de meu povo guerreavam contra eles e mataram muitos, e seus bruxos deixaram todos os mortos iguais a estes. Por fim, todos morreram.

“E, durante eras, eles atormentaram as tribos da selva, espreitando do alto das colinas à meia-noite e ao pôr-do-sol, para assombrar os caminhos da selva, e matar e matar. Homens e feras fogem deles, e só o fogo os destrói”.

- Eis o que irá destruí-los. – disse Kane sombriamente, erguendo o bastão vodu – Magia negra deve lutar contra magia negra. Eu não sei que encanto N’Longa pôs aqui, mas...



- Você é um deus. – disse Zunna em voz alta – Homem nenhum conseguiria vencer dois dos mortos que caminham. Senhor, você não pode tirar esta maldição de minha tribo? Nós não temos para onde fugir, e os monstros nos matam à vontade, pegando caminhanes que estejam fora dos muros da aldeia. A morte está nesta terra, e morreremos sem ajuda!

No interior de Kane, se movia o espírito do cruzado, o fogo do entusiasta – o fanático que dedica sua vida a combater os poderes da escuridão.



- Vamos comer. – disse ele – Depois, faremos uma grande fogueira na entrada da caverna. O fogo que afasta feras também afastará demônios.

Mais tarde, Kane se sentou bem no meio da caverna, com o queixo apoiado no punho fechado e os olhos fitando despercebidamente a fogueira. Atrás, nas sombras, Zunna o observava com admiração.

- Deus dos Exércitos – murmurou Kane –, me ajude! Minha mão é a que deve tirar a antiga maldição desta terra escura. Quem sou eu para enfrentar estes demônios mortos, que não sucumbem às armas dos mortais? O fogo irá destruí-los, um pescoço quebrado os deixa indefesos, o bastão vodu atravessado neles os transforma em pó... mas, de que adianta? Como irei triunfar sobre as centenas, que assombam estas colinas, e para os quais a essência da vida humana é Vida? Não há, como diz Zunna, guerreiros que venham contra eles no passado, só para encontrá-los fugidos às suas cidades de muros altos, onde nenhum homem pode enfrentá-los?

A noite foi passando. Zunna dormiu, com o rosto apoiado em seu roliço braço juvenil. O rugido dos leões sacudia as colinas, e Kane continuava sentado, olhando pensativo para o fogo. Lá fora, a noite estava viva, com sussurros, farfalhares e suaves passos furtivos. E, às vezes, Kane, despertando de suas meditações, parecia captar o brilho de grandes olhos vermelhos além da luz trêmula da fogueira.

A aurora cinza estava se aproximando das pastagens, quando Kane

sacudiu Zunna para acordá-la.

- Deus tenha piedade de minha alma, por sondar magia bárbara – ele disse –, mas talvez o mal deva ser combatido com o mal. Eu lhe estendo o fogo, e me avise se acontecer alguma coisa adiante.

Kane se deitou de costas no chão arenoso, e pôs o bastão vodu sobre o peito, cruzando as mãos sobre ele. Caiu no sono instantaneamente. E, dormindo, ele sonhou. Em seu sono, ele parecia andar numa névoa espessa, e neste nevoeiro ele encontrou N'Longa. Este falou, e as palavras eram claras e vívidas, incutidas tão profundamente em sua consciência, que pareciam atravessar a brecha entre o sono e a vigília.

- Leve esta garota à sua aldeia, logo após o erguer do sol, quando os leões tiverem ido para suas tocas – disse N'Longa –, e mande-a trazer o amante dela para esta caverna. Lá, faça-o se deitar como que para dormir, agarrando o bastão vodu.

O sonho terminou e Kane acordou subitamente, surpreendido. Quão estranha e vívida fora a visão, e quão estranho ouvir N'Longa falando em Inglês sem dificuldade! Kane encolheu os ombros. Ele sabia que N'Longa afirmava ter o poder de enviar seu espírito através do espaço, e ele próprio já tinha visto o feiticeiro vodu animar o cadáver de um homem. Entretanto...

- Zunna. – disse Kane, deixando o problema de lado – Eu irei com você até a margem da selva, se preciso, e você deve prosseguir até sua aldeia, e voltar para esta caverna com seu amante.

- Kran? – ela perguntou singelamente.

- Não importa o nome. Coma, e depois vamos.

Mais uma vez, o sol se inclinava para oeste. Kane sentou-se na caverna, esperando. Ele vira a garota ir em segurança até o local onde a selva se misturava com as pastagens, e embora sua consciência lhe ardesse com o pensamento sobre os perigos que talvez pudessem fazer frente a ela, ele enviou-a sozinha e retornou à caverna. Ele agora estava sentado, se perguntando se não seria condenado ao fogo eterno por trabalhar com a magia de um feiticeiro negro, irmão de sangue ou não.

Passos leves soaram, e enquanto Kane buscava o mosquete, Zunna entrou, acompanhada por um jovem alto e bem proporcionado, cuja pele marrom mostrava que ele era da mesma raça que a garota.

Seus suaves olhos sonhadores estavam fixos em Kane, numa espécie de temerosa adoração. Evidentemente, a garota não havia atenuado esta nova

glória divina, em seu relato.

Ele mandou o jovem se deitar, enquanto colocava o bastão vodu nas mãos do mesmo. Zunna se agachou a um lado, com os olhos bem abertos. Kane deu um passo para trás, meio envergonhado com esta pantomima e se perguntando o que resultaria disso, se resultasse. Então, para seu horror, o jovem arfou e ficou rígido!



Zunna gritou, levantando-se de um só pulo:

- Você matou Kran! – ela guinchou, voando em direção ao inglês, que havia perdido subitamente a fala.

Então, ela parou repentinamente, tremulou, passou molemente a mão pela testa e escorregou pra baixo, para deitar-se com os braços ao redor do corpo inerte do amante.

E este corpo subitamente se moveu, fez movimentos a esmo com as mãos e os pés, e então se sentou, soltando-se dos braços da garota ainda

desacordada.

Kran ergueu os olhos para Kane, e sorriu – um sorriso astuto e esperto, que, de algum modo, não combinava com aquele rosto. Kane estremeceu. Aqueles olhos suaves haviam mudado de expressão, e agora estavam duros e cintilantes como os de uma serpente – os olhos de N’Longa!

- Ai ya. – disse Kran, numa voz grotescamente familiar – Irmão de sangue, você não ter saudação para N’Longa?

Kane estava quieto. Sua pele se arrepiava em rancor a si mesmo. Kran se ergueu e estirou os braços de forma não-familiar, como se seus membros fosse novos para ele. Ele deu um tapa de aprovação no próprio peito.

- Mim, N’Longa! – ele disse, com o velho modo fanfarrão – Poderos homem de ju-ju! Irmão de sangue, não me conhecer?

- Você é Satã. – disse sinceramente Kane – Você é Kran, ou você N’Longa?

- Mim, N’Longa. – assegurou o outro – Meu corpo dorme em cabana Juju na Costa, muito longe daqui. Eu tomar emprestado corpo de Kran por algum tempo. Meu espírito viaja marcha de dez dias num instante; marcha de vinte dias no mesmo tempo. Meu espírito sair de meu corpo e fazer sair o de Kran.

- E Kran está morto?

- Não, ele não está morto. Eu mandar temporariamente espírito dele para terra sombria. Mandar espírito da garota também, para mantê-lo acompanhado.

- Isto é trabalho do Demônio – disse Kane com franqueza –, mas eu já lhe vi fazendo coisas mais sórdidas. Devo lhe chamar de N’Longa ou Kran?

- Kran... hah! Mim, N’Longa... corpos são como roupas. Mim, N’Longa aqui, agora! – ele bateu no peito – Kran está vivo por aqui, então ele ser Kran e eu ser N’Longa, do mesmo jeito que antes. Kran não vive por agora N’Longa vive por este corpo camarada. Irmão de sangue, eu sou N’Longa!



Kane inclinou a cabeça. Esta era mesmo uma terra de horror e bruxaria, qualquer coisa era possível, inclusive que a voz fina de N'Longa tivesse que falar para ele, vinda do peito amplo de Kran, e os olhos serpentinos de N'Longa tivessem que mirá-lo, semicerrados, do belo rosto jovem de Kran.

- Esta terra eu conheço há muito tempo. - disse N'Longa, tocando no assunto - Poderosa ju-ju, estas pessoas mortas! Não é preciso desperdiçar um tempo amigo... Eu sei... eu falar com você em sonhos. Meu irmão de sangue quer eliminar estes camaradas mortos, hein?



- É uma coisa que contraria a natureza. – disse Kane sombriamente – Em minha terra, eles são chamados de vampiros. Eu nunca esperei atacar de surpresa uma nação inteira deles.

4) A Cidade Silenciosa

- Agora, nós encontrar a cidade de pedra. – disse N’Longa.

- É? Por que não envia seu fantasma, para matar estes vampiros? – perguntou Kane frivolumente.

- Fantasma tem que ter um corpo camarada para trabalhar. – respondeu N’Longa – Agora durma. Amanhã, nós começamos.

O sol havia se posto; o fogo ardia e tremulava na boca da caverna. Kane olhou rapidamente para a garota inerte, que estava deitada onde havia caído, e se preparou para dormir.

- Me acorde à meia-noite – ele avisou –, e então montarei guarda até o amanhecer.

Mas, quando N’Longa finalmente sacudiu-lhe o braço, Kane acordou para ver a primeira luz do amanhecer avermelhando a terra.

- Hora de começarmos. – disse o feiticeiro.

- Mas, e a garota... você tem certeza que está viva?

- Ela vive, irmão de sangue.

- Então, por Deus, nós não podemos deixá-la aqui, à mercê de qualquer demônio vagabundo que possa por acaso encontrá-la. Ou algum leão que possa...

- Nenhum leão chegar. Cheiro de vampiro ainda demorar, misturado com cheiro humano. Um camarada leão não gostar de cheiro humano, e temer os mortos que andam. Nenhum animal chegar, e – levantando o bastão vodú e deitando-o através da entrada da caverna – nenhum homem morto chegar aqui agora.

Kane o olhou sombriamente e sem entusiasmo.

- Como essa vara irá protegê-la?

- Aquilo, poderosa ju-ju. – disse N’Longa – Você ver como camarad vampiro vira pó junto daquele bastão! Nenhum vampiro se atrever a tocar ou chegar perto dele. Eu o dei para você, porque fora das Colinas dos Vampiros, um camarada homem às vezes encontrar um cadáver andando em selva quando sombras ficar negras. Nem todos os mortos que andam estar aqui. E todos têm de sugar Vida dos homens... senão apodrecem como madeira morta.

- Então, faça vários bastões como este, e arme o povo com eles.

- Não poder fazer! – a cabeça de N’Longa se sacudiu violentamente - Aquela vara ju-ju ser magia poderosa! Velha, velha! Nenhum homem vivo

hoje pode dizer que idade ter aquele bastão ju-ju. Eu fazer meu irmão de sangue dormir, e fazer magia com ela para protegê-lo, naquela hora que nós conversar na aldeia da Costa. Hoje, nós explorar e correr, não precisa dela. Deixe-a aqui, para proteger garota.

Kane encolheu os ombros e seguiu o feiticeiro, após olhar para trás, em direção à silhueta imóvel que estava deitada na caverna. Ele jamais concordaria em abandoná-la de forma tão irrefletida, se não acreditasse do fundo do coração que ela estava morta. Ele a havia tocado, e sua carne estava fria.

Eles subiram entre as colinas áridas, enquanto o sol nascia. Quanto mais subiam, mais a elevação argilosa ficava íngreme, serpenteando a passagem deles em ravinas e entre grandes matacões. As colinas se esburacavam em cavernas escuras e proibidas, e por estas eles passaram cautelosamente, e a pele de Kane se arrepiou, enquanto ele pensava nos pavorosos ocupantes desses lugares. Então, N'Longa disse:

- Eles vampiros, eles dormir em cavernas o dia todo até o pôr-do-sol. Elas cavernas, elas serem cheias de camaradas mortos.

O sol se erguia mais alto, retirando-se para os declives nus com um calor intolerável. O silêncio meditava como um monstro maligno sobre a terra. Eles não tinham visto nada, mas Kane seria capaz de jurar que às vezes uma sombra negra era levada pelo vento, atrás de um bloco de pedra, enquanto eles se aproximavam.

- Eles vampiros, eles estar escondidos de dia. – disse N'Longa, com uma risada baixa – Eles estar com medo de um camarada abutre! Não um abutre tolo! Eles conhecer morte quando a vêem! Eles saltar sobre camarada homem, e rasgar e comer se ele estiver deitado ou andando!

Um forte tremor se apossou de seu companheiro.

- Grande Deus! – gritou Kane, batendo com o chapéu na coxa – Não há fim para os horrores nesta terra hedionda? De fato, esta terra é dedicada aos poderes das trevas!

Os olhos de Kane arderam com uma luz perigosa. O terrível calor, a solidão e o conhecimento dos horrores que espreitavam estavam abalando até mesmo seus nervos de aço.

- Mantenha amigo chapéu, irmão de sangue. – avisou N'Longa, com um pequeno gorgulhar de brincadeira – Aquele camarada sol, ele matar você, melhor tomar cuidado.



Kane ergueu o mosquete que insistira em trazer, e não respondeu. Eles finalmente subiram uma colina, e viram sob eles uma espécie de planalto. E, no meio deste planalto, havia uma silenciosa cidade de pedra cinza e desagregada. Kane foi golpeado por uma sensação de incrível antiguidade, enquanto olhava. Os muros e as casas eram de grandes blocos de pedra, embora estivessem se tornando ruínas. A grama crescia no planalto e no alto das ruas daquela cidade morta. Kane não viu movimento algum por entre as ruínas.

- Essa é a cidade deles... Por que escolheram dormir nas cavernas?

- Talvez pedra camarada cair neles do teto e esmagar. Elas, cabanas de pedra, elas cair. Talvez eles não gostem de estarem juntos... talvez eles comam uns aos outros também.

- Silêncio! – sussurrou Kane – Como paira sobre tudo!

- Eles vampiros, não falam nem berram. Eles dormem nas cavernas, e perambulam ao pôr-do-sol e à noite. Talvez tribos-camaradas do matagal cheguem com lanças, e então vampiros ir para pedras e lutar atrás dos muros.

Kane inclinou a cabeça. Os muros desagregados que cercavam a cidade ainda eram altos e sólidos o bastante para resistirem ao ataque de lanceiros – especialmente quando defendidos por aqueles demônios com narizes em forma de focinho.

- Irmão de sangue! – disse N'Longa solenemente – Eu tenho idéia de poderosa magia! Fique em silêncio um pouco.

Kane se sentou num matacão, e olhou pensativo para os penhascos e encostas nuas que os cercavam. Lá longe, ao sul, ele viu o verde oceano de folhas que era a selva. A distância dava um certo encanto à cena. Bem mais perto, avultavam as manchas escuras que eram as bocas das cavernas de horror.

N'Longa estava acorado, fazendo um estranho desenho na argila com a ponta de uma adaga. Kane o observava, pensando quão facilmente eles poderiam ser vítimas dos vampiros, se apenas três ou quatro daqueles demônios sáissem de suas cavernas. E, enquanto o pensava, uma sombra negra e aterradora caiu sobre o feiticeiro.

Kane agiu inconscientemente. Atirou do bloco onde estava sentado, como uma pedra arremessada por uma catapulta, e a reserva de seu mosquete espatifou o rosto da coisa horrenda que havia se aproximado

deles. Cada vez mais para trás, Kane fazia seu rival inumano cambalear, nunca lhe dando tempo pra parar ou lançar uma ofensiva, espancando-o com a fúria de um tigre desvairado.



Na própria beirada do penhasco, o vampiro vacilou e então caiu para trás, de uma altura de 30 metros, para jazer contorcido nas rochas do planalto abaixo. N'Longa estava nas pontas dos pés: as colinas estavam abandonando seus mortos.

Fora das cavernas, estavam se aglomerando as terríveis e silenciosas silhuetas negras; do alto dos declives, eles vinham se arremessando e para o alto dos blocos eles vieram escalando. E seus olhos vermelhos estavam todos voltados para os dois humanos que se erguiam sobre a cidade silenciosa. As cavernas os vomitavam, num profano juízo final.

N'Longa apontou para um penhasco a pouca distância e, com um grito, começou a correr velozmente em direção ao mesmo. Kane o seguiu. No:

blocos atrás deles, mãos em forma de garras arranhavam em suas direções, rasgando-lhes as roupas. Eles atravessaram cavernas, e monstros mumificados vieram cambaleando da escuridão, tagarelando silenciosamente, para se juntarem à perseguição.

As mãos mortas estavam quase às suas costas, quando eles subiram a última inclinação e se ergueram sobre uma saliência que era o topo do penhasco. Os demônios pararam silenciosamente por um momento, e então vieram subindo atrás deles. Kane brandiu seu mosquete e despedaçou rostos com olhos vermelhos, tirando de ação as mãos saltitantes. Eles se erguiam como uma grande onda; ele balançava seu mosquete numa fúria silenciosa que competia com a deles. A onda quebrava e recuava; e avançava novamente.

Ele não conseguia matá-los! Estas palavras batiam em seu cérebro como o martelo de uma forja, enquanto ele espatifava carne dura como madeira e ossos mortos, com seus balanços esmagadores. Ele os derrubava, os arremessava para trás, mas eles se levantavam e avançavam novamente. Isto não podia demorar – o que, em nome de Deus, N'Longa estava fazendo? Kane dirigiu um rápido e angustiado olhar sobre o ombro. O feiticeiro estava na parte mais alta da saliência, com a cabeça virada para trás e os braços erguidos como que numa invocação.

A visão de Kane se manchou com o movimento veloz de rostos hediondos com arregalados olhos vermelhos. Os que estavam na frente eram agora horríveis de se ver, pois seus crânios estavam despedaçados, seus rostos desmoronados e seus membros quebrados. Mas eles ainda avançavam, e os que estavam atrás estendiam os braços através de suas costas, para agarrarem a homem que os desafiava.

Kane estava vermelho, mas o sangue era todo dele. Das longas veias definhadas daqueles monstros, nem uma só gota de sangue vermelho e quente escorria. Subitamente, atrás dele, veio uma longa parede perfurada – N'Longa! Acima do quebrar da veloz coronha do mosquete e do despedaçamento de ossos, soou alto e claro – a simples voz se erguia acima daquela luta hedionda.

A onda de vampiros fluía em volta dos pés de Kane, arrastando-o para baixo. Garras afiadas puxavam-no violentamente, lábios flácidos sugavam-lhe as feridas. Ele girou novamente para cima, desganhado e ensangüentado, abrindo espaço com uma varredura despedaçadora de seu mosquete estilhaçado. Então, eles se aproximaram novamente, e ele caiu.

“Este é o fim!”, pensou ele; mas mesmo naquele momento, a pressão diminuiu; e o céu foi subitamente preenchido pelo bater de grandes asas.

Então, ele estava livre e cambaleou para cima, cega e vertiginosamente, pronto para recomeçar a luta. Ele parou, petrificado. Declive abaixo, a horda vampira estava fugindo e, sobre suas cabeças e próximos às suas costas, voavam enormes abutres, que rasgavam e dilaceravam avidamente, afundando seus bicos na carne morta e devorando as criaturas enquanto estas fugiam.





Kane riu quase loucamente:

- Vocês desafiam os homens e a Deus, mas não enganam os abutres, filhos de Satã! Eles sabem se um homem está vivo ou morto!

N'Longa se ergueu como um profeta no pináculo, e os grandes pássaros negros voaram e giraram ao seu redor. Seus braços ainda ondulavam, e sua voz ainda pranteava através das colinas. E sobre as linhas do horizonte, eles vinham: hordas sobre hordas sem fim – abutres, abutres, abutres! – vinham sobre o banquete há muito negado a eles. Eles escureciam o céu com seus números, e eclipsavam o sol; uma estranha escuridão caiu sobre a terra. Eles se assentavam em longas linhas escuras, mergulhando nas cavernas com as asas zunindo e os bicos batendo ruidosamente. Suas garras rasgavam os horrores perversos que estas cavernas vomitavam.

Agora todos os vampiros estavam fugindo para a cidade deles. A vingança, contida durante eras, caíra sobre eles, e a última esperança que lhes restava eram as grossas paredes que haviam detido os desesperados inimigos humanos. Sob aqueles tetos desagregados, eles poderiam achar abrigo. E N'Longa observou-os fluírem para dentro da cidade, e riu até o penhascos ecoarem.

Agora, todos estavam dentro e os pássaros se instalavam feito uma nuvem sobre a cidade condenada, pousando em sólidas fileiras ao longo dos muros, apontando seus bicos e garras sobre as torres.

E N'Longa bateu pederneira e aço num molho de folhas secas que ele havia trazido. O molho ardeu instantaneamente em chamas, e ele arrumou e arremessou o objeto em chamas para bem longe dos penhascos. Ele caiu como um meteoro sobre o planalto embaixo, espirrando faíscas. A grama alta do planalto pegou fogo.

Da cidade silenciosa sob eles, o Medo fluíu em ondas invisíveis, como uma bruma branca. Kane sorriu impiedosamente.

- O capim está seco e frágil por causa da estiagem. – ele disse – Houve

menos chuva que o normal nesta estação. Ele queimará rapidamente.

Como uma serpente rubra, o fogo correu pela alta grama morta. Ele se espalhava e se espalhava, e Kane, se erguendo lá no alto, ainda sentia a intensidade medonha dos olhos vermelhos que miravam da cidade de pedra.

Agora, a serpente escarlate havia alcançado os muros e estava se erguendo, como que para se enrolar e contorcer sobre eles. Os abutres se ergueram com suas asas batendo pesadamente, e voaram relutantes. Uma rajada errante de vento fustigou a chama ao redor e dirigiu-a numa longa camada vermelha em volta da cidade. Agora, a cidade estava cercada por todos os lados, por uma sólida barreira de fogo. O estrépito chegou aos dois homens no alto do penhasco.



Faixas voavam através das paredes. Se acendendo na grama alta da:

ruas. Uma grande quantidade de chamas saltava e crescia com velocidade aterradora. Um véu vermelho vestia ruas e construções, e através desta bruma escarlate e rodopiante, Kane e N'Longa viram centenas de silhueta escuras correrem e se contorcerem, para desaparecerem subitamente em rubras explosões de fogo. Então, se ergueu um cheiro intolerável de carne podre queimando.

Kane observava, pasmado. Isto era mesmo um inferno na terra. Como num pesadelo, ele olhava para um ruidoso caldeirão vermelho, onde insetos escuros lutavam contra seus destinos e morriam. As chamas se erguiam a cem metros no ar, e subitamente, acima de seu ruído, soou um grito bestial e inumano, com um guincho vindo de golfos sem nomes com velocidade cósmica, como se um vampiro moribundo quebrasse as correntes do silêncio que o amarraram por séculos incontáveis. Alto e assombroso, ele se ergueu, como o grito da morte de uma raça moribunda.

Então, as chamas abaixaram repentinamente. O incêndio havia sido um típico fogo de palha, breve e feroz. Agora, o planalto exibia uma vastidão enegrecida, e a cidade era uma massa queimada e esfumaçada de pedra desagregada. Nenhum corpo foi visto, nem sequer um osso queimado. Acima de tudo aquilo, rodopiavam os bandos escuros de abutres, mas eles também estavam começando a se dispersar.

Kane olhou ansioso para o claro céu azul. Era, para ele, como um forte vento marinho clareando uma bruma de horror. De algum lugar, soou o fraco e distante rugido de um leão. Os abutres batiam asas para longe em negras filas irregulares.

5) Conferência Estabelecida!

Kane sentou-se na entrada da caverna, onde Zunna jazia, e entregou-se às ataduras do feiticeiro.

As roupas do puritano estavam completamente esfarrapadas; seus membros e peito tinham talhos profundos e contusões escuras, mas ele não havia tido nenhum ferimento fatal naquela luta mortífera sobre o penhasco.

- Homens poderosos, nós ser! – declarou N'Longa com profunda aprovação – Cidade vampira estar silenciosa agora, é bastante certo! Nenhum morto andante viver ao longo destas colinas.

- Eu não entendo. – disse Kane, apoiando o queixo na mão – Me diga N'Longa, como você fez aquelas coisas? Como conversou comigo em sonhos; como adentrou o corpo de Kran, e como convocou os abutres?

- Meu irmão de sangue. – disse N'Longa, descartando o orgulho que tinha de seu Inglês insignificante, para falar na linguagem do rio, entendida por Kane – Eu sou tão velho, que você me chamaria de mentiroso se eu lhe falasse minha idade. Por toda a vida, trabalhei com magia, primeiro me sentando aos pés dos poderosos homens de ju-ju do sul e do leste; então, eu fui um escravo para Buckra e aprendi mais. Meu irmão, irei atravessar todos estes anos num momento, e fazê-lo entender, com uma só palavra, aquilo que levei um longo tempo para aprender? Eu não conseguiria sequer fazê-lo entender como estes vampiros pouparam seus corpos da decomposição, ao beberem as vidas dos homens.

“Eu durmo, e meu espírito sai sobre as selvas para conversar com os espíritos adormecidos dos meus amigos. Há uma poderosa magia no bastão vodu que eu lhe dei... uma magia da Velha Terra, que puxa minha alma para ela, como o ímã do homem branco faz com metal”.



Kane escutava em silêncio, vendo pela primeira vez, nos olhos cintilantes de N'Longa, algo mais forte e mais profundo que o brilho ávido daquele que trabalha com magia negra. Para Kane, parecia quase como se ele olhasse os místicos olhos de visão distante de um profeta de tempos antigos.

- Eu falei com você em sonhos – prosseguiu N'Longa –, e fiz um sonho profundo cair sobre as almas de Kran e Zunna, removendo-as para uma obscura terra distante, da qual eles logo voltarão sem se lembrarem. Todas as coisas se curvam à magia, irmão de sangue, e feras e pássaros obedecem às palavras dos mestres. Eu trabalhei com forte vodu, magia de abutres, e o

povo alado do ar se reuniu ao meu chamado.

“Estas coisas eu sei, e sou uma parte delas, mas como irei lhe falar sobre elas? Irmão de sangue, você é um poderoso guerreiro, mas nos caminhos da magia, você é como uma criança pequena e perdida. O que me levou longos anos para saber, eu não posso divulgar para você, pois você não entenderia. Meu amigo, você só pensa em maus espíritos, mas minha magia foi sempre má? Eu não deveria tomar este excelente corpo jovem, no lugar do meu corpo velho e enrugado, e preservá-lo? Mas Kran logo terá seu corpo de volta, são e salvo.

“Guarde o bastão vodu, irmão de sangue. Ele tem enorme poder contra todos os feiticeiros, serpentes e coisas malignas. Agora, eu volto para a aldeia na Costa, onde meu verdadeiro corpo dorme. E quanto a você, irmão de sangue?”.

Kane apontou silenciosamente para o leste.

- O chamado cresce forte. Eu vou.

N'Longa inclinou a cabeça e estendeu a mão. Kane segurou-a. A expressão mística desaparecera do rosto do feiticeiro, e os olhos piscaram como os de uma cobra, com uma espécie de regozijo reptiliano.

- Mim ir agora, irmão de sangue. – disse o feiticeiro, voltando ao seu querido jargão, de cujo conhecimento ele tinha mais orgulho que seus artifícios de invocação – Tome cuidado... esta selva camarada, ela ainda arrancar seus ossos! Lembre do bastão vodu, irmão. Ai ya, conferência estabelecida!

Ele caiu para trás, na areia, e Kane viu a expressão aguda e astuta de N'Longa desaparecer do rosto de Kran. Sua pele se arrepiou novamente. Em algum lugar lá atrás, na Costa dos Escravos, o corpo de N'Longa, definhado e enrugado, estava se levantando, como que de um grande sono. Kane estremeceu.

Kran se sentou, bocejou, se espreguiçou e sorriu. Ao seu lado, a garota Zunna se levantou, esfregando os olhos.

- Mestre – disse Kran, se desculpando –, acho que dormimos.

Passos Atrás da Porta



Solomon Kane olhou sombriamente para a nativa que jazia morta aos seus pés. Era pouco mais que uma garota, mas seus membros devastados e olhos arregalados mostravam que ela havia sofrido muito, antes que a morte desse a ela um misericordioso alívio. Kane notou os ferimentos, feitos por correntes, em seus membros; as profundas queimaduras em suas costas e a marca do jugo em seu pescoço. Seus olhos frios tinham uma estranha intensidade, mostrando brilhos frios e luzes como nuvens que cruzam abismos de gelo.

- Eles chegaram até mesmo a esta terra solitária. - ele sussurrou - Eu não havia pensado...

Ele ergueu a cabeça e olhou para o leste. Pontos negros giravam contra o azul, traçando círculos.

- Os pássaros marcam sua trilha. - murmurou o inglês alto - A destruição lhes precede e a morte os segue. Envergonhai-vos, filhos da iniquidade, pois a ira de Deus está sobre vós. Os cordões foram tirados dos pescoços de ferro da matilha do ódio, e o arco da vingança está retesado. Sois orgulhosos e fortes, e as pessoas choram sob seus pés, mas o castigo vem na negrura da meia-noite e na vermelhidão da aurora.

Ergueu o cinto que segurava suas pesadas pistolas e o punhal afiado, tocou instintivamente a longa e estreita espada de dois gumes em seu

quadril, e seguiu furtiva, mas rapidamente, para o leste. Uma ira cruel ardia em seus olhos intensos, como vulcânicos fogos azuis sob léguas de gelo, e a mão, que agarrava seu longo bastão com cabeça de gato, se endureceu como ferro.

Após algumas horas de caminhada firme, chegou aos seus ouvidos a fila de escravos que serpenteava seu caminho laborioso através da selva. Os choros lastimosos dos escravos, os gritos e maldições dos condutores, e o estalar do açoite lhe chegaram claramente aos ouvidos. Mais uma hora, e ficou nivelado com eles; e, deslizando através da selva, em linha paralela ao caminho tomado pelos escravagistas, ele os observou em segurança. Kane havia lutado contra índios em Darien, e aprendera muito de sua experiência de vida em florestas.

Mais de cem nativos - homens e mulheres jovens - cambaleavam ao longo da trilha, completamente nus e unidos uns aos outros por cruéis jugos de madeira. Estes jugos, ásperos e pesados, se encaixavam sobre seus pescoços e os uniam de dois em dois. Os jugos, por sua vez, estavam unidos, formando uma longa cadeia. Dos condutores, quinze eram árabes e uns 70, guerreiros negros, cujas armas e fantástico vestuário mostravam que eles pertenciam a alguma tribo oriental - uma daquelas tribos subjugadas, islamizadas e feitas aliadas pelos conquistadores árabes.



Cinco árabes caminhavam à frente da fila, com uns 30 de seus guerreiros; e outros cinco cobriam a retaguarda com o restante dos guerreiros negros. Os demais marchavam ao lado dos escravos cambaleantes, apressando-os para diante com gritos e maldições, e com longos e cruéis chicotes que faziam jorrar sangue em quase cada golpe. Estes escravistas eram tão tolos quanto canalhas, refletiu Kane - menos da metade sobreviveria às privações da viagem até a costa. Ele se espantou com a

presença destes incursores, pois esta região ficava muito ao sul dos locais que eles normalmente freqüentavam. Mas a avareza pode levar os homens para longe, como o inglês sabia. Ele há muito havia se relacionado com gente daquela laia. Enquanto observava, velhas cicatrizes lhe queimaram nas costas - cicatrizes feitas por chicotes muçulmanos numa galé turca. E o ódio inapagável de Kane ardeu ainda mais profundamente.



O puritano continuou acompanhando seus inimigos, como um fantasma; e, à medida que deslizava através da selva, procurava por algum plano em seu cérebro. Como poderia ele triunfar contra aquela horda? Todos os árabes e muitos de seus aliados usavam armas de fogo - longos e pesados pavios, é verdade, mas também armas de fogo, suficientes para assustarem qualquer tribo de nativos que pudesse opor-se a eles. Alguns carregavam, em seus largos cinturões, longas pistolas com desenhos prateados, de feitio mais eficiente... espingardas de pederneira, de feitio mouro e turco.

Kane seguia como um fantasma pensativo, e sua raiva e ódio lhe devoravam a alma como um cancro. Cada estalar dos chicotes era como um golpe sobre seus próprios ombros. O calor e a crueldade dos trópicos fazem estranhas zombarias. Paixões comuns se tornam coisas monstruosas; a irritação cresce até uma fúria berserk; a ira se inflama até uma loucura inesperada, e homens matam numa névoa vermelha de fúria, e depois se sentem assombrados e horrorizados. A fúria que Solomon Kane sentia era suficiente, em qualquer momento e lugar, para sacudir um homem até seus alicerces, de modo que Kane tremia como se sentisse um calafrio; garras de ferro lhe arranhavam o cérebro, e ele via os escravos e escravistas através de uma bruma vermelha. Mas ele não poderia colocar sua insanidade, nascida do ódio, em ação, se não fosse por um desastre.

Uma das escravas, uma jovem esguia, subitamente vacilou e caiu ao chão, arrastando seu companheiro de jugo com ela. Um árabe alto, de nariz aquilino, gritou selvagememente e a açoitou depravadamente. Cambaleando, o companheiro dela se ergueu em parte, mas a garota continuou prostrada, se retorcendo debilmente sob o chicote, mas evidentemente incapaz de se erguer. Choramingava lamentavelmente por entre os lábios ressecados, e outros escravistas caíam sobre a carne trêmula dela, em açoites de sangrenta agonia.

Meia hora de descanso e um pouco de água a teriam revivido, mas os árabes não tinham tempo livre. Solomon, mordendo o próprio braço até os dentes entrarem na carne, enquanto lutava para se controlar, agradeceu a Deus pelos açoites terem parado, e se endureceu para suportar o rápido reluzir da faca que poria fim ao sofrimento da menina. Mas os árabes estavam dispostos a se divertirem. Já que a garota não lhes renderia benefício algum na praça do mercado, eles a utilizariam para seu próprio prazer... e o humor deles era do tipo capaz de transformar o sangue dos homens em água gelada.



Um grito do primeiro chicoteador, e os demais se aglomeraram ao redor, com seus rostos barbudos fendidos em sorrisos de deleite antecipado, enquanto seus selvagens aliados se agrupavam próximos, com os olhos lampejando. Os infelizes escravos perceberam as intenções de seus donos, e um coro de gritos lastimosos se ergueu deles.



Doente de horror, Kane também percebeu que a morte da garota não seria fácil. Ele sabia o que o muçulmano alto pretendia fazer, quando este se abaixou sobre ela com uma adaga afiada, como a que os árabes usavam para esfolar caça. A loucura derrotou o inglês. Dava pouco valor à própria vida, ele a arriscaria sem pensar pelo bem de uma criança pagã ou de um pequeno animal. Mesmo assim, não desperdiçaria sua única esperança de salvar os infelizes naquela cadeia de escravos. Mas ele agiu inconscientemente. Uma pistola fumegou em sua mão, e o carnicheiro alto estava caído sobre a poeira com os miolos escorrendo para fora da cabeça, antes que Kane percebesse o que havia feito.

Ele estava quase tão assombrado quanto os árabes, que ficaram congelados por um momento e logo estouraram numa mistura de gritos. Muitos ergueram suas toscas armas de pavio e dispararam suas balas pesadas, as quais atravessaram as árvores; e o restante, achando que estavam indubitavelmente emboscados, lideraram um temerário ataque

selva adentro. A ousada precipitação daquela manobra foi a ruína de Kane. Se eles hesitassem por mais um momento, ele teria desaparecido sem ser visto, mas do jeito que ele viu as coisas, não havia outra escolha, exceto ir abertamente ao encontro deles e vender sua vida tão caro quanto pudesse.

E, de fato, foi com certa fascinação feroz que ele encarou seus atacantes que uivavam. Eles pararam, subitamente assombrados, quando o inglês alto e sombrio saiu de trás de sua árvore; e, naquele instante, um deles foi morto pela bala restante da pistola de Kane no coração. Então, com gritos de fúria selvagem, se lançaram sobre seu desafiador solitário.

Solomon Kane apoiou as costas contra uma enorme árvore, e sua longa espada estreita desenhou uma roda brilhante ao seu redor. Um árabe, e três dos seus igualmente ferozes aliados, tentaram cortá-lo com suas pesadas lâminas curvas, enquanto o restante fazia redemoinhos ao seu redor, rosnando como lobos, enquanto tentavam enfiar lâmina ou bala sem mutilar a um dos seus.

A cintilante espada fina, de dois gumes, desviava as cimitarras sibilantes, e um árabe morreu perfurado por ela, cuja ponta parecia vacilar dentro de seu coração, antes de perfurar o cérebro de um guerreiro que brandia uma espada. Outro atacante deixou a espada cair e saltou para uma luta corpo-a-corpo. Foi estripado pelo punhal na mão esquerda de Kane, e os outros recuaram, subitamente assustados. Uma bala pesada se espatifou na árvore, perto da cabeça de Kane, e ele contraiu os músculos para saltar e morrer no auge da batalha. Então, o sheik deles os açoitou com seu longo chicote, e Kane o ouviu gritar ferozmente para seus guerreiros pegarem o infiel vivo. Kane respondeu à ordem com um súbito arremesso de seu punhal, o qual zumbiu tão próximo à cabeça do sheik, que lhe rasgou o turbante e entrou fundo no ombro de alguém atrás dele.

O sheik sacou suas pistolas com desenhos prateados, ameaçando matar seus próprios homens se eles não pegassem aquele oponente feroz, e os mesmos atacaram desesperadamente de novo. Um dos guerreiros caiu em cheio sobre a espada de Kane, e um árabe atrás dele, com impiedosa habilidade, empurrou subitamente o vociferante infeliz para a arma à sua frente, atravessando-lhe o corpo contorcido na espada até o cabo, obstruindo a lâmina. Antes que Kane pudesse puxá-la, a matilha se lançou sobre ele, com um grito de triunfo, e o derrubou com o simples peso dos números. Enquanto era agarrado por todos os lados, o puritano desejou em vão ainda empunhar a adaga da qual havia se desfeito. Mas, mesmo assim,

não foi nada fácil dominá-lo.

Sangue era salpicado, e rostos afundavam sob seus punhos, que estilhavam dentes e despedaçavam ossos. Um guerreiro se afastou cambaleando, inabilitado por uma perversa joelhada na virilha.

Mesmo quando o tiveram completamente estendido e imobilizado pelo peso dos homens, sem poder golpear com mãos nem pés, seus longos dedos delgados afundaram ferozmente através de uma barba emaranhada, para se fecharem ao redor de uma garganta musculosa, num aperto que precisou do poder de três homens fortes para desfazê-lo, e que deixou a vítima arfando e com o rosto esverdeado.



Por fim, arfando pelo terrível esforço, eles lhe amarraram mãos e pés, e o sheik, enfiando suas pistolas de volta no cinto de seda, se aproximou a passos largos e ficou olhando para seu cativo. Kane ergueu o olhar para aquela figura alta e esguia, para aquele rosto aquilino de negra barba encaracolada e arrogantes olhos castanhos.

- Sou o sheik Hassim ben Said. - disse o árabe - Quem é você?

- Meu nome é Solomon Kane. - grunhiu o puritano, na mesma linguagem que o sheik - Sou um inglês, seu chagal pagão.

Os olhos escuros do árabe brilharam com interesse.

- Suleiman Kahani, - disse ele, dando o equivalente árabe do nome inglês:
- Já ouvi falar em você... você combateu os turcos numa ocasião, e os corsários berberes já lambeiram as feridas por causa de você.

Kane se dignou a não responder. Hassim encolheu os ombros.

- Você me trará um ótimo preço. - ele disse - Talvez eu lhe leve para Istambul, onde os xás desejariam um homem como você entre os escravos deles. E agora me lembro de um certo Kemal Bey, que tem o rosto cruzado por uma profunda cicatriz do seu feitio e que amaldiçoa o nome do inglês. Ele me pagará um alto preço por você. E note, ó franco, que lhe concedo a honra de lhe designar uma guarda separada. Você não andarás acorrentado ao jugo, mas livre, exceto por suas mãos.

Kane não respondeu; e, a um sinal do sheik, foi erguido de pé e suas amarras soltas, exceto pelas mãos, que foram firmemente atadas às costas. Um laço forte lhe foi preso ao pescoço, e sua outra extremidade foi posta na mão de um enorme guerreiro, que levava uma grande cimitarra curva na mão livre.

- E agora, o que achas da minha consideração com você, franco? - perguntou o sheik.

- Acho - respondeu Kane, num tom lento, profundo e ameaçador - que eu trocaria a salvação de minha alma para enfrentar você e sua espada, só e desarmado, e lhe arrancar o coração do peito com meus dedos nus.

Tão concentrado era o ódio em sua intensa voz ressoante, e tão primitiva e indomável a fúria que ardia em seus olhos terríveis, que o endurecido e destemido chefe empalideceu e involuntariamente recuou, como se estivesse diante de uma fera enlouquecida.

Logo, Hassim recuperou sua pose e, com uma breve palavra aos seus seguidores, seguiu a passos largos para a frente da comitiva. Kane notou, agradecido, que a trégua, ocasionada por sua captura, tinha dado, à garota que havia caído, uma chance de descansar e sobreviver. A faca de esfolar não havia tido tempo de fazer mais do que tocá-la; ela era capaz de seguir cambaleando. A noite não estava longe. Logo, os escravistas seriam forçados a pararem e acamparem.

O inglês foi forçado a continuar a viagem, com seu guarda a poucos passos atrás dele, com uma enorme lâmina sempre pronta. Kane também notou, com um toque de sombria futilidade, que mais três guerreiros marchavam próximos a ele, com os mosquetes preparados e os arcabuzes

acesos. Haviam lhe experimentado a bravura, e não iam se arriscar. As armas dele haviam sido recuperadas, e Hassim havia prontamente se apropriado de todas, exceto o bastão ju-ju com cabeça de gato. Este havia sido desdenhosamente lançado para um lado por ele, e pego por um dos guerreiros selvagens.

O inglês logo percebeu que um delgado árabe de barba cinza caminhava ao seu lado. Este árabe parecia deseioso em conversar, mas era estranhamente tímido, e a fonte de sua timidez parecia ser, de forma bastante curiosa, o bastão ju-ju que ele havia tomado do homem que o pegara do chão, e ao qual agora ele virava, incerto, com as mãos.



- Sou Yussef, o H adji. - disse subitamente este árabe - Nada tenho contra você. Não participei do ataque contra você, e gostaria de ser seu amigo, se você permitir. Diga-me, franco, de onde vem este bastão, e como foi que ele chegou às suas mãos?

A primeira vontade de Kane foi de mandar seu interrogador ao inferno, mas uma certa sinceridade na atitude do velho homem lhe fez mudar de opinião e responder:

- Foi dado a mim por um irmão de sangue... um mago da Costa dos Escravos, chamado N'Longa.

O velho árabe assentiu e murmurou algo para si, e logo mandou que um guerreiro corresse para diante, a fim de pedir que Hassim voltasse. Logo, o sheik alto se aproximou a passos largos, ao longo da lenta coluna, com um retinir de adagas e sabres, e com o punhal e pistolas de Kane enfiados no largo cinturão.

- Veja, Hassim - o velho árabe mostrou o bastão -, você o arremessou para longe sem saber o que fazia!

- E daí? - rosnou o sheik - Não vejo mais do que um bastão... de ponta afiada e com a cabeça de um gato na outra extremidade... um bastão com estranhos entalhes pagãos.



O mais velho o sacudiu, empolgado:

- Este bastão é mais velho que o mundo! Possui uma magia poderosa! Já li sobre ele nos livros encadernados a ferro, e o próprio Maomé... às custas de sua própria paz... falava dele através de alegorias e parábolas! Está vendo a cabeça de gato sobre ele? É a cabeça de uma deusa do antigo Egito. Era: atrás, antes dos ensinamentos de Maomé, antes da existência de Jerusalém, os sacerdotes de Bast seguravam esta vara diante dos inclinados adoradores cantantes!

Com ele, Musa fez maravilhas diante do faraó e, quando os judeus fugiram do Egito, o levaram com eles. E, durante séculos, foi o cetro de Israel e Judá; e, com ele, Suleiman ben Daoud expulsou os prestidigitadores e

magos, e aprisionou os afrits² e os gênios malignos! Olhe! Mais uma vez, nas mãos de um Suleiman, nós encontramos a antiga vara!

O velho Yussef havia discursado num fervor quase fanático, mas Hassim simplesmente encolheu os ombros:

- Ele não salvou os judeus da escravidão, nem este Suleiman de nosso cativo. - disse - Não dou mais valor a ele do que à longa lâmina fina, com a qual liberou as almas de três de meus melhores espadachins.

Yussef sacudiu a cabeça:

- Sua zombaria não lhe trará um bom fim, Hassim. Algum dia você encontrará um poder que não se dividirá diante de sua espada, nem cairá diante de suas balas. Guardarei o bastão comigo, e lhe aviso: não abuse do franco. Ele carregava o sagrado e terrível bastão de Suleiman, Musa e o faraós, e quem sabe qual magia tirou dele? Pois ele é mais velho que o mundo, e conheceu as mãos terríveis de estranhos sacerdotes pré-adamitas, em cidades silenciosas sob o mar; e extraiu, de um Mundo Ancestral, mistério e magia inimaginados pela humanidade. Havia estranhos reis e sacerdotes, quando as auroras eram jovens, e o mal existia, mesmo em sua época. E, com este bastão, combateram o mal, que já era antigo quando o mundo era jovem, há tantos milhões de anos, que um homem se estremeceria ao contá-los.



Hassim respondeu impacientemente e se afastou a passos largos, com o velho Yussef o seguindo persistentemente e tagarelando em tom queixoso. Kane estremeceu os ombros poderosos. Com o que sabia dos estranhos poderes daquele estranho bastão, ele não era ninguém para questionar as informações daquele ancião, por mais fantásticas que parecessem.

Isso ele sabia: que era feito de uma madeira que já não existia em nenhum lugar da terra. Não precisava mais do que a prova proporcionada pela visão e toque, para perceber que aquele material havia crescido em algum mundo à parte. O delicado feitio da cabeça, de uma era pré-piramidal, e os hieróglifos, símbolos de uma linguagem que já era esquecida quando Roma era jovem - isto, Kane sentia, eram adições tão modernas à antiguidade do próprio bastão quanto seriam palavras inglesas entalhadas nos monólitos de pedra de Stonehenge.

Quanto à cabeça de gato... ao olhá-la, Kane tinha às vezes uma sensação peculiar de mudança; uma vaga impressão de que outrora o punho do

bastão foi entalhado com um desenho diferente. O antiqüíssimo egípcio, que talhara a cabeça de Bast, havia apenas alterado a figura original; e o que havia sido essa figura, Kane nunca havia tentado imaginar. Um exame atencioso naquele bastão sempre despertava uma inquietante e quase vertiginosa sugestão de abismos de eons, a qual desestimulava especulações posteriores.

O dia passou. O sol caía impiedosamente; e logo se abrigava nas grandes árvores, enquanto se inclinava em direção ao horizonte. Os escravos sofriam ferozmente por falta de água, e uma lamúria constante se erguia de suas filas, enquanto cambaleavam cegamente para diante. Alguns caíam e continuavam, meio rastejando, e eram meio arrastados por seus cambaleantes companheiros de cativeiro. Quando todos estavam vergados de exaustão, o sol se pôs, a noite caiu e uma parada foi ordenada. Foi armado o acampamento e destacados postos de guarda. Os escravos foram escassamente alimentados e lhes foi dada água suficiente para mantê-los vivos - mas só isso. Seus grilhões não foram soltos, mas lhes foi permitido se deitarem como pudessem. Com suas medonhas fomes e sedes tendo sido um pouco aplacadas, agüentaram o desconforto de suas algemas com seu estoicismo característico.



Kane foi alimentado sem que suas mãos fossem desamarradas, e lhe foi dada toda a água que ele queria. Os olhos pacientes dos escravos os observavam beber, silenciosamente, e ele se sentiu profundamente

envergonhado em beber sofregamente aquilo pelo qual outros sofriam; parou de beber, antes que sua sede fosse totalmente saciada. Uma ampla clareira havia sido escolhida, e em todos os seus lados, se erguiam árvores gigantescas. Após os árabes terem comido, e enquanto os muçulmanos negros ainda cozinhavam sua comida, o velho Yussef se aproximou de Kane e começou a falar novamente sobre o bastão. Kane respondeu suas perguntas com admirável paciência, considerando o ódio que tinha por toda a raça à qual o Hadji pertencia. E, durante a conversa, Hassim se aproximou a passos largos e ficou olhando-os com desdém. Hassim, Kane refletiu, era o próprio símbolo do islamismo militante - audaz, temerário, materialista, e sem poupar nem temer a nada, tão seguro do próprio destino e tão desdenhoso com o direito dos outros quanto o mais poderoso rei ocidental.



- Divagando novamente sobre esta vara? - ele zombou - Hadji, você está ficando infantil em sua velhice.

A barba de Yussef tremeu de raiva. Ele agitou o bastão diante de seu sheik, como uma ameaça maligna.

- Seu sarcasmo é pouco adequado ao seu posto, Hassim. - ele disse bruscamente - Estamos no coração de uma terra sombria e assombrada por demônios, para a qual os demônios da Arábia foram banidos, há muito tempo. Se esse bastão, ao qual qualquer um, exceto um tolo, pode reconhecer que não é uma vara de qualquer mundo conhecido, existiu até os nossos dias, quem sabe quais outras coisas, tangíveis ou intangíveis, podem ter existido ao longo das eras? Esta própria trilha que seguimos... você sabe qual a idade dela? Os homens já a seguiam, antes que os seljúcidas viessem do leste, e os romanos, do oeste. Sobre esta mesma trilha, dizem as lendas, veio o grande Suleiman, quando ele expulsou os demônios da Ásia para o oeste e os encarcerou em estranhas prisões. E você dirá...

Um grito feroz o interrompeu. Das sombras da selva, um guerreiro saiu correndo como se fugisse dos cães-de-caça do Destino. Com os braços se agitando selvagemmente, os olhos revirados até mostrar as partes brancas, e a boca aberta a ponto de todos os dentes brilhantes estarem visíveis, ele representava uma imagem de total terror, difícil

de ser esquecida. A horda muçulmana se ergueu de um pulo, se apoderando de suas armas, e Hassim praguejou:

- É Ali, a quem envie para buscar carne... talvez um leão...

Mas nenhum leão seguia o homem que caiu aos pés de Hassim, vociferando de forma inarticulada e apontando ferozmente para a selva negra atrás dele, da qual os tensos espectadores esperavam sair algum horror capaz de abalar o cérebro.

- Ele diz que encontrou um estranho mausoléu na selva - disse Hassim, franzindo a testa -, mas não consegue dizer o que o assustou. Só sabe que um grande horror o inundou e o fez fugir. Ali, você é um idiota e um canalha.

Ele chutou perversamente o selvagem que se arrastava, mas os outros árabes o cercaram com certa incerteza. O pânico estava se espalhando por entre os guerreiros nativos.

- Eles fugirão, apesar da nossa presença. - murmurou um árabe barbudo, olhando desconfortavelmente para os aliados nativos, os quais se moviam em círculos, falavam confusa e agitada, e lançavam olhares temerosos por cima dos ombros - Hassim, seria melhor se andássemos mais algumas milhas. Afinal, este é um lugar maligno e, apesar deste tolo do Ali ter se assustado com sua própria sombra... ainda assim...

- Ainda assim - zombou o sheik -, todos vocês se sentirão melhor quando o deixarmos para trás. Muito bem; para acalmar seus medos, levantarei acampamento... mas primeiro darei uma olhada nessa coisa. Levantem os escravos; vamos adentrar a selva e passar por esse mausoléu; talvez haja algum grande rei enterrado lá. Ninguém terá medo se todos nós formos armados.

Assim, os escravos exaustos foram acordados sob chicotadas e voltaram a andar cambaleando sob os açoites. Os aliados nativos seguiam, silenciosos e nervosos, obedecendo relutantemente à vontade implacável de Hassim, mas apinhados perto dos árabes. A lua havia se erguido - cheia, vermelha e taciturna -, e a selva estava banhada num sinistro brilho prateado que desenhava sombras negras nas árvores taciturnas. O trêmulo Ali apontou o caminho, um pouco tranqüilizado pela presença de seu selvagem amo. E assim, atravessaram a selva, até chegarem a uma estranha clareira, entre as árvores gigantescas - estranha porque nada crescia ali. As árvores a cercavam de uma maneira inquietantemente simétrica, e nenhum líquen ou musgo crescia na terra, a qual parecia ter sido secada e arruinada de forma estranha. E, no meio desta clareira, se erguia o mausoléu.

Era uma grande massa melancólica de pedra, rica em antiga maldade. Parecia morta com a morte de cem séculos, mas Kane percebia que o ar pulsava ao redor dela, como se com a lenta respiração inumana de algum gigantesco monstro invisível.



Os aliados nativos dos árabes recuaram murmurando, atacados pela atmosfera maligna do local. Os escravos aguardavam num grupo paciente e silencioso sob as árvores. Os árabes seguiram em direção à carrancuda massa negra, e Yussef, pegando a corda de Kane da mão do guarda, levou o inglês com ele como se fosse um ríspido mastim, como que para se proteger contra o desconhecido.

- Algum poderoso sultão, sem dúvida, jaz aqui. - disse Hassim, batendo de leve na pedra com a bainha de sua espada.

- De onde vêm estas pedras? - murmurou Yussef, incomodado - São de

aspecto obscuro e desagradável. Por que um sultão seria enterrado em grande pompa, tão longe de qualquer habitação humana? Se houvesse ruínas de uma velha cidade por aqui, seria diferente...

Ele se inclinou, para examinar a pesada porta de metal e sua enorme fechadura, curiosamente selada e fundida. Ele sacudiu a cabeça, com um mau pressentimento ao perceber os antigos caracteres hebraicos entalhados na porta.



- Não os consigo ler - ele disse, com voz trêmula -, e talvez seja melhor que eu não consiga. Sejam quem for os antigos reis encerrados aqui, não é bom que os homens os perturbem. Hassim, vamos sair daqui. Este lugar está cheio de maldade para os filhos dos homens.

Mas Hassim não lhe deu atenção.

- Quem jaz lá dentro não é filho do Islã. - ele disse - E por que não devemos despojá-lo das jóias e riquezas que, indubitavelmente, foram postas para descansar com ele? Vamos arrombar esta porta.

Alguns dos árabes sacudiram as cabeças, incertos, mas a palavra de Hassim era lei. Chamando para si um enorme guerreiro que empunhava um pesado martelo, lhe ordenou que arrombasse a porta.

Quando o homem ergueu o malho, Kane soltou uma abrupta exclamação. Estava louco? A aparente antiguidade desta massa melancólica de pedra era a prova de que havia permanecido imperturbada por milhares de anos. Mas ele poderia jurar ter ouvido os sons de passos lá dentro! Soavam calmamente, para a frente e para trás, como se algo andasse compassadamente nos confins estreitos daquela prisão medonha, numa eterna monotonia de movimento.

Uma mão fria tocou a espinha de Solomon Kane. Se os sons eram registrados em seu ouvido consciente, ou em alguma profundidade insondada da alma, ele não conseguia dizer, mas sabia que, em algum lugar de sua consciência, ressoavam os passos pesados de pés monstruosos, desde o interior daquele mausoléu medonho.



- Pare! - ele exclamou - Hassim, eu posso estar louco, mas ouço os passos de algum demônio dentro dessa pilha de pedra.

Hassim ergueu a mão e deteve o martelo erguido. Escutou atentamente, e os outros aguçavam os ouvidos, num silêncio que subitamente ficou tenso.

- Não ouço nada. - grunhiu um gigante barbudo.

- Nem eu. - respondeu rapidamente um coro - O franco está louco!

- Ouves alguma coisa, Yussef? - perguntou Hassim sardonicamente. O velho Hadji se moveu nervoso. Seu rosto não estava tranqüilo.

- Não, Hassim. Todavia, não...

Kane concluiu que deveria estar louco. Mas, em seu íntimo, sabia que nunca esteve tão ajuizado, e sabia, de algum modo, que este aguçamento oculto dos sentidos mais profundos, que o colocava à parte dos árabes, vinha de uma longa associação com o bastão ju-ju, ao qual Yussef agora segurava em suas mãos trêmulas.

Hassim riu asperamente e fez um gesto para o guerreiro. O martelo caiu

com um estrondo, que ressoou de forma ensurdecidora e vibrou através da selva negra numa estranhamente alterada gargalhada convulsiva. Outra vez... outra vez... e outra vez, o martelo caiu, impulsionado por todo o poder de músculos em atividade e corpo poderoso. E, entre os golpes, Kane ainda ouvia aquele caminhar pesado, e ele, que nunca conhecera o medo como os homens conhecem, sentiu a mão fria do terror lhe agarrar o coração. Este medo estava tão à parte do medo terreno ou mortal, quanto o som das pisadas estava dos passos de um mortal. O medo de Kane era como um vento frio soprando nele, desde reinos exteriores de inimaginada Escuridão, levando a ele o mal e a decadência de uma época sobrevivente e de um impronunciável período antigo. Kane não tinha certeza se ouvia aqueles passos, ou se os sentia através de um vago instinto. Mas ele estava certo de sua realidade. Não era o caminhar de um homem, nem o de um animal; mas, dentro daquele negro e espantosamente antigo mausoléu, alguma coisa sem nome se movia, sacudindo-se de forma desagradável e com passos de elefante.

O poderoso guerreiro suava e ofegava com a dificuldade de sua tarefa. Mas, finalmente, sob os pesados golpes, a antiga tranca se despedaçou; as dobradiças se partiram e a porta se abriu bruscamente para dentro. E Yussef gritou.

Daquela negra entrada aberta, não saltou nenhuma fera com presas de tigre, nem demônio de carne sólida e sangue. Mas um fedor medonho fluiu para fora, aos vagalhões, em ondas quase tangíveis; e, num enlouquecedor e voraz movimento rápido, pelo qual a porta aberta parecia jorrar sangue, o Horror estava sobre eles. Ele envolveu Hassim, e o destemido chefe golpeando em vão aquele terror quase intangível, gritou com um súbito e desacostumado terror, enquanto sua cortante cimitarra assobiava apenas através de uma matéria tão vazia e invulnerável quanto o vento, e ele se sentiu envolto por espirais de morte e destruição.

Yussef guinchou como uma alma penada, deixou cair o bastão ju-ju e se juntou aos seus companheiros que corriam selva adentro em fuga louca, precedidos por seus aliados uivantes. Só os escravos não fugiram, permanecendo algemados ao seu destino e chorando de terror. Como num pesadelo de delírio, Kane viu Hassim balançando como um junco ao vento, envolvido por uma gigantesca e pulsante Coisa vermelha, a qual não tinha forma nem substância terrena. Então, quando o estalar de ossos quebrados chegou até ele, e o corpo do sheik se dobrou como palha sob um casco

tritador, o inglês rompeu suas amarras com um esforço vulcânico, e pegou o bastão ju-ju.

Hassim estava caído, esmagado e morto, esparramado como um brinquedo quebrado, com os membros destroçados e tortos; e a Coisa vermelha e pulsante cambaleava em direção a Kane, como uma espessa nuvem de sangue no ar, a qual mudava continuamente de forma e contorno; e ainda assim, caminhava pesadamente, como se estivesse sobre duas pernas monstruosas!



Kane sentiu os dedos frios do medo lhe agarrarem o cérebro, mas ele se firmou e, erguendo o antigo bastão, golpeou com toda a força no centro daquele Horror. E sentiu uma inominável substância imaterial encontrar e recuar diante do bastão cadente. Então, ele foi quase estrangulado pela explosão nauseante de fedor profano que inundou o ar e, em algum lugar, lá no fundo dos horizontes obscuros da consciência de sua alma, ressoou

intoleravelmente um disforme cataclismo horrendo, o qual ele sabia ser o grito de morte do monstro. Pois este estava caído e morrendo aos seus pés, com seu escarlate empalidecendo em lentos vagalhões, como o erguer e recuar de ondas vermelhas em alguma costa repugnante. E, ao empalidecer, o grito silencioso diminuiu, em direção a distâncias cósmicas, como se desaparecesse dentro de alguma esfera distante e afastada, além da percepção humana.

Atordoado e incrédulo, Kane desceu o olhar para uma massa disforme e incolor - quase invisível - aos seus pés, a qual ele sabia ser o cadáver do Horror, lançado de volta aos reinos escuros do qual viera, por um único golpe do bastão de Solomon. Sim, o mesmo bastão, Kane sabia, que nas mãos de um poderoso rei e mago, havia, eras atrás, lançado o monstro para dentro daquela estranha prisão, para aguardar até o dia em que mãos ignorantes o libertassem novamente sobre o mundo.

Então, os velhos contos eram verdade, e o Rei Salomão havia realmente expulsado os demônios para oeste e aprisionado-os em estranhos lugares. Por que ele os deixou viver? Seria a magia humana fraca demais, naqueles dias obscuros, para fazer mais do que subjugar os demônios? Kane estremeceu os ombros, assombrado. Ele não entendia nada de magia, mas havia matado o que o outro Solomon só havia aprisionado.

E Solomon Kane estremeceu, pois tinha visto uma Vida que não era a Vida como ele conhecia, e havia causado e testemunhado uma Morte, que não era a Morte como conhecia. A compreensão chegou até ele, como havia feito nos salões empoeirados da Negari atlante, como nas detestáveis Colinas dos Mortos, como em Akaana - de que a vida humana era apenas uma entre mil formas de existência, de que existiam mundos dentro de outros mundos, e que existia mais de um plano de existência. O planeta, ao qual os homens chamam de Terra, girava através de eras incalculáveis - Kane percebia -, e ao girar, produzia Vida, e seres vivos que rastejavam ao redor dele, como larvas produzidas pela podridão e corrupção. O homem era agora a larva dominante. Por que ele haveria de supor, em seu orgulho, que ele e seus auxiliares eram as primeiras larvas, ou as últimas a governarem um planeta animado por vida desconhecida? Ele sacudiu a cabeça, olhando com novo assombro para o antigo presente de N'Longa, vendo-o finalmente, não como uma simples ferramenta de magia negra, mas como uma espada de bondade e luz eterna contra os poderes do mal inumano. E foi sacudido com uma estranha reverência por ele, a qual era quase medo. Logo, se inclinou em

direção à Coisa aos seus pés, estremeando ao sentir-lhe a estranha massa deslizar entre seus dedos, como fragmentos de névoa espessa. Ele empurrou o bastão sob ela e, de alguma forma, ergueu e empurrou a massa de volta ao mausoléu, e fechou a porta.

Logo, ficou contemplando o corpo estranhamente mutilado de Hassim, notando como estava manchado de limo repugnante, e como já começava a se decompor. Ele estremeceu de novo, e subitamente uma voz baixa e tímida o despertou de suas meditações sombrias. Os cativos estavam ajoelhados sob as árvores, e observavam com grandes olhos pacientes. Com um sobressalto, se livrou de seu estranho humor. Tirou, do cadáver embolorado, as próprias pistolas, punhal e espada, sacudindo-os para limpar a sujeira aderente que já estava manchando o aço com ferrugem. Ele também pegou uma porção de pólvora e balas, as quais os árabes haviam deixado cair em sua fuga frenética. Sabia que não retornariam mais. Talvez morressem em sua fuga, ou talvez alcançassem a costa através de léguas intermináveis de selva; mas não voltariam para enfrentar o terror daquela horrível clareira.

Kane se aproximou dos escravos desventurados e, após alguma dificuldade, os libertou.

- Peguem as armas, as quais os guerreiros deixaram cair em sua pressa. - ele disse -, e voltem para casa. Este é um lugar maligno. Voltem às suas aldeias e, quando os próximos árabes vierem, prefiram morrer nas ruínas de suas cabanas do que serem escravos.

Então, eles estavam prestes a se ajoelharem e beijarem seus pés, mas ele, bastante confuso, os proibiu asperamente. Logo, quando se preparavam para ir, um deles lhe falou:

- Mestre, o que farás? Não queres retornar conosco? Tu serás nosso rei!

Mas Kane negou com a cabeça.

- Vou para o leste. - ele disse.

E assim, o povo das tribos se inclinou em direção a ele, e deu a volta para iniciar o longo caminho de volta ao lar. E Kane lançou ao ombro o bastão que havia sido o cetro dos faraós, de Moisés, de Salomão e dos anônimos reis atlantes que os precederam; e virou o rosto para leste, parando apenas para olhar rapidamente para trás, em direção ao grande mausoléu que outro Solomon havia construído com estranhas artes, há muito tempo atrás, e que agora avultava escuro e eternamente silencioso em direção às estrelas.



O Regresso a Casa de Salomão Kane

(*adaptação livre da ESC 27*)

*Alvas gaivotas rondavam as rochas
densas escumas açoítavam o ar.
As ondas se erguiam qual chama de tochas
quando Salomão Kane retornou ao lar.*

*Recluso em silêncio, hirto seu passo
Sondado sondava Devon, sua cidade.*

*Imerso em Memórias de um
tempo já escasso, ardia em
seu peito sufocante saudade*

*A taverna abrigou-o em verdade descrente:
"Seria mesmo Kane, o guerreiro do Senhor
o bravo ser altivo, de pureza evidente,
que honrava aquele teto com seu grande valor?"*

*Erguendo sua caneca em brinde a Deus
Saudou Salomão a todos os seus,
E quebrando o silêncio que até agora fizera,
narrou de imediato o que de fato ocorrera:*

*“Jamais esquecerei o dia terrível...
Liderando sua nau, esquecendo o perigo,
Sir Richard Grenville empreendeu o impossível
No intento absurdo de enfrentar o inimigo ! “*

*“A cada aurora rubra
que os dias traziam,
nossa luta renhida
jamais recuava !
Corpos mutilados
o convés recobriam
banhados pelo sangue
que a morte espalhava !”*

*“ Inevitável então, a tragédia consumada
ornou de destroços a maré agitada.
E mostrando a todos que por fim triunfou,
a morte implacável Sir Grenville arrebatou !”*

*Partidas as nossas
extenuadas espadas,
sem líder a brava
e fiel tripulação...”*

*“Extinguiu-se aos poucos a empresa malfadada
e viu seu fim a portentosa embarcação ! “*

“Onde estará Bess ? “, indagou então Kane.

“Como dela lágrimas pude eu arrancar ? “

*Pertence ela agora ao frio
cemitério, que qual eremitério
a irá sempre abrigar !”*

*O vento lá fora uivava
quando então numa pausa
baixou seu olhar
o triste puritano...*

*“A morte não vê homem,
mulher ou causa ...
Esse é o terrível
fado humano ! “*

*“Eu vi a magia
negra
em desnudos paragens ...”*

*“Vi bruxos
evocarem
pavorosas
imagens !”*

*“Conheci também, um dia,
a imortal soberana
de uma cidade antiga como a morte !
Reinando solitária, com o
demônio, seu consorte,
ocupava ela o altar de
divindade profana !”*

*“Seu beijo expelia um negro veneno
ainda que ao paladar lembrasse néctar puro,
E cada vil vassalo do macabro reino escuro
Vivia qual zumbi a adorar o deus obsceno ! “*

*“Combati formas vampiras
que todos a vida sugavam
E atravessei colinas vazias
onde, à noite, só os mortos vagavam !”*

“Contemplei um sem-número

*de crânios cortados,
espalhados pela terra.*

*Tão árida e nua,
e o voo devasso
de demônios alados
de encontro ao clarão
da pálida lua !”*

*“Tenho os pés cansados de vagar.
E o tempo passa, eu bem sei !
Eu poderia em Devon me fixar
e cultivar as raízes que deixei*

*Nisso, o oceano
rugiu num rompante.
Pôs fim ao devaneio
de Solomon Kane
e Indicou-lhe o destino
que o esperava adiante*

*Sem titubear, sem mais dizer nada,
erguendo-se, Kane cingiu sua espada.*

Olhando então a noite com austero

*semblante,
abriu o puritano caminhos entre a gente
que só o viu caminhar para o negro
horizonte.*

*Houve mesmo aqueles que
seu vulto esguio
viram caminhando contra
a lua incolor.*

*Mas com que destino, por que trilhas seguiu,
homem algum foi capaz de supor...*

*...embora murmurasse
a brisa agitada:
“Sua vida será sempre
uma sem-fim caminhada !”*



Agradecimentos

Meu agradecimento a Fabrício Sousa, Fernando Neeser de Aragão, Edilene Brito da Cruz de Aragão, que disponibilizaram estes contos traduzidos no site Crônicas da Ciméria e o pessoal da Saída de Emergência (Portugal), tornando possível a edição deste e-book.

Estes tradutores e digitadores não participaram diretamente da edição deste livro eletrônico.

Ilustrações © 1998 por Gary Gianni

The Right Hand of Doom © 1968 by Glenn Lord for Red Shadows

Rattle of Bones © 1929 by Popular Fiction Publishing Company for Weird Tales, June 1929

The Moon of Skulls © 1930 by Popular Fiction Publishing Company for Weird Tales, June, July 1930

Hawk of Basti © 1968 by Glenn Lord for Red Shadows

Skulls in the Stars © 1928 by Popular Fiction Publishing Company for Weird Tales, January 1929

The Hills of the Dead © 1930 by Popular Fiction Publishing Company for Weird Tales, August 1930

The Children of Asshur © 1968 by Glenn Lord for Red Shadows

The Footfalls Within © 1931 by Popular Fiction Publishing Company for Weird Tales, September 1931

Solomon Kane's Homecoming © 1936 by Shepherd and Wollheim for Fanciful Tales, Fall 1936

PEQUENA BIOGRAFIA DE ROBERT E. HOWARD

Robert Ervin Howard, criador de densas e vigorosas fantasias, nasceu em 22 de janeiro de 1906, em Peaster, Texas. Leitor insaciável desde a infância, sentia fascínio inato pela História, o que lhe foi muito útil anos mais tarde. Sua inclinação literária, contudo, parecia algo incoerente, principalmente quando comparada ao seu aspecto físico: cerca de 1,83 m de altura, pescoço grosso, cintura esguia, enfim, tudo para ser associado, como foi, aos personagens que criou e tornou famosos.

Ainda jovem, Howard fez de tudo um pouco: foi repórter jornalístico, secretário particular numa agência de advocacia, taquígrafo, balconista de lanchonete e... ah, sim, até carteiro. Tudo isso sem nunca perder de vista sua verdadeira vocação de contador de histórias fantásticas.

Sua fértil carreira de ficcionista, propriamente, teve início quando, aos 18 anos, sua primeira história foi vendida para a legendária revista *Weird Tales*, criando praticamente sozinho o atualmente difundido gênero de magia e aventura, apresentando aos leitores o Rei Kull da Valússia em 1929 e Conan da Ciméria em 1932. Ele também escreveu contos esportivos, bem como histórias orientais e de faroeste para outras revistas.

Seu estilo pitoresco, emoldurado por ambientações dramáticas e salpicado de batalhas sangrentas, garantiu-lhe grande sucesso como autor de aventuras e inveja por parte de seus colegas. Howard também aventurou-se na poesia; para citar o poeta H. P. Lovecraft, sua obra era "estranha, vertiginosa, emocionante". Além das obras publicadas, Robert E. Howard manteve volumosa correspondência com personalidades literárias, como Clark Ashton Smith, Edmond Hamilton, E. Hoffmann Price, Otis Adelbert Kline e o já mencionado H. P. Lovecraft.

De longe sua criação mais conhecida, Conan, tornou-se tão popular entre os leitores da *Weird Tales* que Howard foi obrigado a abandonar seus outros heróis para dedicar-se exclusivamente às sagas do gigante cimério. Ele esboçou numerosos contos sobre o intrépido bárbaro, mas devotou suas energias na escritura de uma única novela sobre o herói, chamada *A Hora do Dragão* (*The Hour of the Dragon*). Composta em parte por vários contos recuperados, a novela passou a ser impressa em forma de livro como *Conan, o Conquistador* (*Conan the Conqueror*).

Howard morava com seus pais no vilarejo de Cross Plains, Texas, e sua carreira

ganhou ainda mais notoriedade quando os vizinhos descobriram que a renda do autor era maior que a do presidente do banco. Sua última história, assim como a primeira, foi vendida para a Weird Tales.

Robert E. Howard suicidou-se em 11 de junho de 1936.

Após sua morte, suas obras pareciam fadadas ao esquecimento, como ocorreu com a produção de autores do mesmo gênero. Na década de 40, alguns contos de Howard foram reunidos numa edição limitada de capa dura da Gnome Books. Porém, a verdadeira ressurreição do interesse pela obra do escritor só aconteceu nos anos 60, quando as histórias de Conan voltaram a circular na forma de brochura, e novas histórias foram criadas por L. Sprague de Camp e Lin Carter.

Em 1970 a Marvel Comics adquiriu os direitos para versão em quadrinhos de Conan e outros personagens de Robert Howard, dando início à mais extensa e prolifera das publicações howardianas. Esse processo estende-se até hoje, com exceção de um período em que as brochuras de Conan Canon (Os Cânones de Conan) não eram disponíveis devido a complicações jurídicas. Nesse período, a premiada série colorida em quadrinhos, Conan the barbarian (Conan, o Bárbaro), manteve o público em contato com o herói.



Espécie de astrônoma tribal amadora (Nota do Tradutor). [↵](#)

Afrit: Um poderoso espírito do mal, ou gigantesco e monstruoso demônio, na mitologia árabe (Nota do Tradutor). [↵](#)